

== CINETEATRO SÃO LUIZ ==

São Luiz

== FORTALEZA ==

CINETEATRO





São Luiz

≡ FORTALEZA ≡

C I N E T E A T R O







Texto

ETHEL DE PAULA

São Luiz

— FORTALEZA —

C I N E T E A T R O

 **TERRA
DA LUZ**
EDITORIAL

1ª Edição

Fortaleza • Ceará

2021

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Governador

Camilo Sobreira de Santana

Vice-Governadora

Izolda Cela de Arruda Coelho

SECRETARIA DA CULTURA DO ESTADO DO CEARÁ

Secretário da Cultura

Fabiano dos Santos Piúba

Secretária Executiva da Cultura

Luisa Cela

Secretária de Planejamento e Gestão Interna da Cultura

Mariana Braga Teixeira

INSTITUTO DRAGÃO DO MAR

Presidente

Rachel Gadelha

CINETEATRO SÃO LUIZ

Diretor

José Alves Netto

Projeto Editorial

Terra da Luz Editorial

Coordenação Editorial

Patrícia Veloso

Produção Editorial

Laís Cordeiro

Projeto Gráfico

Majoí Ainã Vogel
e Carlos Enrique Tapella

Textos

Ethel de Paula

Fotografias

Arquivo Nirez, Acervo Cineteatro São Luiz, Acervo Imagem Brasil e Gentil Barreira

Contribuição especial – texto de restauro

Robledo Duarte
Daniel Motta

Revisão de textos

Luiz Carlos Nunes Farias
Déborah Araújo

Capa: Visão frontal do palco e do auditório, com destaque para as composições estéticas da arquitetura. 2019. Gentil Barreira.

Páginas 2 e 3: Cineteatro São Luiz, na Praça do Ferreira, Centro de Fortaleza. 2021. Gentil Barreira.

Página 4: Hall de entrada do Cineteatro São Luiz, destaque para lustres de cristal. 2017. Gentil Barreira.

Página 7: Palco do Cineteatro São Luiz, evidenciando a arquitetura. 2018. Gentil Barreira.

Página 8: Detalhes da coluna lateral do palco com pinturas em douramento e composições geométricas. 2019. Gentil Barreira.

Páginas 10 e 11: Show da cantora Kátia Freitas e banda. 2018. Gentil Barreira.

Página 12: Adornos de paredes e teto no interior na sala de espetáculos. 2019. Gentil Barreira.

C387 Cineteatro São Luiz. / Organização e Coordenação
Patrícia Veloso.
1ed.- Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2021.
160p.: il. color.

ISBN 978-85-88112-33-9

1.Ceará – Aspectos socioeconômicos 2. Ceará – Aspectos culturais 3.Ceará – Patrimônio histórico

I.Título II. Autor
CDD: 910
CDU: 308 (813.1)

Produção



TERRA DA LUZ EDITORIAL



Lei de Incentivo à CULTURA

Patrocínio



3 corações



Morlan



Cagece



CDL



Casa Rio
Sempre na moda



Fecomércio CE
Sesc Senac IPDC

Apoio Institucional



INSTITUTO DRAGÃO DO MAR



São Luiz



CEARÁ cultura SECULT



CEARÁ GOVERNO DO ESTADO

Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO



PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Terra da Luz Editorial

Rua Rocha Lima, 1707
CEP 60135-285 Fortaleza-CE
Brasil

Telefone + 55 (85) 3261 0525
www.terradaluzeditorial.com.br

Este livro não pode ser reproduzido no todo ou em partes, sob qualquer forma, sem autorização do editor.





CINETEATRO SÃO LUIZ: A POLÍTICA CULTURAL CRIATIVA

O Ceará celebra a vitalidade de mais de seis décadas do Cineteatro São Luiz, um dos mais importantes equipamentos culturais do país e que, unindo tradição e inovação, se reinventa a cada dia, oferecendo programação de qualidade e acesso à arte para todos e todas.

Com muito orgulho, o Governo do Ceará rende homenagens a esse “templo cinematográfico”, lugar das mais lindas lembranças, espaço que ajuda a contar a história de nossa capital, que encanta as gerações, faz emocionar e, principalmente, que democratiza a cultura, a torna política pública eficaz, dinâmica e também popular.

O Cineteatro São Luiz está encravado no meio do coração de Fortaleza, na Praça do Ferreira, e acolhe o público com toda receptividade e cearensidade. Sempre vivo na alegria de cada um, hoje o Cineteatro é espaço afetivo para cearenses e turistas. É um de nossos mais encantadores cartões-postais

Há muito o que se lembrar nesses mais de 60 anos. Após ser fechado para reforma, fizemos esforços e investimentos para colocar, em plena atividade, um novo Cineteatro para o povo. Com essa modernização, temos hoje, em 2020, um dos equipamentos culturais mais atuantes e bem equipados do país, com projeções de alto nível de qualidade e programação de excelência.

Equipamento da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, um bem tombado, protegido e muito bem cuidado, o Cineteatro ganhou ênfase na política cultural e cada vez mais espaço nas ações públicas e destaque nacional. Acolhendo grandes e importantes eventos, é local de referência para as artes, sempre com programação de qualidade, na sua maioria gratuita ou com preços populares; é palco para turnê dos principais grupos e coletivos artísticos; é espaço de invenção e tradição, unindo teatro, dança, música, cultura popular; é janela para a arte local e projeção de futuro para os nossos artistas.

O Cineteatro é local de bons encontros, de aprendizagem, onde a arte é democrática e a cultura se faz com acessibilidade e responsabilidade. Para o Governo do Ceará é lugar onde a Cultura acontece, onde a política pública se faz de forma eficiente, com qualidade e maestria, é lugar de orgulho de ser cearense!

O Governo do Ceará parabeniza o Cineteatro São Luiz e a Secretaria da Cultura do Ceará por esse importante equipamento cultural, e deseja vida longa ao nosso querido São Luiz!

Ceará, o estado da Cultura!

Camilo Santana
Governador do Estado do Ceará





VIVA O CINETEATRO SÃO LUIZ

O Cineteatro São Luiz é um cinema de praça e uma travessia temporal. De praça porque, além de ser um dos poucos cinemas de rua que ainda resiste na cena urbana brasileira, é um cinema democrático cravado em plena Praça do Ferreira, coração da cidade de Fortaleza. Temporal porque quase todo mundo tem uma história com o São Luiz. Uma memória afetiva e estética. Ele é intergeracional. Pais e filhos, netos e avós o frequentam porque há uma existência sentimental com o equipamento que vem marcando gerações do antes, do agora e do porvir. É uma casa de espetáculos que une tradição e modernidade, reinvenção com lembranças. Tem seus alicerces firmados no passado, seu corpo no presente e suas asas no futuro.

O Cineteatro São Luiz é um clássico. Estamos sempre relendo-o, revisitando-o, redescobrimo-o, experimentando-o agora, outra vez e sempre. Os clássicos são assim, exercem em nós uma influência particular porque nos impõem ao inesquecível e ao inconsciente coletivo. Um templo sagrado das artes e da cultura, o Cineteatro São Luiz é tombado como patrimônio cultural, histórico e artístico do Ceará. Portanto, uma instituição cultural que deve ser preservada como um bem do povo cearense na majestade de sua arquitetura e na memória social de nossa capital. Este livro celebra sua maturidade, ao ultrapassar 60 anos de história, mas também sua resistência ao longo dessas seis décadas e de como vem se consolidando para o futuro, compondo a Rede Integrada dos Equipamentos Culturais da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.

Vale lembrar que depois de um longo tempo fechado, o Governo do Estado o adquiriu do Grupo Severiano Luiz Ribeiro, tornando-o um bem público e instituição cultural vinculada à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Após uma grande reforma, um restauro de fôlego e uma modernização de ponta em seus equipamentos de projeção, luz, som e mobiliário foi reinaugurado no Governo Cid Gomes recuperando seu projeto original de ser uma casa de cinema e de espetáculos. Foi assim que foi entregue à população cearense no final do ano de 2014: como Cineteatro.

No Governo Camilo Santana, a partir de 2015, o Cineteatro São Luiz reabriu suas portas, promovendo uma programação intensa, dinamizando a cena e o cenário artístico do Ceará em conexão com o Brasil e o mundo, posicionando-se como um equipamento cultural

na requalificação do Centro e do convívio sociocultural em nossa capital. Nesse contexto, o Cineteatro São Luiz se insere como elemento vital no direito à cidade, melhor dizendo, no direito de reinvenção da cidade a partir da arte e da cultura, ocupando um lugar de destaque e de um caso exitoso na política cultural, fomentando a exibição da produção do audiovisual brasileiro e movimentando a cena musical e cênica cearense e brasileira.

As artes nos expandem e o Cineteatro São Luiz é uma casa de artes expansiva. Além de belo, traz uma grande qualidade técnica como sala de cinema e casa de espetáculos de referência nacional, oferecendo uma programação acessível, consistente e crescente para formar o hábito e o imaginário do espaço. O São Luiz é assim, uma experiência estética. Um lugar não só de formação de público, audiência ou plateia, mas, substancialmente, um lugar de formação de repertórios culturais e artísticos.

Projetos como o “Escola no Cinema” têm proporcionado para crianças de escolas públicas experiências incríveis, desde adentrar em um cinema pela primeira vez, encantar-se com a beleza arquitetônica do prédio a assistir filmes que despertam o senso estético e ampliam os seus repertórios culturais. Vale destacar também o projeto “Férias no São Luiz” que já virou um ponto de encontro de famílias nos meses de janeiro e julho com as sessões lotadas. O mesmo podemos afirmar da “Sessão Sonora” – exibição de filme seguido por um show musical – e das “Maratonas”. O “Curta São Luiz” e as mostras temáticas e autorais de cinema também são um sucesso que revelam a diversidade na programação, a cidadania no serviço e a democratização do acesso às artes e à cultura.

O Cineteatro São Luiz, equipamento marcado pela transparência e eficiência na sua gestão, é uma casa que ocupa lugar de afeto na vida do cearense. Ele é isso: um elo entre gerações, para todas as idades e públicos. Um espaço de memória afetiva e simbólica, um palco democrático para a política cultural de qualidade e com diversidade. Um lugar de reconhecimento e de pertença. Um bem público do povo cearense. Por isso, dizemos em alto e bom som: o Cineteatro São Luiz é de todos e de todas!

Então, viva sua história, sua existência e seu futuro!

Fabiano dos Santos Piúba

Secretário da Cultura do Estado do Ceará



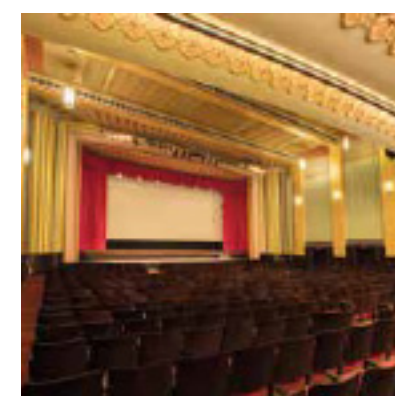
•17•
UM CINEMA
CHAMADO
DESEJO



•43•
O PODEROSO
CHEFÃO DOS
CINEMAS



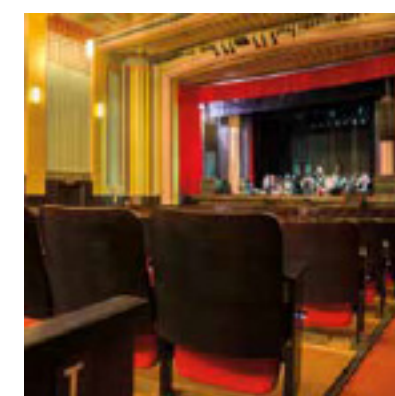
•61•
ELAS NÃO
USAM
BLACK-TIE



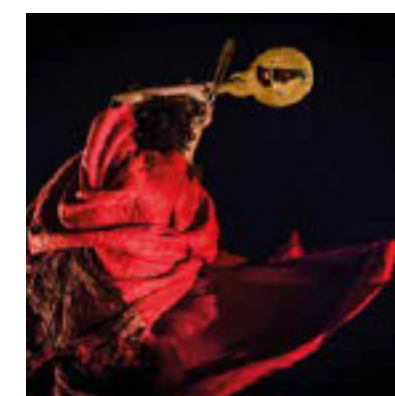
•69•
HIGHLANDER:
O GUERREIRO
IMORTAL



•97•
ASSIM
CAMINHA A
HUMANIDADE



•103•
ALADIM E
A LÂMPADA
MARAVILHOSA



•111•
O FABULOSO
DESTINO DO
CINETEATRO
SÃO LUIZ



“Enfim, é lindo, uma estrutura bem antiga, parece aquelas coisas de Paris, a modernidade, mas é tudo bonito, a gente se sente bem, é amplo. É maravilhoso vir pra cá. É um ponto histórico para trazer as crianças e saber mais da nossa cultura.”

Solene Ferreira, espectadora.

UM CINEMA CHAMADO DESEJO

Há mais de 60 anos, o desejo coletivo deu forma à beleza ímpar do Cinema São Luiz, delegando ao incomparável “templo” cinematográfico do Grupo Severiano Ribeiro o destino das imagens e narrativas de uma época em que o cinema não só era a melhor como a mais popular diversão, rugindo tão alto e vigoroso quanto o “leão” da Metro. Diante dele, esplendoroso em tamanho e requinte, uma ainda provinciana Fortaleza abria os braços sem medo para a modernidade, acreditando e investindo fortemente na promessa de progresso e prosperidade que até hoje é dívida e dúvida, como um filme em infinda fase de montagem.

Motivo de orgulho pelo seu incontestável valor estético, o inevitável sucesso de público e crítica do São Luiz massageou o ego local e sobreviveu à tesoura inexorável do tempo, fazendo dele o espelho catalisador

e o centro irradiador de histórias e memórias afetivas da cidade. Assim é que, apagando as fronteiras entre o dentro e o fora, o mais amado cinema de Fortaleza afetou e se deixou afetar pelo *ethos* de suas plateias, tornando-se a um só tempo símbolo e agente de trocas simbólicas.

Atento ao corpo a corpo amoroso e à existência indivisível entre pessoas e lugares, o escritor Italo Calvino poetizou: “a cidade se embebe como uma esponja dessa onda que refluí das recordações e se dilata. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, em cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras”.



Fachada do Cine São Luiz, na Praça do Ferreira, no dia de sua inauguração. Década de 1950. Arquivo Nirez.

Registro do auditório do Cine São Luiz na década de 1950. Arquivo Nirez.

É bem assim com o São Luiz. Na espiral do tempo, o mais antigo cinema de Fortaleza não se desvela como lugar meramente rememorativo, mas dispositivo capaz de abrir ou reativar espaços contínuos de interferência e pertencimento à nossa história. Sobre ele, a imagem que se projeta é a da memória como atitude mobilizadora, aquela que dá atenção ao que fomos, mas também nos interroga sobre o que estamos nos tornando.

Metaforicamente, através de sua tela mágica, rebobinamos o nosso próprio filme, usando a emoção como gesto político de abertura para o mundo. Não em busca do *frame* decisivo que se encerra em um final feliz, mas, ao contrário, daquele plano-sequência que, sempre em aberto e sem fim, aponta para a encantatória possibilidade de reedição e reprojeção da vida.



Rua Major Facundo, com o Hotel Excelsior ao fundo. 1935. Acervo particular.

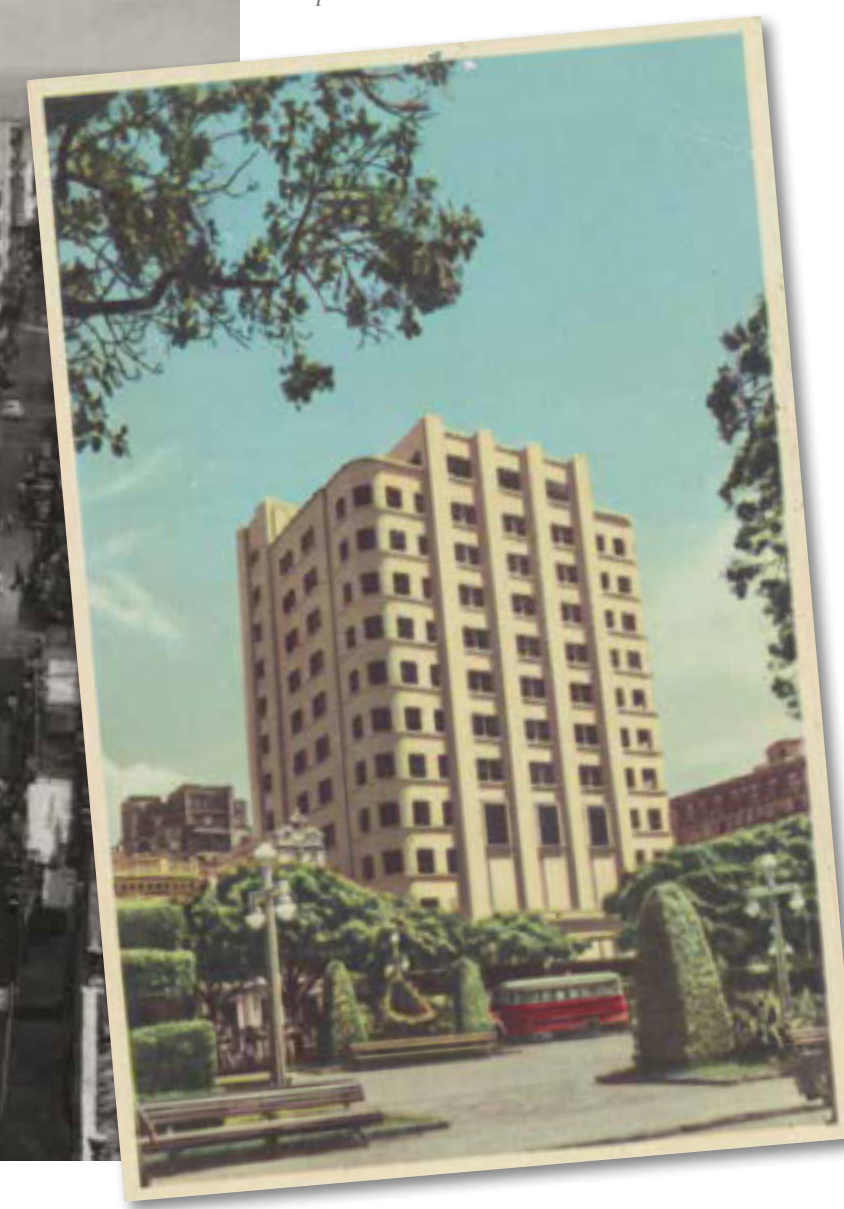
Praça do Ferreira e Rua Major Facundo com a circulação de bondes elétricos. 1939. Arquivo Nirez.





Vista aérea da Praça do Ferreira, em destaque a Coluna da Hora e as edificações do entorno. 1954. Arquivo Nirez.

Cartão-postal colorizado do Cine São Luiz. 1957. Arquivo Nirez.



O NASCIMENTO DE UM ÉPICO

Foco na cabine de projeção. Altivo em sua magreza longilínea combinada a gestos lentos, José Natal Marcelo de Oliveira havia completado 72 anos naquele 25 de dezembro de 2014. Três dias antes, um júbilo extremo já lhe tomara de assalto, adiantando o melhor das comemorações. Tudo por conta da reinauguração do Cineteatro São Luiz, novo de novo e caprichosamente restaurado em seus minuciosos detalhes cênicos, técnicos e decorativos. Remodelação que ele encarou como miragem, um regalo inestimável para quem, ao longo de 43 anos, precisamente entre 1962 e 2005, incorporou, com honra e orgulho incontestes, a aura mágica de projetorista da mais valiosa e lapidada joia do império exibidor do Grupo Severiano Ribeiro, empresa-símbolo do espetáculo cinematográfico no Brasil.

Fevereiro de 2017. Três anos após pisar o tapete vermelho como homenageado especial da solenidade de reabertura do Cineteatro São Luiz, seu Natal falece sem conseguir alcançar as comemorações dos 60 anos de existência e resistência do cinema de estimação, festejados a partir de março de 2018. Ondulante e porosa, a memória daquele par de olhos azuis saturados de dramas, aventuras e comédias pede revanche. E é ela quem, entrelaçando os tempos, guia o velho projetorista de volta ao plano-seqüência da história, na pele daquele que foi o mais antigo funcionário remanescente do último cinema de rua do Centro de Fortaleza, uma edificação suntuosa em seu estilo *art déco* e que tem a Praça do Ferreira como extensão física e vibrátil de seus atuais 1050 lugares fixos.

Aplausos para o projetorista invisível. Ele que, sem nunca ter faltado ao trabalho e por sucessivos natais e viradas de ano, projetou, solitário na sala escura, no melhor estilo *Cinema Paradiso*, uma lista incontável de filmes para plateias trepidantes e igualmente diversas, abrilhantando os bastidores de uma empreitada cinematográfica deflagrada desde quando o cinema ainda era mudo e o cearense de Baturité, Luiz Severiano Ribeiro, apostou todas as fichas de empresário empreendedor e visionário na maior diversão do novidadeiro e espetaculoso século XX. Jogada de mestre, vitoriosa até hoje, quando, mais de seis décadas depois, a linhagem familiar do patriarca dos Severiano Ribeiro mantém-se no pódio do circuito nacional com salas escuras e “telas mágicas” espalhadas por todo o país.

O roteiro em preto & branco começa em Fortaleza com o “velho” Ribeiro dando sua primeira dentada no bolo do mercado exibidor, ao adquirir, ainda em 1915, o modesto Cine Riche, para, logo no ano seguinte, em 1916, comprar o Cineteatro Polytheama, justo na Praça do Ferreira, coração da cidade. Um reduto do cinema mudo que permaneceu fiel ao gênero até seu fechamento, em 1938, quando os jornais da época anunciam sua última sessão e, como desdobramento, a demolição subsequente, com vistas a abrir espaço aos então 1.400 assentos originais do moderníssimo e estereofônico Cinema São Luiz, aquele que seria alardeado como o mais novo e ousado empreendimento do Grupo Severiano Ribeiro.

Longo e rocamboloso enredo. Sem que ninguém pudesse imaginar, o cerrar das portas de um para a abertura triunfal do outro resultaria em verdadeira saga, uma quase lenda urbana, digna de filme. Ainda menor de idade, seu Natal testemunhou o burburinho enquanto trabalhava como caixa de um dos boxes de merenda do Abrigo Central, arremedo

de mercado em volta do qual crescia a expectativa em torno de um cinema de alto luxo, cujo projeto arquitetônico teria sido encomendado ainda em 1935 para o cearense radicado no Rio de Janeiro, Humberto da Justa Menescal. Acontece que o São Luiz simplesmente não saía do papel. E, do anúncio de sua chegada à inauguração propriamente dita, em março de 1958, foram nada menos do que duas décadas de espera.

Ávida por progresso e novidade, a claque alencarina, claramente frustrada, não poupou críticas ao imbróglie. Em tom rascante, pondo lenha na fogueira, a pressão pública se estenderia às páginas dos jornais, cobrando providências frente a um São Luiz inconcluso e cercado por tapumes de madeira em pleno quadrilátero mais charmoso e simbólico da cidade. Uma zanga com razão de ser, já que, ali, justamente entre as concorridas ruas Guilherme Rocha e Liberato Barroso, um formigueiro humano invariavelmente se apinhava para negociar, mas também ter vida social no entorno da Praça do Ferreira - ela que, sozinha, representava o centro geográfico e cultural de Fortaleza naquele início da década de 1940, quando não se contavam mais do que 200 mil habitantes.

Uma cidade em sua dita *belle époque*, tendo Paris como modelo até no desenho de suas edificações e em flagrante estado de deslumbre diante do advento e da popularização da técnica e magia do cinema, invento saído do gênio do norte-americano Thomas Edison, mas aperfeiçoado pelos franceses, entre eles os irmãos Lumière. Desde 1897, Fortaleza já mantinha contato com as primeiras “vistas animadas”, imagens ainda bem rudimentares, projetadas por engenhocas portáteis não menos frágeis empunhadas pelas mãos de exibidores ambulantes vindos de além-mar. Daí que não havia sentido em romper o século XX sem estar a par de toda a evolução que o cinema estivesse a anunciar.

“A pessoa vem aqui sente a cultura protegida pelo céu, pelos lados e pelo chão. É como um útero materno que está dando cultura às pessoas. Estou muito emocionado de ter vindo aqui.”

Tom Zé, cantor e compositor.



Cine Moderno, Praça do Ferreira. 1921-1931. Arquivo Nirez.

Rua Major Facundo, na Praça do Ferreira. Vista do Photo Salles, em seguida o Cine Moderno e a Sorveteria Cristal. 1932. Arquivo Nirez.

Sala de projeção do Cine Moderno. 1936. Arquivo Nirez.





“Para mim, o São Luiz é um dos pontos mais memoráveis da nossa capital. Nele, sonhos foram e são possíveis de se realizar. Me enche os olhos todas as vezes que adentro o salão. Como artista me realizei ao me apresentar na gravação do DVD do cantor Ednardo. E como espectador me surpreendi, me emocionei, sorri e gritei.”

Fabrizio Santos, espectador.



Folheto de programação dos cinemas pela empresa Luiz Severiano Ribeiro, em Fortaleza. 1931. Álbum de Fortaleza.

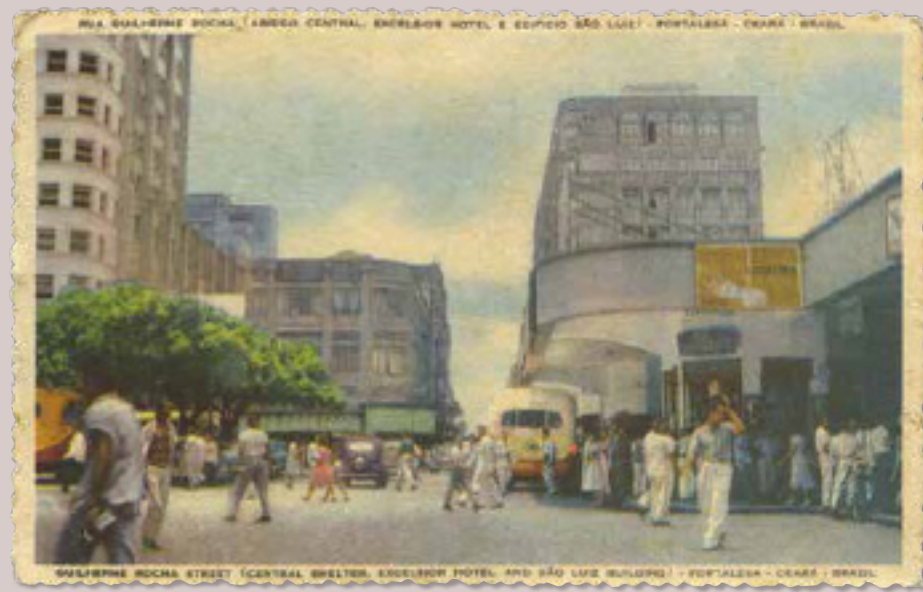
Salão principal do Restaurante do Clube Iracema, no Palacete Ceará, à direita família Severiano Ribeiro. 1924. Foto Sales/Arquivo Nirez.

Cena urbana, na Praça do Ferreira, ao fundo Cine-Theatro Polytheama. 1936. Arquivo Nirez.



Rebobine-se o filme. Em 1938, engrossando o coro dos descontentes, o jornal O Povo publicaria, durante um mês inteiro, afiadas quadrinhas, numa campanha diária de reivindicação pelo Cine São Luiz. A pilhéria sobre papel chamava atenção para fatos plausíveis e iminentes daquela década, como também para os mais marcantes ou inusitados acontecimentos, como o voo do Zepelim nos céus do Brasil; a morte de Lampião; a chegada da aeronave Tupan, da Condor; o encontro com as vozes inimitáveis de Bidu Sayão e Francisco Alves por Fortaleza; a instalação do tradicional Clube Iracema em prédio estilo *art déco*, na Praça dos Voluntários; a entusiasmante primeira sessão de cinema falado no Cine Moderno, através do sistema Vitaphone; e até a volta triunfal da seleção brasileira campeã da Copa da Suécia. Tudo para, ao final, fechar a rima com um contundente e risível “só não vem o São Luiz”.

Registrada pelo cinéfilo e pesquisador Ary Bezerra Leite, autor dos livros *Fortaleza e a Era do Cinema*, *Memória do cinema: os ambulantes no Brasil* e *A Tela Prateada*, a campanha do jornal O Povo já reproduzia no título, *Conversa Fiada*, o clima de indignação e desapontamento:



Cartão postal colorizado da Rua Guilherme Rocha. 1955. Arquivo Nirez.

*Vem a reforma exterminio,
(Urbanismo infeliz)
Da Praça do Patrocínio
Só não vem o "São Luiz".*

*Com justa e profunda mágoa
Nosso povo se maldiz:
- Vem planta que bota água
Só não vem o "São Luiz".*

*Diz o cura com voz forte,
Prajando a sobrepelez:
- Vem a vida e vem a morte
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem rádio, vem Zepelin,
Televisão, raio X,
Cinema falado... Enfim,
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem conferências de paz
Com resultado feliz.
Um feriado vem de mais.
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem "craks" europeus
Jogar em nosso país.
É horrível... Santo Deus!
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem mineiros e paulistas,
Gente de fino verniz.
Vem dezenas de turistas
Só não vem o "São Luiz".*

*Com desusada alegria
Exclama certo petiz:
- Vem o time da Bahia.
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem até um frigorífico
Lá pras bandas de Boris.
(Para o povo é magnífico)
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem o mosquito Costales,
Que é da malária a raiz;
Vem novos e velhos males,
Só não vem o "São Luiz".*

*A construção do cinema
Fica na planta; no giz...
Vem o prédio do "Pracema",
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem a - extraordinária
Regressando de Paris.
Vem carestia e malária,
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem concorrências honestas
Que toda gente bendiz.
Vem conferências e festas,
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem Roberto e Bataçais,
Válor Perácio e Nariz.
Vem o porto... Mas - que horror!
Só não vem o "São Luiz".*

*Evamos ter, brevemente,
(Vejam que ideia feliz!)
Feira de amostra!... Realmente
Só não vem o "São Luiz".*

*Para o José de Alencar:
Vem a Bidu - grande atriz.
Outros astros vão chegar,
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem carro de passageiro,
Vem trilhos e automotriz
(Diz o Hugo) vem dinheiro,
Só não vem o "São Luiz".*

*Válha-me Nossa Senhora,
Meu São Francisco de Assis!
Vem o "Tupã" ... antes da hora,
Só não vem o "São Luiz".*

*O piloto americano,
Por cima de alcantís,
Ao Brasil virá esse ano,
Só não vem o "São Luiz".*

*Na rua Major Facundo
Um garoto assim prediz
- Vem vulcão! É o fim do mundo!
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem surto de fanatismo
Do sertanejo infeliz,
Vem combate ao extremismo,
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem o desastre do trem
Que perdeu a diretriz.
Ruralismo, tudo vem,
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem os cachos de bananas
E as "cargas de abacaxis"...
Vem mentiras, vem chicanas,
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem plebiscito, eleição
Do mais vistoso matiz,
Para exemplo da nação...
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem a morte de Lampeão
E o sertanejo feliz,
Exclama em todo sertão
Só não vem o "São Luiz".*

*Causando grande alegrão
Vêio a notícia feliz
Da morte de Lampeão
Só não vem o "São Luiz".*

*Isso é conversa fiada
- Todo mundo assim o diz
São Pedro vem... de jangada
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem remoção do mercado,
Mudança de meretriz,
Vem sanatório, vem gado,
Só não vem o "São Luiz".*

*- "São Luiz" pergunta o povo.
Oh que "palpite feliz!"
Vem tudo no Estado Novo,
Só não vem o "São Luiz".*

*Vem papoira, vem bronquite,
Vem tifo, gripe, pleuris,
Febre amarela, enterite,
Só não vem o "São Luiz".*

*Ouvi dizer essa coisa,
Lá na Praça da Matriz:
- Vem o Moreira de Sousa,
Só não vem o "São Luiz".*

*Exclamava alguém, a sós,
Na rua do Chafariz:
- Vem até o "rei da voz!"
Só não vem o "São Luiz".*

Praça do Ferreira em evidência a Coluna da Hora. Cine-Theatro Majestic Palace, no centro da imagem, e o Cine Moderno à esquerda. 1934. Arquivo Nirez.



*** Reprodução de notícia de jornal com grafia da época.

Palavras ao vento. Porque nem a provocação pública e notória foi capaz de fazer o Grupo Severiano Ribeiro imprimir celeridade às obras iniciadas em 1939 com a demolição não só de um dos seus cinemas, o Polytheama, mas também de dois outros imóveis vizinhos que tinham um significado afetivo para o empresário, a exemplo da antiga residência da família, que naquela época já servia como escritório, e da Casa Americana, comércio em cuja sede outrora havia morado o seu avô, João Severiano Ribeiro. Uma construção por muito tempo com cara de ruína, até a retomada definitiva dos trabalhos, já na segunda metade da década de 1950.

Assim é que, somente em março de 1958, o tão aguardado São Luiz viria apaziguar os ânimos em uma cidade instigada a reivindicar a expansão de sua Cinelândia, cujo traçado havia sido iniciado pelo modesto Cinematógrafo Art-Nouveau ou Cinema Di Maio, em 1908, para chegar aos cines Polytheama (1911), Riche (1915), Majestic (1917) e Moderno (1921), estes quatro últimos salões exibidores pertencentes ao Grupo Severiano Ribeiro e exemplos notórios do sucesso de público e crítica que o jargão adotado pela empresa tornada líder do mercado exibidor de cinema no Brasil viria repetidamente confirmar: "cinema é a melhor diversão".

Mas, afinal, qual a razão para tamanho adiamento? Na crônica local, foram muitas as especulações que vieram à tona: a mais risível, tida como pouco provável, gira em torno de uma cartomante que havia previsto a morte de Luiz Severiano Ribeiro logo após a abertura do novo empreendimento. Uma outra diz sobre a cautela do Grupo diante do rescaldo da Segunda Guerra Mundial e a dificuldade de importação de muitas das matérias-primas usadas; uma terceira aponta para a pressão dos concorrentes, numa época em que, já morando no Rio de Janeiro, o “velho” Ribeiro passou a adquirir e reformar cinemas de bairro nas principais capitais do país, aumentando os gastos com investimentos.

Por fim, um fato: o anúncio pela imprensa fortalezense, ainda em 1938, da construção de um prédio azul-anil que traria em seu conjunto uma luxuosa sala de exibição cinematográfica. De propriedade do industrial cearense José Diogo de Siqueira, o iminente cinema em questão, que inclusive levaria o nome do dono, seria arrendado e aberto à livre concorrência. Iniciadas as rodadas de negociações, o maior lance veio justamente das mãos ambiciosas de Luiz Severiano Ribeiro, que já passaria a explorar o Cine Diogo a partir do dia 7 de setembro de 1940.

Naturalmente, o segundo arranha-céu de Fortaleza, imponente do alto de seus nove pisos, roubou a cena local, ocupando todos os noticiários inclusive por superar em altura o Excelsior Hotel, um “gigante” de sete andares inaugurado em grande estilo no último dia de dezembro de 1931. Com capacidade para 995 pessoas, o Cine Diogo, fincado à Rua Barão do Rio Branco, bem próximo de onde seria o esperado São Luiz, não demorou a emplacar, tornando-se o líder do circuito Ribeiro e deixando Moderno e Majestic em segundo plano.

Edifício Diogo, na Rua Barão do Rio Branco, onde se localizava o Cine Diogo no Centro de Fortaleza. 1939. Arquivo Nirez.

Lateral da entrada do Cine Diogo, com destaque para bilheteria e cartazes dos filmes da programação. Década de 1950. Arquivo Nirez.

Rua Guilherme Rocha, construção do edifício Diogo ao fundo. 1938. Arquivo Nirez.





*Cine São Luiz em construção,
Praça do Ferreira. 1956.
Arquivo Nirez.*

*Programa Inaugural do
Cine São Luiz distribuído
entre os frequentadores.
1958. Arquivo Nirez.*

*Registro da construção
do Cine São Luiz. 1955.
Arquivo Nirez.*



De tão festejado, o pesquisador Ary Leite arrisca imaginar que não haveria motivo para a mesma empresa edificar outro salão cinematográfico de mesmo porte à custa de tão alto investimento logo em seguida, motivo pelo qual, acredita, o São Luiz teria permanecido em banho-maria ainda por mais tempo. Leia-se em *A Tela Prateada*: “Hall imponente, salas de espera em mármore de Carrara, salão belamente decorado com amplo balcão, moderno sistema de iluminação, palco com cortina que se abria ao som de gongos melodiosos e mutação de luzes coloridas, poltronas confortáveis, excepcional

qualidade de projeção... belíssimo cinema que também oferecia refinado serviço de recepcionistas, tudo com máximo requinte de qualidade”.

Tamanho investimento foi o bastante até para silenciar a imprensa local, que imediatamente se renderia ao que chamou de “dinamismo” do “operoso conterrâneo” Luiz Severiano Ribeiro, vangloriando “a mais luxuosa casa de exibição cinematográfica do Norte do Brasil” e sua disputada solenidade de abertura, que contou com a presença não só daquele que já era considerado o “rei” do cinema no país, como de autoridades e renomados convidados.



Praça do Ferreira, em destaque o Cine São Luiz em construção ao lado, o Hotel Excelsior. Década de 1940. Acervo particular.

Daí em diante, foram mais duas décadas para que o épico chegasse ao fim: era 26 de março de 1958 quando o aguardado Cine São Luiz finalmente voltaria a ser notícia, colado ao emocionado discurso de inauguração do dono do negócio, que pedia solenemente ao povo cearense que fizesse daquele empreendimento o seu cinema. Irretocável e sem precedentes, de fato o Cine São Luiz viria fazer jus ao tamanho da promessa e do sonho mirabolante de Luiz Severiano Ribeiro, que bradava aos quatro ventos a determinação em construir na terra-natal o melhor e mais belo cinema do Brasil.

Assim foi feito. O auditório de 2.653 metros quadrados era do chão ao alto uma obra de arte, embasbacando a sociedade obrigatoriamente levada a vestir paletô e trajar vestidos longos para adentrar o recinto, além de pagar ingressos que poderiam custar entre 12 e 20 cruzeiros, quando um jornal à época não custava mais do que três. Em estilo *art déco*, a decoração do salão assinada por Osório Ferreira e Marcelino Guido Budini, bem como a pintura-ambiente de inspiração egípcia farta em douramentos da firma Schaffer & Harvath, resplandeciam em diferentes tonalidades na medida em que as luzes se apagavam gradativamente, até que o escuro total se estabelecesse para o abrir das cortinas.

Impressionavam igualmente as salas de espera em dois níveis e a temperatura ambiente controlada por

duas máquinas de ar-condicionado da marca Carrier com capacidade de 60hp, verdadeira novidade para a época, já que as demais funcionavam à base do ar-refrigerado, quando muito. Ary Leite recupera em detalhes: “palco com recursos para teatro, acesso pelo imponente hall e escadarias para o balcão, realçados pelo piso e revestimento em mármore de Carrara, por lustres de cristal tchecos e ricos tapetes. A qualidade de projeção resultava da excepcional tela de 14 metros, dois projetores americanos com projeção em cinemascope e lentes planas, com lâmpadas Xenon e sistema de som estereofônico de quatro faixas, totalizando 30 caixas de som”.

Capítulo à parte, não à toa o ritual de inauguração do Cine São Luiz foi cercado de pompas e circunstâncias, tendo como centro das atenções o próprio Luiz Severiano Ribeiro e seu filho, Ribeiro Júnior, que desembarcaram no aeroporto Pinto Martins, em Fortaleza, com direito à comitiva de recepção e sob os flashes de câmeras e jornalistas por todos os lados. Uma noite memorável para seletos convidados metidos em roupas de gala e a bordo dos mais luxuosos automóveis da época. E fato que jamais saiu da memória de quem teve que se manter a distância, para além do cordão de isolamento armado com vistas a conter o frisson da arraia-miúda e da turma do sereno, espremidas à frente do cinema e no entorno da Praça do Ferreira.

*“Saudando o povo de
minha terra, sentir-me-
ei reconhecido se meus
conterrâneos fizerem do
São Luiz o seu cinema.”*

Luiz Severiano Ribeiro.

Da esquerda para a direita: Ribeiro Júnior, sua esposa Lélia, Severiano Ribeiro e sua filha Yolanda chegam para a inauguração do Cine São Luiz. 1958. Acervo Grupo Severiano Ribeiro.

Salão de exibição do Cine São Luiz em seu ano de inauguração. 1958. Acervo Grupo Severiano Ribeiro.





“Foi o primeiro cinema onde eu tive o privilégio de entrar e assistir a um filme. Acho que esse equipamento representa para nossa cidade um pertencimento, uma volta de fato às nossas origens, à responsabilidade que a gente tem com a nossa história.”

Silvero Pereira, ator.

Sala de projetores do Cine São Luiz. Acervo Grupo Severiano Ribeiro.

Às 21h30min, a plateia de moradores e visitantes renomados lotou o confortável salão de poltronas vermelhas para assistir ao filme *Anastácia, a Princesa Esquecida*, produção americana dirigida por Anatole Litvak, com Ingrid Bergman no papel-título, já agraciada com o Oscar de melhor atriz em 1956. Dois dias antes da abertura oficial, a imprensa também teria sido convidada pela empresa Severiano Ribeiro para assistir ao igualmente premiado *Suplício de uma Saudade*, musical dirigido por Henry King. Estratégia bem-sucedida para alardear com antecedência o requinte de um dos comprovadamente mais bonitos cinemas do Brasil.

Ary Leite precisa: um dia após a inauguração, em 27 de março de 1958, é que o São Luiz abriria as portas ao grande público. Em clima de festa, exibiu, dia após dia, um pacote de nada menos do que 28 películas, tendo entre elas os clássicos *O Homem que Sabia Demais* e *Ladrão de Casaca*, ambos de Alfred Hitchcock; *O Manto Sagrado*, de Henry Koster, primeiro filme na história do cinema realizado com cinemascope e som estereofônico; *Juventude Transviada*, com James Dean; *Ama-me com Ternura* ou *Love me Tender*, com Elvis Presley; *Luzes da Ribalta*, de Charles Chaplin; *Demetrius, o Gladiador*, com Victor Mature e Susan Hayward, além do próprio *Anastácia, a Princesa Esquecida*. Foi o início de um ciclo de disputadas exibições e filas quilométricas em torno daquele que teria relegado os demais cinemas à segunda ou terceira categoria.

Acontecimentos vividos de perto e fielmente por seu Natal, o vetusto projecionista que do antigo trabalho só dizia maravilhas. Em mais de quatro décadas de dedicação ao empreendimento de maior

orgulho do Grupo Severiano Ribeiro nenhuma reclamação a fazer. Ele que ainda teve contato com o “velho” Ribeiro “pelo menos umas cinco vezes”, sendo sempre bem recebido. Igualmente cordial foi a relação com Ribeiro Jr., o filho, que todos os anos vinha a Fortaleza para, no silêncio da noite, inspecionar cada um dos cinemas da família.

Solta e afiada, a memória afetiva de seu Natal foi pinçar o dia em que o patrão acabou barrado pelo porteiro novato. Num tempo em que não havia roleta, mas somente a corrente e a urna, a distinção do homem bem vestido com pinta de turista que chegou se apresentando como Luiz Severiano Ribeiro não foi o bastante para convencer o empregado a deixá-lo entrar. Preferiu chamar o gerente Samuel Tabosa, outro contrito e dedicado funcionário que, quando desceu as escadas e deu de cara com o dono do negócio, não encontrou palavras para se desculpar.

Igualmente tenso, seu Natal testemunhou o final da história. E viu quando o patrão, já devidamente apresentado ao porteiro, rasgou elogios à seriedade e competência demonstradas pelo seu funcionário, que, de fato, por não o conhecer, teria mesmo que barrar sua entrada. Respalado pelo vivido, seu Natal não esquecia a marca do rigor de seus empregadores, mas também reconhecia nelas a empatia necessária para o estabelecimento de uma mútua confiança revertida em eficiência. Entre envergonhado e irônico, ele também não esqueceu o dia em que todos no cinema falharam ao não perceber a entrada clandestina, provavelmente dentro de algum paletó, de uma galinha viva no recinto, deslize tornado folclore.

“O Cineteatro São Luiz ocupa um espaço muito importante no meu imaginário. Mesmo antes de morar em Fortaleza, nas vezes que vim aqui eu ficava muito impressionado com a beleza do lugar. Agora tenho a satisfação de fazer um show em que o público, os músicos e eu estaremos juntos em cima do palco.”

Tiago Araripe, cantor e compositor.

Em suas contas, havia seis policiais guardando o São Luiz à tarde e mais seis à noite, dada a frequência em massa de fiéis espectadores. Em cartaz, um filme romano. E cedo a fila se formou, serpenteando o quarteirão e passando da Guilherme Rocha. Como de costume, seu Natal subiu para a cabine. Samuel Tabosa, o gerente, avisou que a sessão podia começar. Com 30 minutos, telefonou para Natal, exigindo o interromper imediato da projeção. Luzes acesas. Polícia no salão. Quem foi, quem não foi... O zum-zum-zum era em torno de uma galinha que havia sido lançada do piso superior, indo parar na frente da tela. O culpado jamais foi identificado, enquanto a galinha foi posta, a mando do gerente, em uma caixa, função que coube à turma de pelo menos 20 lanterninhas. No dia seguinte, todos a postos. Reunião urgente para apurar os fatos. E, ao contrário do que a maioria imaginava, o pito coletivo terminou com a degustação da melhor galinha caipira que seu Natal dizia haver experimentado.

O episódio da galinha do São Luiz cruzou poeticamente a linha do tempo recuperada por Natal. Ele que, na tenra infância, quase sempre em vão,

pedia dinheiro à mãe costureira para frequentar o cinema campal do bairro Aerolândia. O “não” vinha seguido de uma única alternativa: recorrer ao galinheiro do próprio quintal para tentar vender os ovos e apurar algum dinheirinho. Assim fazia o menino, vencendo a timidez para garantir o ingresso e ainda levar no bolso uma lasca de rapadura. No escuro do cinema, a doce vida de Natal era acompanhar-se das aventuras e desventuras de Oscarito e Grande Otelo.

Quando adulto – e já como projetorista do principal e também mais longo cinema de rua de Fortaleza – ele pôs as mãos na fita *Aviso aos Navegantes*, em cujo elenco brilhavam justamente seus dois primeiros ídolos. Foi quando voltou o próprio filme. E, entre lágrimas, reconfortou-se com a escrita digna de um roteiro sentimental açucarado: foi no São Luiz que seu Natal conheceu a bela moça da bomboniére, Liduína, não resistindo aos seus encantos, à revelia do código de conduta do respeitável recinto, que à época proibia o namoro entre funcionários. Com ela, entre açúcares e encontros fugidios à saída do cinema, seu Natal teve três filhos e viveu feliz para sempre.

Plateia do Cine São Luiz. Acervo Grupo Severiano Ribeiro.



CINETEATRO SÃO LUIZ

CRONOLOGIA



Na cidade de Fortaleza, a Praça do Ferreira no início do século XX.

1902

Chegada do Circo Pery a Fortaleza, que apresentou ao público o aparelho Biograph Americano, usado para projeção de filmes mudos; oportunidade em que Luiz Severiano Ribeiro teve contato pela primeira vez com o espetáculo cinematográfico despertando-lhe o interesse pela nova tecnologia.

1907

Luiz Severiano Ribeiro firma acordo comercial com o cunhado Antônio da Justa Menescal, proprietário da **Casa Menescal**, um sofisticado empório de variedades, que passa a ser administrado pela sociedade Menescal & Ribeiro.

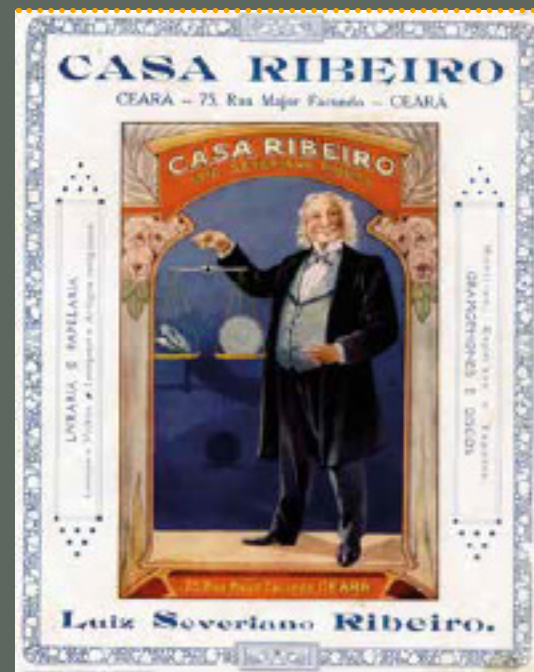


1910

Luiz Severiano Ribeiro casa-se com Alba Moraes.

1911

Decide empreender em negócio próprio e registra a sua primeira empresa: a **Casa Ribeiro**, considerada a melhor loja de variedades da capital cearense.



1913

Em parceria com Alfredo Salgado, com quem firmou a sociedade Ribeiro & Cia nesse mesmo ano, instala o **Hotel Central** em espaçoso sobrado na Rua Guilherme Rocha, esquina com a Praça do Ferreira. No térreo, foi inaugurado o **Café Riche**.



1915

Resolve diversificar as atividades comerciais e compra seu primeiro cinema: o Cine Riche, onde funcionou o Cine Di Maio, na esquina oposta ao Café Riche; empreendimentos administrados pela Ribeiro & Cia.

1916

Adquire o já existente Cine-Theatro Polytheama, que ficava localizado na Praça do Ferreira, em Fortaleza, sendo reinaugurado pela Ribeiro & Cia em 1922.

1917

Em sociedade com Alfredo Salgado, Luiz Severiano Ribeiro investe na construção do mais luxuoso salão de exibição da época: o **Cine-Theatro Majestic Palace**, também localizado na Praça do Ferreira.



1921

Inauguração do **Cine Moderno**, em Fortaleza, sob a administração exclusiva da empresa de Luiz Severiano Ribeiro.



1925

Compra do Cine-Teatro Centenário, no Rio de Janeiro, pela empresa Severiano Ribeiro.

1926

O Grupo Severiano Ribeiro conquista parceria com as exibidoras Ponce, Pontes & Cia, e Noriz & Frota, passando a ter exclusividade de representação.

1937

Inauguração do Cinema São Luiz, no Largo do Machado, Rio de Janeiro.

1938

Anunciada a **construção**, pela empresa Severiano Ribeiro, do **Cine São Luiz**, em Fortaleza, no mesmo local onde estava situado o Cine-Theatro Polytheama que havia sido fechado.



1940

Cine Diogo começa a ser administrado pela empresa de Luiz Severiano Ribeiro.

1950

O **Cine Jangada**, no Centro de Fortaleza, é adquirido pelo Grupo Severiano Ribeiro.

1958

Inauguração do Cine São Luiz em Fortaleza.



1968

Imprensa noticia fechamento do Cine Familiar, equipamento concorrente das salas de exibição administradas pelo Grupo Severiano Ribeiro em Fortaleza.

1974

Falecimento de Luiz Severiano Ribeiro, em 01 de dezembro. A família segue na direção dos empreendimentos da empresa Severiano Ribeiro.

1986

I Festival de Fortaleza do Cinema Brasileiro, realizado entre 20 e 26 de outubro.

1991

O prédio do Cine São Luiz é tombado como patrimônio histórico e cultural pelo Governo do Estado do Ceará.

1995

Estreia do Festival Cine Ceará.

1997

Cine Diogo tem atividades interrompidas na capital cearense.

2005 - 2010

Período em que o Cine São Luiz é adquirido e administrado pela Fecomércio/Sesc.

2011

Aquisição definitiva do Cine São Luiz pelo Governo do Estado do Ceará.

2013

Início das obras de **restauração do Cine São Luiz**.



2014

Reinauguração como Cineteatro São Luiz.

2015

Reabertura como Cineteatro São Luiz.

2018

60 anos da inauguração do Cineteatro São Luiz.



“O Cineteatro respira história. Tem uma coisa aqui incrível. Então tem a coisa da beleza do teatro, tem a equipe, porque eu acho que quem faz o lugar são as pessoas que tocam esse lugar. Então, eu tô feliz demais de ter visto o lugar, ter tocado de novo e ter percebido essa permanência agora. É um lugar lindo!”

Lenine, cantor e compositor.

O PODEROSO CHEFÃO DOS CINEMAS

O cinema mudo mal aprendera a falar quando a “Sociedade dos Banquistas”, confraria fundada ainda no início do século XX por habituês do Centro de Fortaleza, engrossou a voz e decidiu por si só que os bancos da Praça do Ferreira passariam a ter identidade própria. Para tanto, deu-se a cada um deles “nome” e “personalidade”, de acordo com as idiosincrasias e características de seus assíduos usuários. Não mais meros assentos. E sim referendados pontos de encontro a serviço das rodas de conversa formadas em meio àquele parlatório popular ao ar livre. A extravagância vingou. E um banco, em particular, viria a se destacar entre os demais por reunir em torno de si figurões da época e repercutir como nenhum outro as notícias da hora, revisadas e ampliadas à boca miúda: o Banco da Opinião Pública, ou simplesmente “O Banco”, dava o que falar.

Pois vem dele, “O Banco”, naquele finalzinho dos anos 1950, o burburinho capaz de silenciar até os mais estridentes assobios em torno da Esquina do Pecado, bem no cruzamento das ruas Major Facundo e Guilherme Rocha, justo a preferida dos *voyeurs* de plantão, assim batizada pela horda de gaiatos dedicados a espreitar diariamente o redemoinho de vento que, naquele ponto, suspendia as saias das mais desavisadas transeuntes da Praça do Ferreira. Era como se as imperdíveis “brechas” de repente perdessem em importância para a visão estupefata frente ao nascimento do extraordinário São Luiz, um baita cinema alardeado como o mais bonito do Brasil e fincado bem no coração da cidade, com a assinatura de um empresário fiel às suas origens, o cearense de Baturité, Luiz Severiano Ribeiro, àquela altura proprietário da maioria das salas escuras do Brasil e emissário mais do que bem sucedido da mística de Hollywood.



Registro da Rua Major Facundo, com destaque para o bonde elétrico. 1936. Arquivo Nirez.

Praça do Ferreira e arredores. 1950. Acervo particular.

Vedete sem par, a imagem em movimento, cada vez mais nítida e estereofônica, coroava a atmosfera moderna, lançando luzes sobre a sensação coletiva de que dias melhores viriam. No Brasil, houve clímax. Foi justamente em 1958, ano de abertura do Cine São Luiz, que o processo de modernização esbanjou charme e carisma. Em Fortaleza, houve a visita do então presidente da República, Juscelino Kubitschek, que seguiria viagem por terra até Russas só para conferir de perto a seca e seus devastadores efeitos. À época, JK estampava as páginas da revista Manchete como o político visionário capaz de tornar realidade a construção de uma nova capital para o Brasil. Recebidas com frisson, as fotos da colunata do Palácio da Alvorada e de uma Brasília de fato em construção deixariam os mais céticos de queixo caído. Em paralelo, a arquitetura de Oscar Niemeyer causaria igual admiração e espanto, aqui e alhures.

Pela primeira vez em sua história, o país se projetaria positivamente além-mar, crescendo a olhos vistos não só por conta de um acelerado processo de industrialização como na esteira de uma indústria cultural capaz de produzir pérolas mundialmente conhecidas como *Chega de Saudade*, o álbum de João Gilberto fundador da Bossa Nova, e *Rio Zona Norte*, o primeiro filme de Nelson Pereira dos Santos, precursor do Cinema Novo. Não bastasse, foi também em 1958 que o Brasil sagrou-se campeão da Copa do Mundo de futebol pela primeira vez na Suécia, massageando o ego nacional. Trepidantes e alvissareiros, os “anos dourados” rompiam “cinematográficos”, levantando a moral de uma nação em franco desenvolvimento e estendendo o tapete vermelho para o “espetáculo” moderno passar.

Em Fortaleza, moderno era o São Luiz. E não conhecê-lo equivalia a uma espécie de vexame público, lamentável atestado de alienação frente às novidades. Sendo assim, que os amigos mais abastados

fizessem o obséquio de contribuir, ali mesmo, na Praça, com a “vaquinha” para o aluguel dos paletós que, até 1965, eram exigidos para se frequentar as elegantes e bem comportadas sessões do cinema. Entre a estudantada, também valia ficar uma semana ou mais andando a pé e sem merenda, economizando para o ingresso e a indumentária, de olho ainda nas matinês e raras noites de exibição com desconto, como no período promocional dos festivais de aniversário.

E que os arroubos de uma “juventude transviada” tivessem limite. De antemão, os polidos e de fino trato advertiam: no São Luiz, a típica molecagem do cearense não seria nem um pouco bem-vinda ou tolerada pela equipe inicial de três gerentes, 55 empregados e 17 recepcionistas em distintos uniformes. Daí porque vaias, gritinhos, assobios e piadas entre uma cena e outra, reações comuns nos cinemas menos glamourosos do próprio Severiano Ribeiro, como Majestic e Moderno, ali poderiam resultar até em reprimenda policial. Tudo para manter intacta a aura sagrada de um verdadeiro “templo” cinematográfico, concebido originalmente como obra de arte e centro irradiador de toda uma ritualística comum à fruição audiovisual.

Para além das regras, que se mantivesse o status: um filme lançado no Cine São Luiz de modo algum sairia de lá para compor imediatamente a programação dos vizinhos, mesmo sendo a maioria destes de propriedade do próprio Grupo Severiano Ribeiro. É como se o toque de Midas do cinema-lançador não pudesse ser banalizado, ao mesmo tempo em que, ali, o próprio filme em cartaz passaria a ter ainda maior valor de culto. Um exagero aparente que encontraria toda lógica e respaldo no insaciável apetite de um público heterogêneo que, àquela época, até mesmo sem saber de antemão o que iria ver, lotava fácil tanto os pequenos cinemas de bairro quanto os amplos salões de rua espalhados por todo o Brasil.

“A gente é muito carente no Brasil todo de espaços para o teatro e esse é um espaço belíssimo, com um teatro lindo e uma equipe muito legal. A gente está em um espaço glamouroso e chique, onde o público se sente respeitado e os artistas se sentem respeitados. Foi incrível estar aqui.”

Débora Bloch, atriz.

Vista aérea da Praça do Ferreira, no ano em que a Coluna da Hora foi demolida. 1967. Arquivo Nirez.

Páginas 46 e 47: Movimentação no cruzamento entre as ruas Guilherme Rocha e Major Facundo, esquina com a Praça do Ferreira. Década de 1950. Arquivo Nirez.





CINZANO

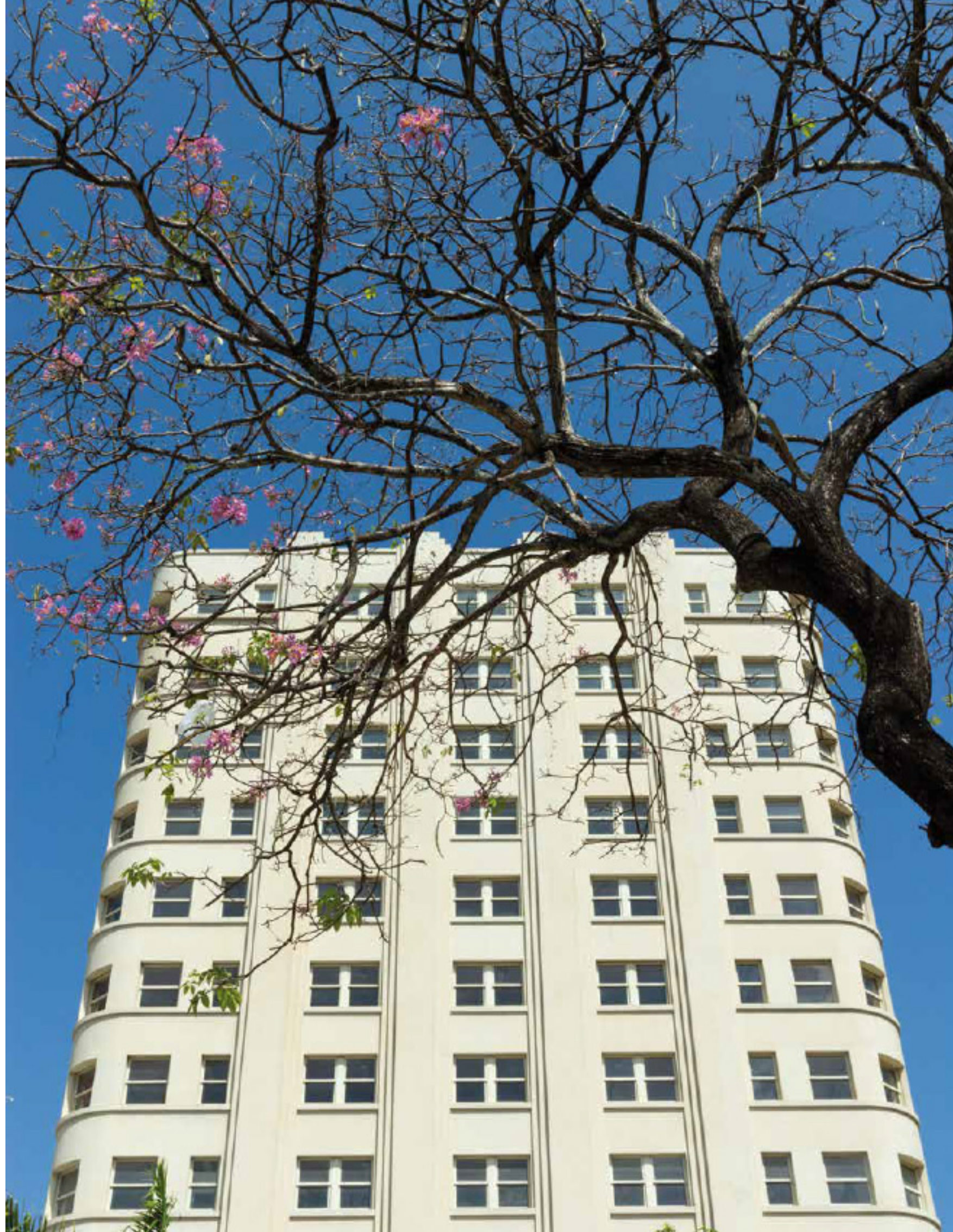
MARTINI
RUM NEGRO

F. Lima

CASA RESTAURANTE

Ilouvanini

ABERTO AL...



*“Quando o São Luiz
abre a porta e facilita
a nossa entrada a gente
entende que é uma chegada
do Cine teatro para dentro
da periferia.
Com outro olhar, positivo.”*

Rafael Oliveira, músico e integrante
do Movimento de Juventude Negra
de Arte e Cultura de Fortaleza.

Cine teatro São Luiz,
Praça do Ferreira.
Gentil Barreira.

Na crista da onda, o cinema reinava absoluto, sem concorrentes à altura. E o São Luiz compôs a paisagem local como um palácio feito sob medida para a celebração e a imersão necessárias. Assim, afundar os sapatos nos tapetes felpudos que acolchoavam o grande salão, esperar o gongo tocar três vezes antes de apagarem as luzes, arrepiar-se com o estrondoso rugido do leão da Metro e, enfim, colar os olhos na tela prateada de 14 metros valiam bem mais do que o preço do ingresso. Do lado de fora, a Praça do Ferreira era, toda ela, uma extensão trepidante daquele corpanzil de concreto com então 1.315 lugares, onde fãs de carteirinha encaravam filas de dobrar quarteirão e disputavam espaço em cada banco disponível para exibir como troféus suas coleções de fotos autografadas por astros e estrelas, recém-chegadas pelo correio.

No cinema e em revistas supercoloridas, a coqueluche do momento era ver Marilyn Monroe ou Marlene Dietrich esbanjando viço e juventude em suas estreias, para, logo depois da sessão, circular pelo chamado “Quarteirão Sucesso” da cidade, olhando as vitrines das lojas de artigos importados entre as ruas Barão do Rio Branco, Guilherme Rocha e Liberato Barroso, à procura dos arremedos de figurinos e acessórios ostentados pelas divas hollywoodianas. Entre os homens, felizes eram aqueles que guardavam alguma semelhança com o tipão e galã americano do momento: Tyrone Power. Ou os mais argutos, que se valiam do suspense provocado pelos primeiros filmes de Alfred Hitchcock para tocar pela primeira vez a mão gélida de uma pretensa namorada tomada de timidez e aflição.

Nos anos 1950, o cinema que se fez hábito também caiu no gosto das tradicionais famílias alencarinas. A cada Semana Santa, era certo o comparecimento em massa e com a melhor roupa de domingo para ver ou rever, religiosamente, *O Manto Sagrado*, filme-símbolo da Paixão de Cristo, exibido anual e simultaneamente nas salas do Centro da cidade e também entre as quase 50 saletas espalhadas pelos bairros. Iguamente obrigatória, a vespéral das crianças é que dava sentido aos finais de semana e punha fim à espera pelos filmes de caubói ou pelas aventuras do cachorro Rin-tin-tin e do cavalo Rex. Aos infantes, valia a exceção à regra e tudo era permitido: dos aviões de papel lançados do alto das frisas às vaias e gritinhos quando o rolo de filme acabava por quebrar, interrompendo o desenrolar das tramas.

Das plateias aos bastidores. Popular e encantador como nenhum outro gênero artístico, o incomensurável poder de contágio do cinema em sua fase áurea não atraiu apenas uma legião de espectadores arrebatados. Entendê-lo por dentro, torná-lo possível em suas minúcias e operar diretamente suas engrenagens também vieram a ser o feijão e o sonho de uma classe trabalhadora que via a sétima-arte se firmar como indústria lucrativa e geradora de emprego e renda. Assim aconteceu com Samuel Guedes Tabosa (1914-2014), o mais fiel e lendário dos gerentes do Cine São Luiz em Fortaleza, que entrou para o quadro de funcionários da Empresa Severiano Ribeiro como pintor de tabuletas em outubro de 1929. Era dele, portanto, a função de desenhar com o máximo de fidelidade os rostos mais famosos de Hollywood, provocando o desejo e a admiração de espectadores em potencial.

Combinando talento com dedicação ferrenha, o recém-contratado se apressou em mostrar serviço: suou a camisa como mensageiro; foi o mais veloz dos distribuidores de programas; fez serôdiante das máquinas de datilografia que aprendeu a manejar no escritório; anexou cada cheque enviado para pagar as companhias cinematográficas que tinham sede em Recife; retirou pessoalmente a correspondência diária do Grupo na caixa postal dos Correios e ainda deu o seu melhor “boa noite” repetidas vezes aos ávidos frequentadores de cinema como bilheteiro e porteiro auxiliar. Polivalente e incansável, Samuel Tabosa sequer se importou quando o apelidaram jocosamente de “sibite”. Isso antes de passar a ouvir muito “sim, senhor” ao conquistar a respeitabilidade máxima de gerente de fiscalização de três cinemas do Grupo, para depois abraçar a nobre e cobiçada responsabilidade de programador de filmes.

Em 1958, quando o estonteante São Luiz abriu as portas, ele já contava quase 30 anos de labuta, dominava todas as funções da empresa exibidora e conhecia na palma da mão a maioria dos cinemas locais que dependiam do Grupo Severiano Ribeiro para alugar e exibir filmes, dado o contrato de exclusividade firmado junto às principais companhias cinematográficas internacionais e o processual monopólio da atividade de distribuição. Seguindo os passos do negócio em franca e avassaladora expansão, Samuel Tabosa também se viu impelido a acumular a função de programador em Recife, Belém, Maceió, Mossoró e Areia Branca. Assim, era ele quem corria o interior do estado com uma lupa em punho para verificar as condições técnicas dos projetores de segunda mão que insistiam em dar defeito nas lonjuras do sertão ou do litoral, frustrando um público cativo sempre em defasagem frente às capitais.

De Crato a Barbalha, de Iguatu a Quixeramobim, de Senador Pompeu a Missão Velha, de Camocim a Aracati. Samuel Tabosa foi testemunha viva da época

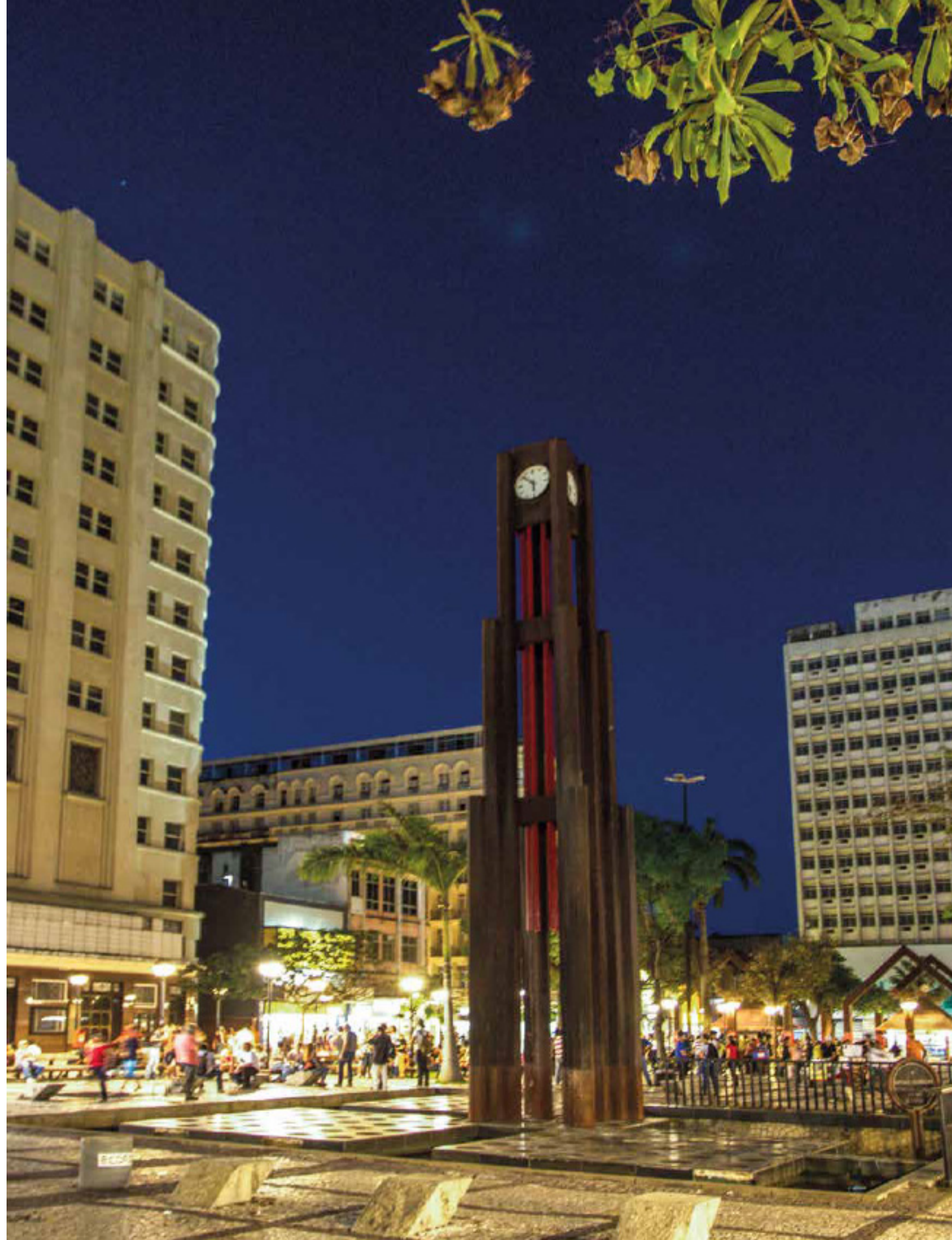
em que Fortaleza e boa parte do interior do Ceará viam as salas escuras pipocar entre bairros e lugares distantes. Tudo graças às sucessivas mordidas do Grupo Severiano Ribeiro no bolo do mercado exibidor, que não media esforços para comprar o passe e anular qualquer concorrente capaz de ameaçar-lhe o império já constituído. Foi assim com a Empresa Cinematográfica do Ceará S.A. – CINEMAR, empreitada independente levada a cabo por Amadeu Barros Leal ao longo de toda a década de 1950 e somente possível graças à reinserção do cinema europeu no mercado brasileiro, através de distribuidoras que não estavam “amarradas” ao Grupo Severiano Ribeiro, como França Filmes e Art-Films.

Adquiridas pelo Grupo Severiano Ribeiro após 12 anos de existência alternativa, as cinco salas da CINEMAR (Jangada, Aracanga, Atapu, Samburá e Toaçu) também passaram a ser de responsabilidade do fiel escudeiro do poderoso chefe dos cinemas. Polivalente, Samuel Tabosa ascenderia ainda mais, chegando a diretor-gerente e depois diretor-presidente da empresa. Funcionário exemplar e, por consequência, homem de alta confiança de Luiz Severiano Ribeiro, herdou do “Rei do Cinema” não só autoridade e poder de comando ou decisão, mas também uma rara e surpreendente homenagem por toda uma vida de trabalho árduo: ele foi um dos 28 veteranos da casa que receberam pensões vitalícias delegadas em testamento pelo “velho” Ribeiro, que faleceria em 1974.

Pouco antes de também falecer, nonagenário e há muito aposentado, Samuel Tabosa podia ser visto quase todo fim de tarde no Banco da Terceira Idade, na Praça do Ferreira, em frente à galeria que ladeia o São Luiz. Ali, nos mesmos assentos que foram trocando de nome e identidade desde que a “Sociedade Banquista” deu o devido valor simbólico à conversa jogada fora naquele quadrilátero democrático e memorioso, seu assunto predileto sempre foi um só: cinema, cinema e cinema.

Foto aérea da Praça do Ferreira após reforma, na década de 1960. Nelson Bezerra.





Praça do Ferreira, destaque para a Coluna da Hora, novamente instalada, na década de 1990, em releitura. 2012. Gentil Barreira.

DAVI E GOLIAS

No princípio era o silêncio. E um pianista ou uma vitrola para preencher com música os minutos de intervalo necessários à troca dos rolos de celuloide, um engasgo enfrentado pelas primeiras e modestas salas escuras, que dependiam de um único projetor para seguidas horas de exibição. Em Fortaleza, nos subúrbios mais afastados, onde os improvisados “cines-poeira” ou “cinemas de bairro” pipocavam como alternativa aos luxuosos e elitistas “templos cinematográficos” do Centro da cidade, a aventura para projetar imagens em movimento ia além: em banquinhos sem encosto acomodava-se a “geral”, vestida humildemente, contando seus tostões; em cadeiras um pouco mais confortáveis recostavam-se os que podiam “luxar” e pagar sem dor o preço já popular do ingresso, 50% mais barato do que o dos cinemas de piso lustrado e ambiente climatizado. Para além da divisão de classes, havia a de sexos: mulheres de um lado, homens do outro, porque assim mandavam as normas de conduta das primeiras décadas do século XX.

Entre os nanicos, que proliferaram em maior número justamente na década de 1950, quando o majestoso São Luiz tomou corpo e roubou a cena, um outro ritual se sobressaía: ao adentrar a sala escura para projetar o filme, o operador era solenemente aplaudido pela plateia, envolto pela aura “mágica” e encantatória do ofício. Octogenário, o marceneiro e técnico-eletricista Raimundo Carneiro de Sousa, o seu Vavá, sentiu na pele, ainda rapazote, o gosto desse tipo de fama. De 1949 a 1968, ele foi o projetorista do extinto Cine Familiar, fundado em 1935 por frades alemães da Ordem Franciscana Menor, reunidos em torno da Igreja Nossa Senhora das Dores.

Na Praça do Otávio Bonfim, em um prédio anexo ao convento, os religiosos iniciaram o empreendimento que, originalmente, visava mais atrair fiéis para doutrinar do que propriamente divertir.

Após pôr à prova uma afiada e precoce habilidade para consertar as tabuletas de propaganda dos filmes, seu Vavá começou fazendo a limpeza do salão. Depois, assumiu a tarefa de buscar e deixar os pesados rolos de 35mm no escritório do Grupo Severiano Ribeiro, único distribuidor local existente e a quem os exibidores de cinemas de bairro recorriam para alugar filmes, sem ter como escapar de uma flagrante relação de dependência. Em cada detalhe, o gigante São Luiz não deixava dúvidas sobre sua superioridade em relação aos demais. Seu Vavá lembra bem: projetorista do Cine São Luiz não frequentava qualquer outro cinema e se o mais simples funcionário da casa, que abria e fechava cortinas a cada início e término de filmes, perdesse o *timing* de sua função, estaria imediatamente demitido.

Na contramão de tamanha rigidez e profissionalismo, quem se aventurava a trabalhar nos cinemas de bairro haveria de aprender a viver na base do improviso, alheios aos protocolos. Assim foi com seu Vavá. Quando passou a ajudante de operador, era responsabilidade sua ver cada um dos filmes antes da projeção pública, atentando para cenas inapropriadas que pudessem ferir a moral cristã e os bons costumes da época. De caderninho em punho, era no próprio São Luiz que ele assistia a tudo previamente, anotando cada parte que deveria, por força da moral vigente, ser extirpada. A rigor, cabia a ele cortar, literalmente, mas não sem dó, aquela cena do beijo ou da mulher em trajes menores, improvisando com as próprias mãos uma nova montagem da trama.



Gambarra que nem sempre passava despercebida. Os espectadores que já tinham visto a mesma fita nos cinemões lançadores do Centro da cidade e optavam por revê-los semanas depois nos próprios bairros não hesitavam em alardear o “roubo” a plenos pulmões, gerando alvoroço e burburinho entre a plateia, ali, na temperatura da hora. Pelos serviços prestados, o competente “censor” não demorou a assumir o lugar de honra de projectionista. Visionários, os frades alemães investiram ainda mais na disposição e carisma do funcionário, pagando cursos técnicos nas áreas de mecânica e eletrônica a fim de que se aperfeiçoasse com o tempo. Em 1952, apto a montar cabine, som e iluminação, seu Vavá passou a acumular a função de gerente do Cine Familiar, investindo em uma reforma primorosa do salão e toda uma aparelhagem nova e moderna comprada em São Paulo.

Administrado com esmero, o Cine Familiar se tornou uma exceção à regra em relação aos rudimentares cines-poeira. Era o único dentre eles a ter ar-condicionado até dentro da cabine de projeção, além de possuir quatro amplificadores, motor de luz própria e dois projetores apontados para uma

tela cinemascope importada, o que fazia cair por terra o risco iminente de interrupção das sessões por falta de energia ou problemas técnicos. Assim, a projeção do Cine Familiar era de uma qualidade inconteste, sem deixar nada a dever às suntuosas e bem equipadas salas escuras do perímetro central.

De tão bem montado e gerenciado, o Familiar passou a ser competitivo. E a incomodar o poderoso Grupo Severiano Ribeiro, proprietário das principais e mais bem equipadas salas de cinema à época em Fortaleza. Foi quando “Golias”, a seu modo, tentou abater “Davi”, ora dificultando o aluguel de filmes, ora negando mesmo as mais cobiçadas fitas da época. Para romper com o cabresto, seu Vavá vislumbrou atalhos. E foi ter com o polo distribuidor de Recife, conseguindo sensibilizar fornecedores que, mesmo reféns do poderoso Grupo Severiano Ribeiro, negociaram com ele filmes fora de catálogo. Estratégia certa. Ao serem reprisados depois de anos, os sucessos da Metro provocavam praticamente o mesmo impacto da época de seus lançamentos nos cinemões do Centro. Todos queriam rever os filmes. Ou ver pela primeira vez aqueles que nem sequer haviam entrado na programação da empresa Ribeiro.

*“Eu vivi aqui no
São Luiz os momentos
mais mágicos da
minha vida.”*

**Raimundo Fagner, cantor,
compositor e instrumentista.**



*Folhetos de programação
do Cine Diogo.
Acervo particular.*

Assim, graças à teimosia do gerente, a caixa registradora do Cine Familiar nunca deixou de tilitar. E, se preciso fosse, era com as próprias mãos que ele fazia valer o espetáculo. Devido ao tempo de uso, a maioria dos filmes já chegava ao Cine Familiar com mutilações, exigindo emendas de última hora. Com habilidade única e paixão incontestável, seu Vavá não hesitava em “coordenar” as fitas, reeditando cenas desfiguradas com uma máquina manual inventada por ele mesmo para esse único fim. Dado o sucesso de público, a concorrência enfim curvou-se: foi com grande surpresa, mas também orgulho, que seu Vavá assistiu ao poderoso Grupo Severiano Ribeiro voltar a oferecer-lhe seu catálogo de filmes para reprodução simultânea com o Cine Diogo, um dos grandes e principais da empresa.

A oferta foi aceita, mas, dessa vez, a camisa-de-força apertou menos. Em São Paulo, acabara de ser inaugurada a Fama Filmes, uma empresa exibidora e distribuidora fundada por italianos e que já estava atraindo para o seu *staff* boa parte dos cinemas independentes do Brasil, pretendendo chegar ao Nordeste. Daí que seu Vavá

não pensou duas vezes em romper com o Grupo Severiano Ribeiro para negociar com a Fama. Deu certo: eram três lançamentos por semana, filmes italianos, americanos e nacionais, além do Jornal da Tela europeu. Corria o ano de 1967 e o pequeno Familiar reinava absoluto como cinema lançador da Fama Filmes em Fortaleza.

Do lado de fora, filas de dobrar quarteirão se formavam para conferir clássicos do cinema italiano como *Dio como ti amo* e *Cidadão Kane*, o número um da cinematografia mundial de então. A imprensa fez coro, alardeando o ineditismo da programação do Cine Familiar. E o pulo do gato se completou com a fase de cinema de arte que correu em paralelo. Eram duas sessões noturnas às segundas-feiras, organizadas pelo publicitário Tarcísio Tavares e o então proprietário da Distrivídeo, Maurílio Arraes. Não sem sobressaltos. Para exibir *Os Cafajestes*, de Rui Guerra, a dupla teve que promover uma sessão privada antes, só para os frades, que discutiram, analisaram e, por fim, permitiram a exibição, ainda que incomodados com uma certa cena “picante” na praia.

*Imagem panorâmica da
Av. Bezerra de Menezes,
1982. Gentil Barreira.*

Em 1968, ingrata surpresa: a imprensa noticiava o fechamento do Cine Familiar. A razão oficial anunciada pelos frades é que mantê-lo geraria prejuízos financeiros. Versão que seu Vavá descarta sem titubear, dado que o cinema estava no auge e sempre lotado. Para ele, a Igreja não conseguia mais fazer a censura como antes e se rendeu a pressões superiores. Ao sair do mais apaixonante emprego de sua vida, agraciado com uma gorda indenização por tempo de serviços prestados, o gerente do Cine Familiar, aquele que um dia fez o São Luiz sair de seu lugar de conforto, não precisou pensar muito sobre o que faria com aquele dinheiro: abriria seu próprio cinema.

De projetorista a proprietário. Seu Vavá se aventurou na compra de um cinema em 1970. No bairro São Gerardo, antigo Alagadiço, encontrou a aura e o espaço ideais: ali, entre 1945 e 1958, já havia funcionado o Cine Nazaré, sob a administração do lendário José Marcelino, magarefe e açougueiro que teve seu nome ligado à gerência de mais de um cine-poeira em Fortaleza. Como homenagem, o nome dado ao novo empreendimento foi o mesmo, sem tirar nem pôr. O Cine Nazaré, agora sob nova direção, nasceu com seus 250 lugares, divididos entre a geral e as poltronas acolchoadas da primeira fila. Passados os anos, a pedra no sapato já não era o poderoso Grupo Severiano Ribeiro e seu monopólio distribuidor, mas a ditadura militar brasileira e seus censores de plantão na porta dos cinemas. Apesar deles, Vavá resistiu até 1974, enquanto também montava,

em paralelo, uma cadeia de cinemas no interior do estado e até em outras capitais do país.

Do sonho interrompido, veio a revanche. Em fevereiro de 2008, seu Vavá espanou a poeira dos projetores de 35 e 16mm, além das latas de filmes, DVDs e mobílias guardadas no mesmo prédio do bairro São Gerardo, e ousou repaginar o Cine Nazaré-de-muitas-vidas, que voltou à ativa graças à paixão e inventividade de um único homem. Com 75 confortáveis poltronas vermelhas herdadas do extinto Cine Fortaleza, chão e paredes revestidas com carpete, central de ar-condicionado, iluminação de piso e tela de última geração herdada do próprio São Luiz, o Cine Nazaré de seu Vavá reinventou-se em pleno século XXI como reduto de filmes antigos projetados com qualidade e esmero.

É o único cinema de bairro de Fortaleza, todo ele montado em cada detalhe pelo proprietário. Impetuoso, seu Vavá ainda conserva em estoque outras 250 poltronas compradas do Cine São Luiz, quando de seu fechamento para restauro, ainda em 2013. Obstinado, não desiste de fazer rodar toda essa engrenagem, a pleno vapor. Assim, sua teima romântica permanece em cartaz, exatamente ali, no pequeno Cine Nazaré, que resiste discreto, único e charmoso no número 65 da Rua Padre Graça. Lá, a contribuição é espontânea, não há ingresso. E o bilheteiro à espera do público é o próprio dono do negócio, que assiste aos filmes na cadência de sua acolchoada cadeira de balanço, ao fundo da sala escura.



SENHOR PIRILAMPO

Foi um alvoroço. E Fortaleza inteira quis ver de perto. Depois que o jornal A República, em diferentes edições daquele final de junho e começo de julho de 1902, circulou pela capital cearense espalhando a notícia da chegada do mundialmente consagrado Circo Pery, que, além de seus funâmbulos, acrobatas, jockeys, malabaristas, mágicos, ginastas e palhaços, trazia na bagagem o tal Biographo Americano, novidade entre as traquitanas inventadas para a projeção de filmes ainda mudos. Quem não acoresse ao anfiteatro montado ao ar livre, no Centro da cidade, perderia a raríssima chance de conferir amiúde as evoluções do mais intrigante dos inventos da era moderna: o cinema.

Luiz Severiano Ribeiro Filho estava na plateia. É o que aferra, em seu livro *Memória do Cinema: os ambulantes no Brasil*, o pesquisador Ary Leite. Natural de Baturité e recém-chegado a Fortaleza, o futuro “Rei do Cinema” tinha então 18 anos de idade e havia acabado de abandonar a formação religiosa tão sonhada pelos pais no Seminário da Prainha. Já com a imagem cinematográfica cravada na retina, saiu de Fortaleza para o Rio de Janeiro naquele mesmo ano, desafiado a seguir com os estudos para se tornar médico, como o pai. Mas a morte prematura da mãe, vítima de câncer, trouxe o filho único de volta à capital cearense, devolvendo-lhe, ainda que em meio ao infortúnio, a possibilidade de rever, com mais liberdade, a escolha profissional.

Disposição para o trabalho nunca faltou. O primeiro emprego como gerente do modesto Hotel da Estação o levava a comprar mantimentos madrugada adentro no velho mercado de ferro e a vencer o dia de inteiriço, decidido a oferecer o melhor que podia aos hóspedes. A partir daí, o tino comercial só cresceu junto à dedicação ferrenha frente a tudo o que assumiu profissionalmente. E não foram poucas as investidas: primeiro, se tornou sócio do cunhado Antônio da Justa Menezes, assumindo com ele, em 1907, a Casa Menezes, que funcionava no lugar da velha

residência do patriarca Major João Severiano Ribeiro. Em 1911, com recursos próprios, consegue fundar a sua Livraria Ribeiro, também anunciada como Casa Ribeiro, por comercializar, além de livros e material de papelaria, artigos importados variados; depois, segue arrendando estabelecimentos diversos em Fortaleza, como hotéis, cafés (o Riche foi um que ficou na memória, por abrir as portas, entre 1913 e 1926, à literatura cearense) e até uma fábrica de gelo e uma barbearia, além de um salão de bilhar.

Empreendedor vocacionado, casou aos 26 anos de idade com Alba Moraes, em 1910, e de nada adiantou ouvir da mãe de seus cinco filhos o apelo persistente durante toda uma vida de 58 anos juntos para que não trabalhasse à exaustão. Olhando para o futuro, Luiz Severiano Ribeiro mirou no que ainda começava a ser “febre” no Brasil e tomou para si a façanha de arar um terreno ainda timidamente explorado em âmbito local: a exibição e distribuição dos filmes produzidos pelas principais companhias cinematográficas do mundo. Em Fortaleza, na primeira década do século XX, somente três cinemas fixos de pequeno porte abriram suas portas no Centro da cidade: o Cinematographo Art-Nouveau ou Cinema Di Maio, o Cinema Cassino Cearense ou Júlio Pinto e o Cinema Rio Branco.

Decidido a diversificar os negócios, Severiano Ribeiro entra no páreo em 1915, quando, associado ao investidor capitalista Alfredo Salgado, compra seu primeiro cinema, o Cine Riche, inaugurado em 23 de dezembro. No ano seguinte, abocanha mais um: o Cine-Theatro Polytheama, que já existia desde 1911, mas sob controle da Empresa Rola & Irmão. *Pari passu*, veio dele o toque de Midas para dar início ao monopólio do mercado exibidor em Fortaleza, replicado ao longo dos anos em várias capitais do país: o “trust” cinematográfico nada mais era do que um acordo selado entre empresários do mesmo ramo para, ao invés de competirem entre si diante do desafio de atrair

para os cinemas locais um público ainda pulverizado, optavam por fechar as portas de uns para que os demais concentrassem os ganhos por determinado período. Em contrapartida, os ativos destinariam um percentual do apurado como compensação para os concorrentes levados a sair temporariamente de cena. O associativismo e a estratégia de revezamento da “União Cinematográfica” deram ao já voraz empresário o tempo necessário para azeitar o mercado e torná-lo efetivamente lucrativo.

Até que, em 1917, Luiz Severiano Ribeiro, novamente em sociedade com Alfredo Salgado, aposta na construção do mais luxuoso salão da época em plena Praça do Ferreira, o Cine-Theatro Majestic Palace. Com pouco mais de mil lugares, não demorou para que o Majestic se tornasse o queridinho de Fortaleza, a ponto de rivalizar quanto à preferência do público mesmo depois de inaugurado o Cine Moderno, quarto cinema de Severiano Ribeiro, erguido em 1921 como o primeiro de seus empreendimentos solo. Talhado para um público originalmente seleteo, disposto a pagar mais pelo ingresso em nome de um maior requinte, o Moderno foi quem fez o cinema falar, em junho de 1930, ao inaugurar o sistema Vitaphone, que, através de gramofone e discos imensos, cumpriu a função de sincronizar efeitos sonoros e imagens projetadas. Um acontecimento, sem dúvida. Mas, de tão acolhido e tornado popular, ficou mesmo com o Majestic a sessão inaugural de apresentação do Movietone, em maio de 1932, apresentando aos fortalezenses, em primeira mão, o recurso de sonorização na própria película.

Sem volta, a escalada com vistas ao domínio do mercado exibidor cinematográfico seguiu sólida, extrapolando as fronteiras do estado e alcançando, ainda na década de 1920, a região que vai de Rio Branco, no Acre, a Recife, em Pernambuco. Novamente, o “trust” como estratégia possibilitou a Severiano Ribeiro a exploração da maioria dos cinemas de cada local

onde aportava, para, em 1925, alcançar enfim o Rio de Janeiro, onde arrendou o gigante Cine-Teatro Centenário, com seus 1.600 lugares instalados na Praça Onze. De lá para o Cine Guanabara, na Praia de Botafogo, e, como acionista da Metro, a quem se associa para adquirir parte dos lucros de 12 cinemas já integrados à sua rede, é que se vê levado a transferir a sede dos negócios para a capital fluminense.

Uma mordida por vez: Metro-Goldwyn, First National, Paramount. Em 1926, figura como um dos fundadores da sociedade cooperativa dos exibidores enquanto também firma acordo com as exibidoras Ponce, Pontes & Cia, e Noriz & Frota, ganhando exclusividade de representação dentro do circuito pertencente a elas. Incontestemente, a capacidade de negociação de Luiz Severiano Ribeiro deu-lhe assim o controle acionário de mais e mais salas escuras no Rio de Janeiro: Atlântico, Ideal, América, Maracanã, Lido, Plaza, Floriano. Incorporando pequenos e velhos cinemas, ao mesmo tempo em que investia em novos salões, ladrilhou um império: de 1933 a 1935, já era proprietário de 30 cinemas apenas no Rio de Janeiro. E para fechar com chave de ouro a década de 1930, inaugura, em 22 de dezembro de 1937, no Largo do Machado, o melhor e mais suntuoso cinema do Brasil: o São Luiz, outro homônimo tornado marco referencial e marca registrada do então maior grupo empresarial de exibição cinematográfica no país.

O Rio prestigiou: Palácio, Odeon, Roxy, Copacabana, Carioca, Tijuca, Leblon, Comodoro, Miramar, Imperator, Rex, Barra. Fortaleza também seguiu o rastro deixado por Luiz Severiano Ribeiro, que, assim como em outras capitais do Brasil, abriu salas ao mesmo tempo em que adquiria cinemas de terceiros no Centro da cidade e em bairros adjacentes: Diogo (1940) e Jangada (1950) são tatuagens na memória local. Na cidade em que escolheu para morar, o dono do negócio ainda fez do filho Luiz Severiano Ribeiro Júnior



Retrato de Luiz Severiano Ribeiro na juventude. Acervo Grupo Severiano Ribeiro.

seu sucessor direto, assistindo de camarote o poder de contágio de sua veia empreendedora: a partir de 1947, o herdeiro passa a assumir inclusive o controle da Atlântida Cinematográfica S.A., aventurando-se na exploração paralela da produção de filmes.

Em 1971, Luiz Severiano Ribeiro transfere oficialmente o seu profícuo legado à família, aos 86 anos de idade. No dia 1º de dezembro de 1974, o apagar das luzes, quando falece, no Rio de Janeiro, vítima de enfarte. Assim, não viu os cinemas deixarem os bairros e praças para chegarem majoritariamente aos shopping centers. Também não assistiu à chegada do cinema digital e

nem à comunicação em rede propiciada pela internet. Por último, ainda deixou de testemunhar como seus sucessores anteviram e enfrentaram com a tenacidade que lhe era peculiar as guinadas e restrições que o mercado cinematográfico viria a sofrer com a globalização e o aparecimento de novas mídias. Mas o roteiro original continua em alta. Basta ver os olhos das plateias brasileiras que ele ajudou a formar ao longo do século XX vidrados, piscando com renovado brilho e igualmente maravilhados diante da tela, feito pirlampos numa sala escura. Eis a luz que vem dele, o Sr. Pirlampo. E já não se pode apagar.



ELAS NÃO USAM BLACK-TIE

“O teatro é lindo e a equipe maravilhosa. É o melhor, um teatro público.”

Gregório Duvivier, ator, humorista, roteirista e escritor brasileiro.

Mulheres na chefia. Astutos, Luiz Severiano Ribeiro e sua linhagem mais próxima não demoraram a perceber que a dedicação feminina ao trabalho era algo especial, singular, digno de nota. Sempre atentas às minúcias de suas responsabilidades e irrepreensíveis nos quesitos organização e honestidade, elas administravam o escritório do Grupo Severiano Ribeiro com o mesmo esmero dispensado às suas casas. E assim o tinham como um segundo lar, lugar de laços afetivos similares aos das próprias famílias. Pratas da casa, Maria de Lourdes Cavalcanti Vieira e Eva Maria Paiva Lino são exemplos clássicos da relação afetiva que rompe a barreira do tempo quando o rol das mais antigas funcionárias que já passaram pelo Cineteatro São Luiz é recuperado e atualizado.

Volte-se a 1961. Maria de Lourdes tinha 19 anos quando concorreu e assumiu a vaga de auxiliar de escritório do Grupo Severiano Ribeiro. Um feito e tanto para uma moça às voltas com o primeiro emprego e que, quando adolescente, precisava juntar dinheiro por semanas para poder pagar o ingresso que lhe daria acesso ao mais luxuoso cinema da cidade, o Cine São Luiz. Tudo pelo prazer único de ter ao alcance dos olhos, com total brilho e nitidez, a beleza sedutora de James Dean em *Juventude Transviada* ou, mais ainda, o charme inigualável de Rock Hudson, galã hollywoodiano de *Assim Caminha a Humanidade*, que, à época, como nenhum outro, a fazia sonhar com o dia em que teria como custear uma viagem aos Estados Unidos na esperança de, quem sabe, pleitear o coração do cobiçado ídolo.

Utopia juvenil que o vento da Praça do Ferreira trouxe de levar. Fiel ao amor pelo trabalho, isso sim, Maria de Lourdes chegou a gerente e procuradora do todo-poderoso Grupo Severiano Ribeiro ali mesmo, no prédio do escritório contíguo ao logradouro, sem jamais sair de lá e totalmente realizada com o único emprego da vida, através do qual se aposentou após 43 anos de lida, rindo-se dos sonhos que ficaram para trás e das emoções vividas nos bastidores de cinemas como o São Luiz. Para ela, incontestavelmente, o mais bonito do Brasil e, tão superior aos demais, que até o dinheiro recebido em sua bilheteria lhe parecia incomparável. “Eram cédulas novinhas, sequinhas e em perfeito estado que a gente recebia lá. As que vinham do Majestic e dos outros cinemas menores, Moderno, Diogo, eram sebosas, viu? Um dinheirinho suado, amassado, diferente. Sei lá, talvez porque pra lá só ia gente de tamanco...”, lembra, gargalhando.

Rua Major Facundo, à esquerda escombros do Cine-Theatro Majestic Palace após incêndio em 1955, ao lado da Farmácia Pasteur, mais adiante, o Cine São Luiz. 1956. Arquivo Nirez.

Palacete onde morou Luiz Severiano e sua esposa Alba Moraes, Rua Major Facundo, ao lado do Cine São Luiz. 1956. Arquivo Nirez.



“O espetáculo de hoje fica entre aqueles mais prazerosos que já fiz e de maior intensidade emocional. Me senti completamente entregue. É um prazer estar por aqui.”

Antonio Nóbrega, artista e músico.



Vista panorâmica da Rua Major Facundo. 1939. Arquivo Nirez.

Loja Torre Eiffel, Rua Major Facundo. Década de 1930. Arquivo Nirez.

Interior da Livraria Ribeiro, Luiz Severiano, o primeiro à esquerda, e seus funcionários. Década de 1910. Acervo Grupo Severiano Ribeiro.

Rua Major Facundo em primeiro plano, Palace Hotel. Década de 1930. Arquivo Nirez.

Testemunha ocular da consolidação do império exibidor de Luiz Severiano Ribeiro, que do Ceará avançou por quase todas as capitais brasileiras, ela lembra vivamente de quando o empresário empreendedor ainda morava em Fortaleza, bem vizinho ao prédio administrativo em cujo térreo funciona até hoje o Cineteatro São Luiz. Para unir uma edificação à outra, ele próprio optou por construir uma passarela elevada pela qual passava diariamente a fim de acessar o principal local de trabalho sem precisar descer os vãos e sair às ruas. Principal porque o “Rei do Cinema” era dono de diversos outros negócios no Centro da cidade: “essa Major Facundo era quase toda só loja dele: uma cafeteria, uma tabacaria, uma livraria... E os prédios, o do Polytheama, onde hoje é o São Luiz, o do Moderno, o do Diogo, o do Jangada”, enumera, de cabeça, a funcionária orgulhosa.

Foi somente em 1984, recorda Lourdes, que a família Ribeiro, já radicada no Rio de Janeiro, venderia a propriedade para dar lugar à loja Marisa, ficando a cargo da gerente e procuradora de confiança a venda ou doação do mobiliário austero, do qual se destacavam as cristaleiras e os clássicos relógios de parede com vidro de cristal cujas badaladas se ouviam ao longe, a ponto de serem confundidas com as que vinham da Catedral. Tudo isso e mais um item curioso passado adiante: o vistoso condor de madeira de imensas asas abertas que adornava o topo do belo casarão. “Mas antes seu Ribeiro me disse para eu ficar com o que quisesse. Ele era assim com os mais fiéis funcionários: bondoso. Toda vida que vinha a Fortaleza dava presentes ou recompensas e me perguntava o que eu estava precisando. Mas, sempre encabulada, geralmente não dizia. Um dia tomei coragem e perguntei se ele podia pagar as grades de proteção do meu apartamento, porque minha filha era criança e eu tinha medo de ela cair. Ele nem titubeou. Pagou na hora”, recupera.





“O Cine teatro São Luiz é primeiro uma resistência. É importante como orgulho nosso de fortalezense cuidar do nosso bem público e deixá-lo vivo, não só no sentido de patrimônio, mas da pulsação interior.”

Gero Camilo, ator.

Para além da gerência dos cinemas e do cuidado com o patrimônio local do grupo, Maria de Lourdes também era a preferida na hora de ciceronear a família em férias, que geralmente aportava em Fortaleza de navio, ávida por fazer compras no Mercado Central e na Emcetur. Também cabia a ela a distinção de receber os artistas convidados que viriam passar pelo bellissimo Cinema São Luiz. Uns, em particular, calaram fundo na memória afetiva. Caso de Renato Aragão, Mussum, Dedé e Zacarias, o quarteto cômico mais famoso da televisão brasileira cujo sucesso se repetia a cada filme de Os Trapalhões lançado anualmente.

Para eles – e só para eles, amigos queridos da família Severiano Ribeiro –, que se apontasse o reservado acesso ao cinema por trás do palco, revelando uma espécie de passagem secreta que evitaria o assédio da já esperada multidão de pais e filhos em torno do cinema; no cardápio, não poderiam faltar as frutas nativas de época; e entre as paradas obrigatórias que se incluísse a comilança farta de camarão no Osmar, à beira da praia, tudo para satisfazer o desejo simples e familiar do maior fã da iguaria, o

conterrâneo cearense Renato Aragão. Tudo isso sem se esquecer de providenciar o uísque do sempre sedento e divertidíssimo Mussum.

“Os Trapalhões sempre eram muito afáveis conosco, todo ano vinham lançar filmes e o próprio seu Ribeiro dizia que quando encontrava o amigo Renato Aragão no Rio de Janeiro ele falava do tratamento vip que tinha tido aqui. Lembro-me que numa dessas vindas, quando eu estava grávida, já com oito meses, Mussum pegou na minha barriga e fez piada: “minha chefs – ele só falava assim – comeu fava brava, foi?”, diverte-se. Também ficou marcada na lembrança a noite em que foi destacada para acompanhar a atriz Vera Fischer em um jantar em Fortaleza, ela que, no auge de sua juventude, gozava, sem concorrência à altura, do título de Miss Brasil. Mas frisson mesmo, pelo menos entre as funcionárias do São Luiz, era quando o Festival Internacional de Cinema estendia seu tapete vermelho na Praça do Ferreira e os atores indianos, por elas considerados os mais bonitos do mundo, lançavam-lhes acenos e afagos antes de adentrar o cinema.

Vista aérea Praça do Ferreira. Década de 1990. Gentil Barreira.

Folheto com programação semanal de salas de cinema em Fortaleza, destaque para a exibição do filme “O Casamento dos Trapalhões”. 1989. Arquivo particular.

<p>FILMES EM CARTAZ SEMANA DE 08 a 11 DE ABRIL DE 1989 50% de desconto no preço do ingresso. Um dia, 4 de tarde, exceto feriados, nos cinemas SÃO LUÍZ e DIOGO</p> <p>SÃO LUÍZ Fone: 226.9124</p>	<p>GRUPO SEVERIANO RIBEIRO APRESENTA</p>
<p>FORTALEZA Fone: 226.9124</p>	<p>Agora ficou mais barato ir ao cinema. Veja os melhores filmes com 50% de desconto. De 2.ª a 4.ª feira, exceto feriados, pagou metade do preço do ingresso nos cinemas SÃO LUÍZ e DIOGO. PROMOÇÃO POR TEMPO LIMITADO.</p>
<p>DIOGO Fone: 226.9124</p>	<p>36. SEMANA NO CINEMA FORTALEZA 1.ª e 2.ª feira de cada semana com metade do preço do ingresso</p> <p>RENATO ARAGÃO DEDÉ SANTANA MUSSUM ZACARIAS</p>
<p>VALMÊIA Fone: 226.9124</p> <p>36. SEMANA NO CINEMA SÃO LUÍZ</p> <p>ROGER BARRY</p>	<p>O CASAMENTO DOS TRAPALHOES</p> <p>4.ª CINEMA É A MAIOR DIVERSÃO</p>

Época em que, da sala do escritório, localizado bem atrás da tela, não raro era possível sentir o cinema tremer diante do som retumbante de filmes de ação e luta com lotação esgotada por meses a fio. Caso de Stallone Cobra e Titanic, sucessos estrondosos de público que Eva, funcionária ainda na ativa, não esquece. Para ela, que foi admitida a trabalhar no almoxarifado do escritório do Grupo Severiano Ribeiro em 1985, a maior das novidades veio também em forma de óculos 3D de papelão, uma lente azul e outra vermelha alterando a percepção da plateia embasbacada e fazendo saltar aos olhos toda a sanha sanguinolenta das fitas de terror. Natural e recém-chegada de Quixeramobim, interior do Ceará, a moça que só tinha noção de datilografia sequer havia entrado em um cinema. E assim o primeiro emprego também se fez alubrimento, atravessado que era pelo poder encantatório da sétima arte.

Encarregada primeiramente de organizar o material necessário à manutenção dos cinemas, no auge da empolgação Eva se dispôs a bem mais: fez as vezes de telefonista, zeladora, bilheteira e até pipoqueira na bomboniere antes de aprender contabilidade e alcançar sua mais alta função de confiança: procuradora e gerente da sala de cinema do North Shopping. De todas as empreitadas, a que mais estranhou foi aquela em que se viu diante de nove telefones sem PABX. Todos tocavam a um só tempo e a ordem era informar, de viva voz, a programação em cartaz nos cinemas do Centro da cidade capitaneados pelo Grupo Severiano Ribeiro. Mas ao ouvir do outro lado da linha uma voz masculina interessada em saber os nomes dos filmes pornôis em cartaz no legendário Jangada, cinema que passou a centralizar esse tipo de demanda, inevitavelmente a voz feminina fraquejava, enquanto o rosto inteiro enrubescia.

“Os nomes dos filmes pornôis eram todos indecentes. E muitos clientes do Jangada ligavam só pra ouvir uma mulher dizer aquilo: “40 centímetros de não sei que...”. Ai, era horrível aquele cinema... ainda bem que resolveram fechar”, conta a gerente, rindo de si mesma. Uma entre os mais de 100 funcionários da época, Eva só deixou o escritório do Centro da cidade para assumir as salas escuras do North Shopping quando viu, como num drama, os cinemas do Grupo Severiano Ribeiro cerrarem suas portas, um a um

– Fortaleza, Diogo, Jangada –, permanecendo teimoso no Centro da cidade somente o São Luiz.

Inviável economicamente ao romper os anos 2000, com seus mais de mil lugares cada vez menos frequentados diante da fuga das salas de cinema do Centro para a comodidade dos shopping centers, o São Luiz acabou arrendado em 2005 para a Fecomércio/Sesc. E foi dela, Eva, a missão de esvaziar as gavetas e tocar todo o processo de transição junto aos novos administradores que explorariam o cinema até 2010 e abririam caminho para a aquisição definitiva pelo Governo do Estado do Ceará, em 2011. Ocupando-se da mudança, em meio à poeira dos guardados e arquivos há muito esquecidos, ela encontrou e deu destino certo a relíquias sentimentais, como a cartilha que ajudou Luiz Severiano Ribeiro Júnior a aprender a escrever. O cofre boca de lobo, com alavanca e chumbado no chão, resiste ao tempo, mas ela não deixa de ter saudades de quando todo o dinheiro da bilheteria era transportado em baldes para que as notas fossem desamasadas antes de ir para o banco.

Assim como Maria de Lourdes, Eva chegou ao Grupo Severiano Ribeiro quando tinha 19 anos de idade. Três décadas depois, ainda guarda a redação solicitada no processo de seleção, em que a prova dos nove era contar, em poucas linhas, sua própria vida. “Eu era tão matuta, meu Deus, não conhecia nada, e quase não tinha o que contar. Mas hoje acho que a minha história não seria tão bonita e vitoriosa se não tivesse trabalhado por toda uma vida dentro de um cinema. É o lugar do sonho, da aventura, da beleza, né? E por isso eu pude trazer com orgulho a minha filha para conhecer o trabalho da mãe dela. Ela que, ainda criança, com uns 4 anos, chegou a dormir no colo de um dos Trapalhões, enquanto eu corria de um lado para o outro no cinema, trabalhando”, suspira.

Para a já aposentada e septuagenária Maria de Lourdes, o crivo para conseguir a vaga de emprego foi o mesmo: uma carta manuscrita, mas daquelas que dizem sobre a intenção do candidato em relação ao emprego. Ela travou. Não tivera tempo para decorar nenhuma. É que, à época, recorda bem, quem não tinha traquejo com a escrita e nem sonhava com internet se valia de uma carta-modelo qualquer para memorizar. E assim aumentavam as chances de conseguir

o trabalho com carteira assinada. Ao entregar a folha em branco, contou a verdade sobre o truque da decoreba que não iria usar, arrancando risos de “seu Jaime”, funcionário escalado para a seleção. Foi aprovada e contratada de imediato simplesmente por conta de uma virtude que, assim como uma imagem, pelo menos para o Grupo Severiano Ribeiro, valia mais do que mil palavras: a franqueza.

Praça do Ferreira, destaque para a Coluna da Hora e fonte, e o Cineteatro São Luiz, à esquerda. 2007. Gentil Barreira.





*“Pela primeira vez,
estou chegando ao
Cineteatro São Luiz,
que é um teatro que eu não
conhecia, e estou muito
bem impressionado, não
só pela beleza do teatro,
pela conservação do teatro
porque é um teatro que foi
reformado, recuperado
para que pudesse
devolver para o público
cearense um teatro e um
cinema dessa qualidade,
com essa beleza.”*

Emílio de Mello, ator.

Auditório do Cineteatro São Luiz com o palco ao fundo. 2018. Gentil Barreira.

Encarte do VI Festival Internacional de Cinema, Televisão e Vídeo, que ocorreu no Cine São Luiz. 1989. Arquivo particular.

HIGHLANDER: O GUERREIRO IMORTAL

Ao olhar nos olhos do tempo, o sexagenário e elegantíssimo Cineteatro São Luiz incorpora o poder de um Highlander, o guerreiro imortal ou, ainda, veste-se com as roupas do único e último dos “moicanos” a sobreviver, infalível como Bruce Lee, na pele de um dos raros cinemas de rua brasileiros. Trata-se de um ponto fora da curva, uma impetuosa exceção à regra diante da predominância absoluta das salas de exibição dos shopping centers, que se multiplicaram aceleradamente em Fortaleza e no Brasil a partir da segunda metade da década de 1990, mais precisamente desde que a “shoppinização” da sétima arte virou tendência de mercado, tanto por gerar menos ônus para a manutenção dos espaços exibidores que assistiam à diminuição gradual de seu público espectador, como por se valer de toda uma infraestrutura estrategicamente armada para tornar confortável e atijar o desejo de consumo.

Com a nova roupagem comportamental, ir ao cinema passou a não ser muito diferente de comprar um jeans ou aplacar a fome em um self-service. E o próprio ambiente do shopping, aliado à alta do preço dos ingressos devido aos custos de serviços agregados, acabaram por deixar de fora uma grande maioria de espectadores com baixo poder aquisitivo, provocando assim um flagrante processo de elitização da sétima arte. Sinal dos tempos. Irremediavelmente atingido em sua essência de diversão massiva e popular, o ritual cinematográfico capaz de esculpir sensibilidades passou assim a sofrer ele próprio transformações. Entre perdas e ganhos, o São Luiz se manteve em pé, assistindo em paralelo ao desaparecimento de velhos “companheiros”: somente entre 1996 e 1997, o Grupo Severiano Ribeiro fecharia dois de seus principais cinemas de rua no Centro da cidade, primeiro o Jangada e, menos de um ano depois, o Diogo.

Uma década antes, pelo menos no que se referia ao Cine São Luiz, nada apontaria para essa “baixa”. Em 1985, uma *soirée* dedicada especialmente à imprensa anunciava com alarde a chegada do som Dolby Stereo com *sound-round* no cinema. E em 20 de julho daquele ano, na sessão das nove da noite, o filme *Os Gritos do Silêncio*, dirigido por Roland Joffé, colocaria à prova a nova e bem-vinda acústica. Beneficiado de imediato, o I Festival de Fortaleza do Cinema Brasileiro, realizado entre 20 e 26 de outubro de 1986, abriu caminho para os muitos outros festivais que elegeriam o Cine São Luiz como diletta vitrine: entre eles, a versão cearense do FestRio – Festival Internacional do Rio de Janeiro e o inoxidável Cine Ceará, que estreou em 1995 como Festival Nacional de Cinema e Vídeo para, a partir de 2008, se transmutar em Festival Iberoamericano de Cinema.



O início da década de 1990 também gerou uma articulação política entre cineastas e amantes do cinema que veio dar no tombamento estadual do Cine São Luiz, através do Decreto 21.309, de 13 de março de 1991, assinado durante o Governo Tasso Jereissati. Devidamente protegido enquanto patrimônio histórico-cultural e já incluindo no processo de tombo o térreo e os quatro primeiros andares de seu edifício-sede, o São Luiz rompeu os anos 2000 blindado e encorajado a renovar o fôlego. Mas o público cada vez mais escasso, somado ao controverso apagamento da vocação cultural do Centro da cidade, levou o Grupo Severiano Ribeiro a cogitar e planejar o encerramento das atividades ou até mesmo a venda do mais caro empreendimento do cearense Luiz Severiano Ribeiro, que faleceu em 1974, mas não sem antes recomendar aos filhos o cuidado e a manutenção do seu “melhor cinema”.

O Grupo seguiu o legado o quanto pôde: disse não à primeira manifestação de interesse de compra pelo Centro Cultural Banco do Nordeste, ainda em 2003, e somente em 2005, já em meio ao anúncio de fechamento do cinema que foi considerado “comercialmente inviável” por conta da lamentável “evasão de público”, é que acabou por selar acordo de arrendamento junto à Fecomércio - Federação do Comércio do Estado do Ceará e SESC - Sistema Social do Comércio. Um contrato de aluguel que

valeria por 10 anos, de acordo com Luiz Gastão Bittencourt, então presidente da Fecomércio. Começou assim a vida breve do Centro Cultural SESC Luiz Severiano Ribeiro, espaço multiuso que não perdeu a função de cinema e, valendo-se de parcerias, teve o mérito de manter o gigante acordado até 2010, quando o Grupo Severiano Ribeiro deu início à fase de negociação para a venda do Cine São Luiz junto ao Governo do Estado.

Nesse ínterim, sob gestão da Fecomércio, um capítulo memorável enriquece a crônica em torno do Cineteatro São Luiz. Deu-se em junho de 2006, quando espectadores-torcedores canarinhos, todos ardorosamente vestidos de verde e amarelo, lotaram a plateia do cinema para assistir aos jogos da Copa do Mundo da Alemanha, vidrando os olhos na imensa tela que, para muitas das crianças ali presentes, era a maior “televisão” que já tinham visto. Uma cena até então improvável para o vestuário e silencioso salão transformado de súbito em ruidosa e febril arquibancada. O ingresso? Um quilo de alimento não perecível. Mas lá fora, na Praça do Ferreira, nem isso. Era chegar e conferir o rolar da bola em uma tenda armada com telão para, nos intervalos, divertir-se com as peladas sem cálculo e ao ar livre disputadas por bonecos gigantes que se equilibravam em pernas de pau. Juntos, o dentro e o fora dariam um filme.

Vista aérea da Praça do Ferreira, no Centro de Fortaleza. 2013. Gentil Barreira.



“Me lembro de ter participado do abraço dado no São Luiz pelos artistas da cidade, um momento bem emocionante, quando o Cine São Luiz estava ameaçado de ser vendido para a Igreja Universal e uma multidão foi à Praça do Ferreira, as pessoas indignadas, todas de mãos dadas abraçando o São Luiz.”

Ricardo Guilherme, ator.



DE VOLTA PARA O FUTURO

E novamente soou o gongo, como se uma repetida sessão de filme *noir*, carregada de suspense, estivesse prestes a recomençar. Na segunda manhã que a cidade acordou com a notícia do fechamento do Cine São Luiz, em agosto de 2010, a imprensa de imediato cobrou explicações à arrendatária Fecomércio. A versão oficial: “fechado para dar liberdade às negociações e compra do cinema pelo Governo do Estado”. Diante disso, já não foi preciso que a classe artística e os militantes da cultura se apressassem em dar um novo e simbólico abraço em torno do corpanzil de concreto do cinema mais querido da cidade, como aconteceu pouco antes do SESC passar a geri-lo, na esteira de sua primeira “morte” anunciada.

Contava-se também com o atenuante de que o então governador Lúcio Alcântara, ainda em 2005, havia autorizado o início do processo de desapropriação do equipamento por interesse público, condição que precederia a transferência do bem para o domínio estatal. Um outro dado auspicioso era que, em 2008, o Governo do Estado adquirira os andares superiores (do 5º ao 13º) do seu edifício-sede para a posterior instalação da Secretaria

da Cultura do Estado do Ceará. Tudo isso, junto e misturado, fazia cair por terra rumores sobre o interesse da Igreja Universal em comprar o São Luiz do Grupo Severiano Ribeiro. Fato mesmo é que o próprio SESC já havia até encomendado um projeto de recuperação do cinema ao arquiteto cearense Fausto Nilo, atento ao desgaste de suas instalações internas. Projeto que não saiu do papel, segundo o então presidente da Fecomércio, Luiz Gastão Bittencourt, por exigir um aporte financeiro vultoso e urgente que não caberia à entidade arcar, já que não era proprietária do edifício.

Desfecho melhor para a trama não poderia haver: em abril de 2011, depois de uma rodada de negociações envolvendo sucessivas gestões governamentais e diferentes gestores de cultura, o Cine São Luiz foi comprado pelo Governo do Estado. À mesa, para o xeque-mate, representando a Empresa Ribeiro, estavam o superintendente de patrimônio do Grupo, Luiz Henrique Severiano Ribeiro Baez e a neta do cearense Luiz Severiano Ribeiro, Beatriz Severiano Ribeiro de Saules. Logo ao lado, o então secretário estadual de cultura, Auto Filho, assinou embaixo da compra realizada na gestão do então governador Cid Gomes. De volta para o futuro, o protagonista iria, a partir daí, ressurgir novo de novo.

Praça do Ferreira, destaque para a Coluna da Hora e o letreiro luminoso na fachada do Cineteatro São Luiz indicando a programação. 2009. Gentil Barreira.

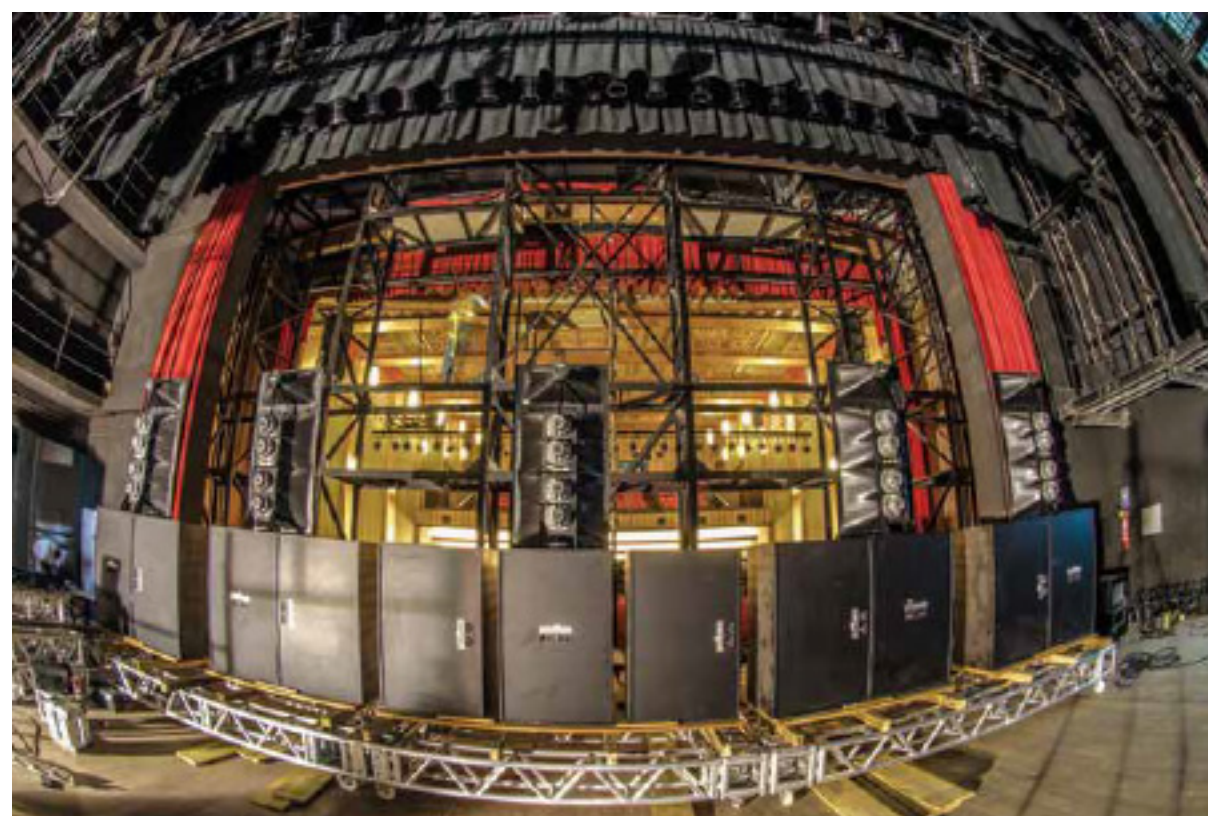
O LABIRINTO DO FAUNO

O Cine São Luiz nasceu grávido de teatro. Quem comprovou a gestação geminada, tendo em mãos o projeto arquitetônico original da edificação, re-roativo a 1935, foi o arquiteto do Departamento de Arquitetura e Engenharia do Estado do Ceará (DAE), Robledo Duarte, que entre 2013 e 2014 esteve à frente do projeto de restauro e coordenou os projetos complementares necessários à recuperação da estrutura física e reativação do DNA da mais antiga e suntuosa sala de exibição de Fortaleza. Obra vultosa que custou aos cofres públicos do governo estadual R\$ 15 milhões.

“O São Luiz levou 20 anos para ser construído. A obra começa em 1938 e vai até 1958. Portanto, na época em que foi projetado era comum essa ligação do teatro com o cinema. Mas, com o passar do tempo, a força do cinema se sobrepõe e assim supomos que Luiz Severiano Ribeiro abriu mão da função teatro com a obra já em andamento. A essa altura, a base

estava montada, ficou ali toda uma estrutura capaz de suportar a roupagem cênica. E nessa brincadeira foi que a gente encontrou por trás da tela do cinema a boca de cena original do São Luiz, enorme, apta a receber o teatro”, revela o arquiteto.

Segundo o engenheiro Paulo Renato Cavalcante, da Coordenadoria do Patrimônio Histórico-Cultural da Secretaria da Cultura do Estado, até a tela do cinema já era retrátil, outro indício de que deveria haver originalmente a opção de movê-la, a fim de que permanecesse ou não em cena, de acordo com a natureza dos espetáculos. Identificado o elo perdido, a ordem então passou a ser equipar plenamente para teatro e cinema o até então mal aproveitado espaço da boca de cena para trás. Trabalho de fôlego. A ponto de se estimar que, dos R\$ 15 milhões investidos na obra pelo Governo do Estado, quase a metade do total foi gasto na recuperação do palco e na instalação de fundo de todos os equipamentos de som e luz necessários para fazer valer a dupla personalidade do Cineteatro São Luiz.



Registro do trabalho de restauro realizado no Cineteatro São Luiz. 2014. Gê Jota.

Imagens da obra de restauro do palco do Cineteatro São Luiz. 2014. Gê Jota.

“A iniciativa do Cineteatro São Luiz é ótima, excelente, parabéns! Isso aí é o que nós precisamos, manter essa alma de cultura, essa coisa da cultura maravilhosa que é essa cultura de ter teatro com cinema. Então viva o Cine São Luiz, viva essa maravilha!”

Erasmu Carlos, cantor e compositor.





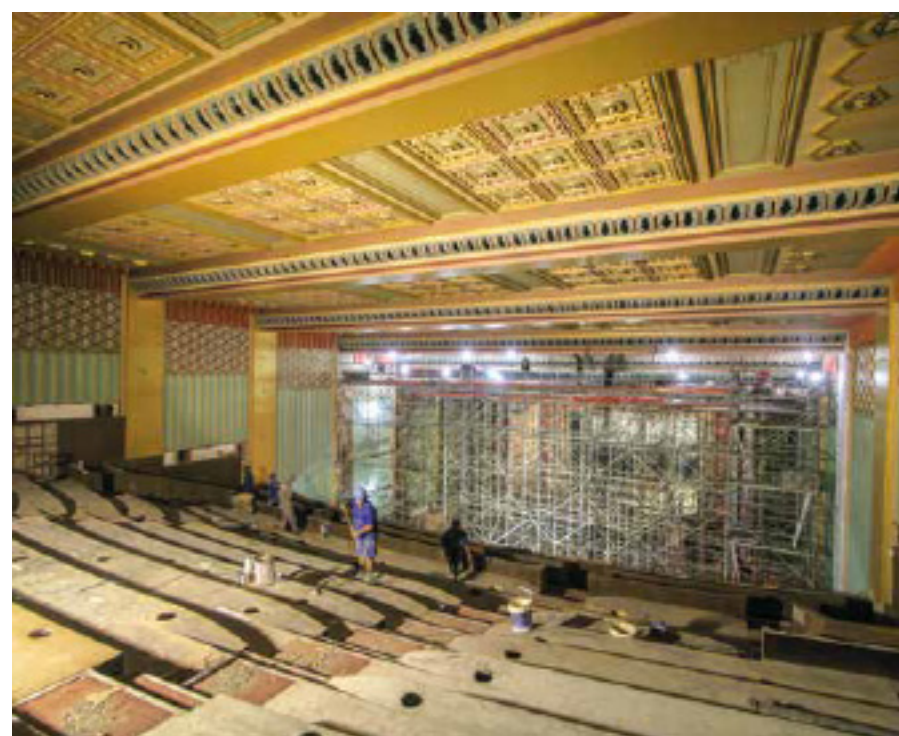
Páginas 76 e 77: Visão superior sobre o palco e o auditório do Cineteatro São Luiz durante o processo de restauro. 2014. Acervo Secult-CE/ Felipe Abud.

Equipe trabalhando no restauro do teto e do auditório superior do Cineteatro São Luiz. 2014. Acervo Secult-CE/ Felipe Abud.

Em destaque o teto do Cineteatro São Luiz, preservado nas obras de restauro. 2019. Gentil Barreira.

Tudo de última geração, a fim de nada deixar a dever em qualidade quando comparado a qualquer cinema ou teatro do país. Eis o que buscou garantir o arquiteto André Grieser, que assinou o projeto acústico e de iluminação cênica da obra de modernização e restauro do equipamento, levando em conta sua condição de patrimônio histórico-cultural e bem tombado em nível estadual desde 1991. “A gente refez a acústica também a partir do projeto original, que já era boa, mas tinha pouca potência, e colocamos dois sistemas de som: um para a função teatro, cobrindo todo o salão e com reforço no balcão, para que todo mundo escute de uma mesma altura, e outro para o audiovisual, esse com vários canais e caixas atrás da tela, além do reforço em cima, nas laterais e no balcão. Assim, todos ficarão, enfim, imersos no som”, detalha.

Com projetores digitais de alta resolução, do São Luiz é possível ainda captar sinal via internet e projetar em tempo real concertos ou espetáculos Brasil e mundo afora. Tudo isso numa novíssima tela de 12m x 8m e sobre um palco de madeira tipo italiano totalmente refeito, cuja profundidade se tornou ainda maior do que o do também imponente Teatro José de Alencar. Revirado ao avesso, até o subsolo do cineteatro foi reativado. “O palco era apoiado em pilares de madeira, uma verdadeira floresta de paliteiro que roubava espaço útil. Ao retirar tudo isso e apoiar a estrutura do palco sobre duas vigas metálicas pudemos construir os camarins embaixo. Por trás da tela, temos ainda as salas onde funciona toda a parte técnica e administrativa, acessadas através de elevador. Do projeto original, mantivemos ainda o fosso da orquestra, para quando o espetáculo pedir música de fundo, e reativamos uma parte do palco que abre e é móvel, possibilitando que o artista se desloque de um nível para o outro”, esmiúça o engenheiro Paulo Renato.



Cortinas e poltronas vermelhas, que já não eram as originais, também foram trocadas. “Optamos pelos assentos articulados, os chamados “espinha de peixe”. Isso permite melhor visibilidade, porque um não se encontra com o outro e abrem mais espaço, gerando conforto. Também adotamos assentos especiais para cadeirantes e obesos, dispondo assim, no total, de 1.050 lugares. Por último, garantimos acessibilidade aos banheiros feminino e masculino do cinema”, acrescenta. Segundo Renato, somente o piso original do São Luiz, outrora de tacos, não foi recuperado. “Deixamos como estava porque ele já foi tombado dessa forma e também por ser mais simples de manter”, sublinha.

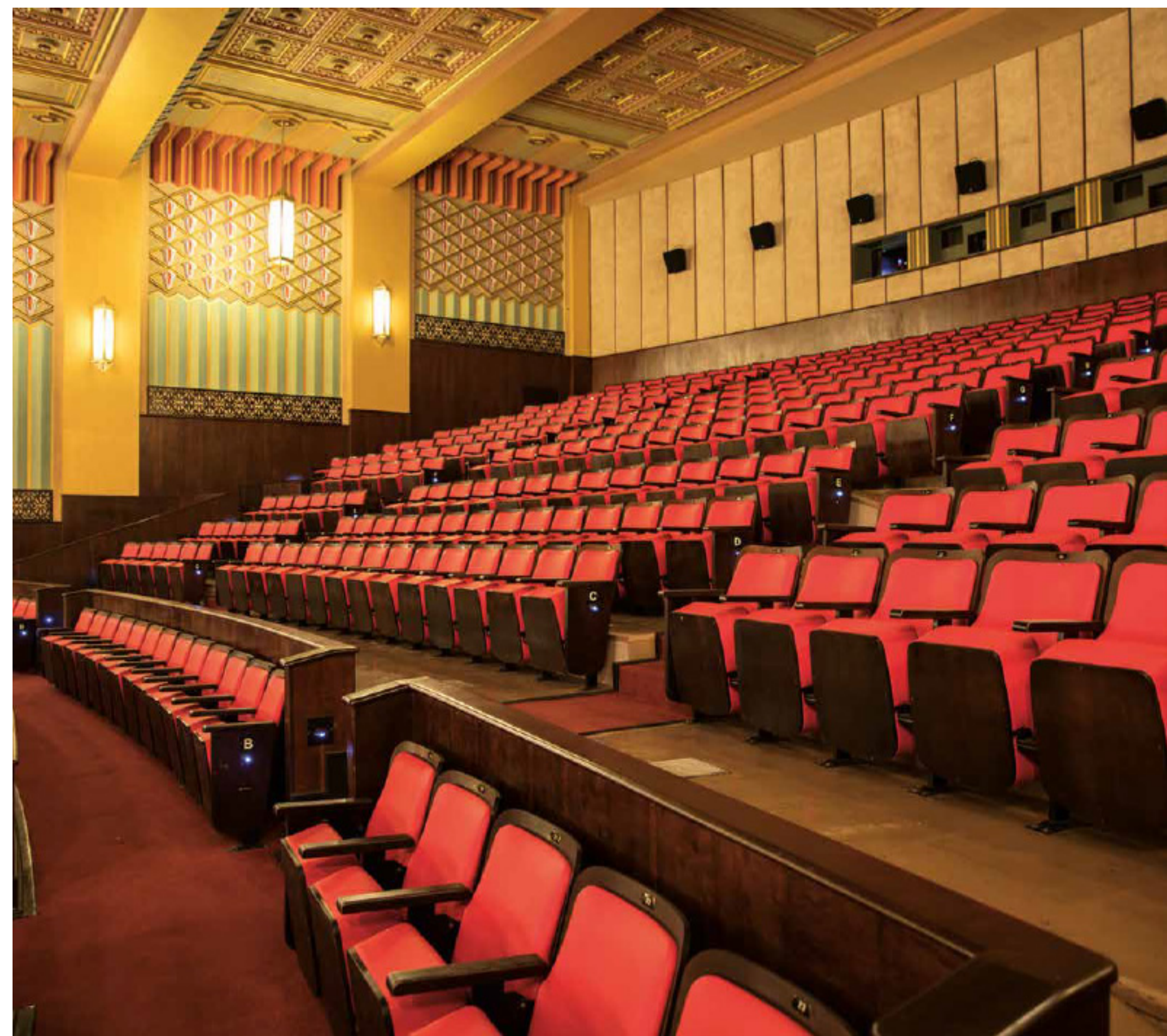
“É incrível como uma coisa que foi projetada para ser um cinema pode ter características tão fortes de uma sala de concerto. É a primeira vez que canto aqui, já cantei em vários teatros de Fortaleza. (...) É fácil de cantar quando você tem essa qualidade.”

Renato Braz, cantor.



Visão superior do auditório do Cineteatro São Luiz sem as poltronas, durante o trabalho de restauração. 2014. Acervo Secult-CE/ Felipe Abud.

Auditório superior do Cineteatro São Luiz, após restauro. 2019. Gentil Barreira.





“Essa casa deveria ser uma referência para que outros estados do Brasil copiassem porque, como o Cineteatro São Luiz é um cinema que foi revigorado, reestruturado, devem ter cinemas como esse pelo Brasil, onde poderia ser feito esse mesmo trabalho, pois, além de salvar o patrimônio, iria acrescentar para a música brasileira.”

Pepeu Gomes, cantor, guitarrista e compositor.

Hall de entrada do Cineteatro São Luiz, destaque para as escadarias em mármore e os lustres de cristal. 2015. Gentil Barreira.

Profissionais trabalham no restauro de uma das portas laterais do Cineteatro São Luiz. 2014. Acervo Secult-CE/ Felipe Abud.

E que se pouse os olhos sem pressa no alvíssimo hall de entrada do São Luiz. Por puro deleite. Lá, o mármore de Carrara que se estende às escadarias, com seu brilho ímpar, jamais passou despercebido, assim como os requintados e raros lustres de cristal da Tchecoslováquia. Toda atenção também é pouca para as formas geométricas em relevo e a pintura decorativa da plateia. “Descobrimos que toda essa decoração cênica em gesso também tinha uma função difusora de som. São arranjos plásticos a serviço de uma acústica perfeita. Por isso, a lateral é toda chanfrada, gerando um efeito de difusão. Ou seja, na medida em que você tem essa superfície com volume, quando o som bate, ele se espalha e não tem ofuscamento auditivo. Assim, temos a força do som toda ali na frente e o que é refletido chega para engrandecer o som original, mas sem competir com ele”, explica Grieser.

Uma prospecção em torno da pintura aplicada sobre o gesso das paredes e teto do Cineteatro São Luiz também veio revelar no presente o que se aplicou originalmente no passado. Trabalhando

em fina sintonia com egressos da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, outro equipamento gerido pelo Governo do Estado, Daniel e José Luiz Motta, uma dupla de restauradores da Bahia, descobriu que por trás do marrom das colunas da plateia havia um inusitado e bem-vindo dourado. “Era o padrão da época e decidimos voltar a ele, mas com o que há de melhor e mais moderno, que é o douramento italiano, o mesmo usado na Capela Sistina, por exemplo”, ilustra Daniel.

O capricho foi mais longe: nada menos do que 23 cores acabaram sendo produzidas manualmente durante o restauro do equipamento, graças à incontestável sensibilidade ótica da equipe. “Foi um processo minucioso para encontrar cada tom e reproduzir em série. Acho que a gente usou uns mil litros de tinta, tudo feito aqui, para ser testado no lugar, com precisão cirúrgica. Chegamos a ter 32 pessoas envolvidas naquilo que foi uma verdadeira alquimia. E enfim chegamos às cores originais e deslumbrantes do prédio, realçadas por luzes amarelas que dão um toque de brilho a todo o ambiente”, comemora.





Fiat lux! Ou, em bom português, “faça-se a luz”! No dia 22 de dezembro de 2014, para coroar a reinauguração em grande estilo do mais antigo e charmoso cineteatro de Fortaleza, todas as luzes amarelas, assim como a iluminação led do letreiro no alto da fachada, derramaram-se como uma esponja sobre cada reentrância do “diamante” lapidado. A noite tão esperada foi para convidados, seguindo à risca o ritual de inauguração em 26 de março de 1958, com a exibição do mesmo filme, *Anastácia, a Princesa Esquecida*, e o desfile de carros de época nos arredores da Praça do Ferreira. No início de 2015, final feliz: o São Luiz já era de todos e de todas, exibindo sua nova programação ao público em geral.

Novíssimo, o Cineteatro foi entregue de volta à cidade justamente um ano após o início das obras, em dezembro de 2013. Desde então, seu desafio-mor – e nada simples – tem sido popularizar-se e abrir-se por completo à diversidade cultural, contemplando todas as linguagens artísticas e atraindo de volta moradores e visitantes. “O São Luiz não vai salvar o Centro da cidade. Mas tem papel fundamental para que uma urgente política de inclusão social venha a ser pensada e colocada em prática através de uma forte articulação entre Prefeitura e Estado, através da qual as secretarias de desenvolvimento econômico e social, segurança, educação e, claro, cultura atuem de forma transversal. O cinema deve potencializar um corredor cultural que inclui Theatro José de Alencar, Sobrado José Lourenço, Museu do Ceará, Teatro Carlos Câmara, Centro Dragão do Mar e outros equipamentos prontos a dialogar entre si e com os mais diversos segmentos sociais”, defendeu, em 2014, o então secretário estadual de cultura, jornalista Paulo Mamede.

Auditório do Cineteatro São Luiz. 2018. Gentil Barreira.

Página 87: Detalhes das composições arquitetônicas e adornos no interior do Cineteatro São Luiz. 2019. Gentil Barreira.

Páginas 88 e 89: Em evidência o douramento da pintura da ambientação arquitetônica do Cineteatro São Luiz. 2019. Gentil Barreira.

Páginas 90 e 91: Vista frontal do auditório do Cineteatro São Luiz. 2015. Gentil Barreira.

RESTAURO

“Frame, planeje, calcule, postule o quanto quiser. Sempre existirão surpresas à sua frente. Conte com isso!”

Henry Miller

Para profissionais que trabalham com restauro arquitetônico, a surpresa é aquele elemento sempre presente, esperado, guardado pelo tempo para poder surgir. Por trás das camadas de tinta, paredes e pisos encontramos vestígios para que possamos concluir os estudos de prospecção arquitetônica e daí seguirmos para o projeto de restauro, finalidade maior de todo o processo.

O Cine teatro São Luiz é a obra maior do sonho de Severiano Ribeiro para dotar Fortaleza da sala de espetáculos mais bela do país. Tombado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, a edificação foi objeto de restauro entre 2013 e 2014, sendo coordenado, à época, pelo Departamento de Arquitetura e Engenharia do Estado do Ceará (DAE).

O projeto consistia em restaurar todo o hall de entrada em mármore de Carrara, os guarda-corpos e balaústres em bronze e, principalmente, os lustres pendentes em cristal, apoiados nos tetos da sala. No setor da plateia, restaurar os adornos em *art déco* (teto e paredes) projetados pelos artistas Osório Pereira e Marcelino Guido Budini e as pinturas feitas pela empresa americana Schaffer & Harvath. Finalizando, no palco, dotar o espaço não apenas para cinema, mas também para uma caixa cênica com toda infraestrutura para manifestações das mais diversas linguagens artísticas.

Nossa primeira surpresa foi quando encontramos abaixo do piso do palco, na quartelada, várias caixas com materiais que não foram utilizados ou sobraram da construção pretérita, como rodameios em cerâmica

esmaltada e cerâmicas de piso e parede. Porém, o mais expressivo achado foram alguns moldes em estrutura metálica, usado nos adornos em *art déco* das paredes da plateia, ainda com vestígios do gesso usado no estoque das peças. O encontro entre o clima da década de 1950 com a atualidade de nossa cidade.

Nas camadas de tinta da estratigrafia das paredes e teto, fomos surpreendidos ao constatar que não haviam outras, sendo a que estava presente, a camada original, desbotada pelo tempo, mas vigilantes em manter a beleza e o aspecto ímpar dos elementos decorativos, que além de adornarem com sutil beleza, servem para manter o equilíbrio acústico da sala.

Nas pilastras em tonalidade marrom, outro aspecto marcante, pois foi a única camada de tinta sobreposta à original. Por trás desta, repousava, porém oxidada, um revestimento dourado, que nas fotos em preto e branco da época de sua inauguração, em 1958, víamos uma tonalidade clara nos elementos citados. Utilizando tintas e pigmentos contemporâneos, restauramos o aspecto original das pinturas do teto e das paredes, preservando toda a ambiência arquitetônica original.

No palco havia uma construção espúria, um almoxarifado de quando o prédio foi alugado para a administração central do Banco do Nordeste. Ao demolirmos, nos deparamos com a fantástica caixa cênica, talvez ali há anos, esperando para surgir consolidando sua verdadeira finalidade. Tecnicamente perfeita nos aspectos dimensionais volumétricos, apenas complementamos com toda a mecânica necessária para dar suporte aos espetáculos vistos nos dias atuais.

Porém, o mais essencial achado, foi o pórtico que adornaria a boca de cena do teatro, nunca utilizado. Uma moldura em estuque, com desenhos que seguem o mesmo tratamento estético dos demais adornos do

cinema, com apenas uma diferença, sem cores, somente com a pintura da base para receber a camada final, esta que ficou escondida no tempo, um mistério que apenas, talvez, o projeto original nos mostre a paleta das cores primordiais.

No aspecto técnico, surpresas também foram encontradas, tais como todo o mecanismo que fazia a movimentação das luminárias e lustres, escondidos no pleno acima da plateia e do hall de entrada. Polias com cabos de aço com toda a fixação original que ainda hoje permitem a manutenção e troca de lâmpadas e polimento do bronze das luminárias.

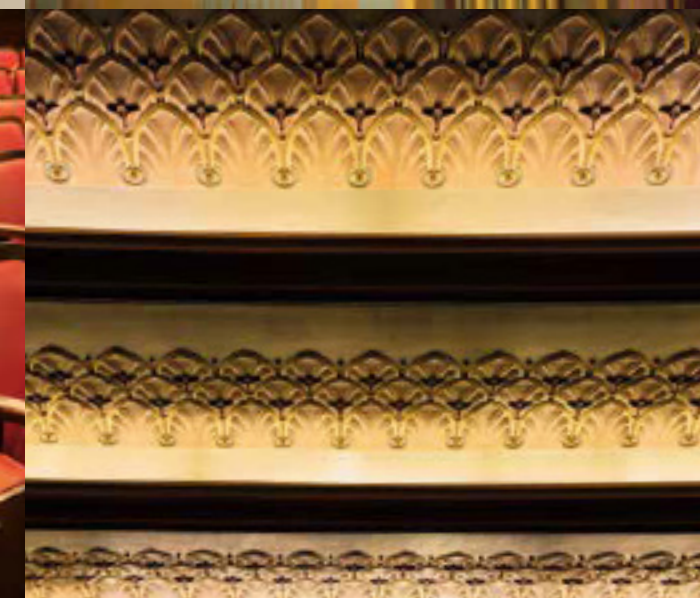
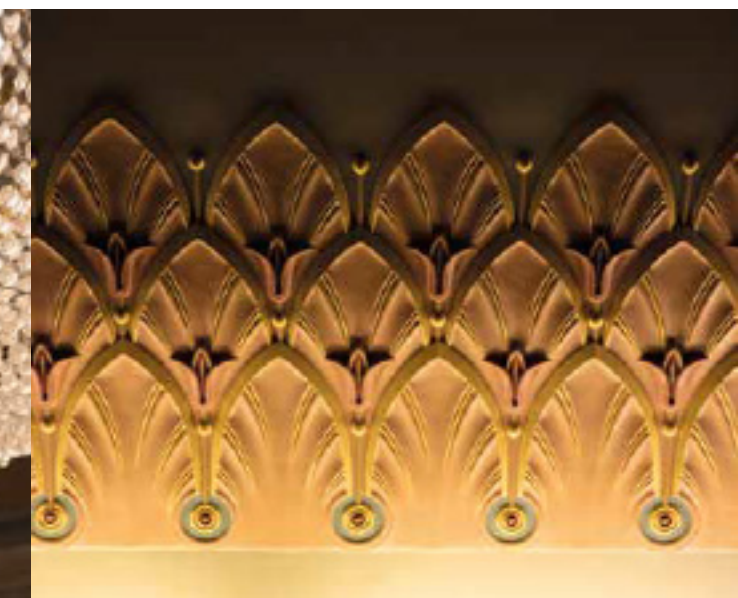
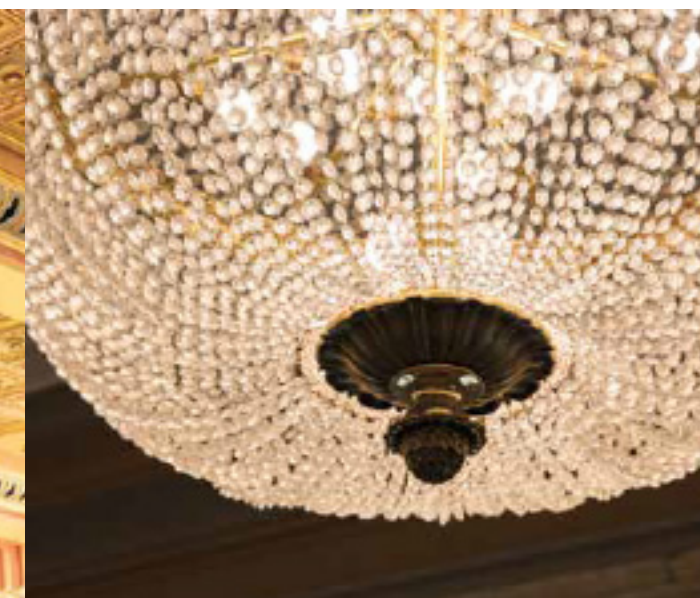
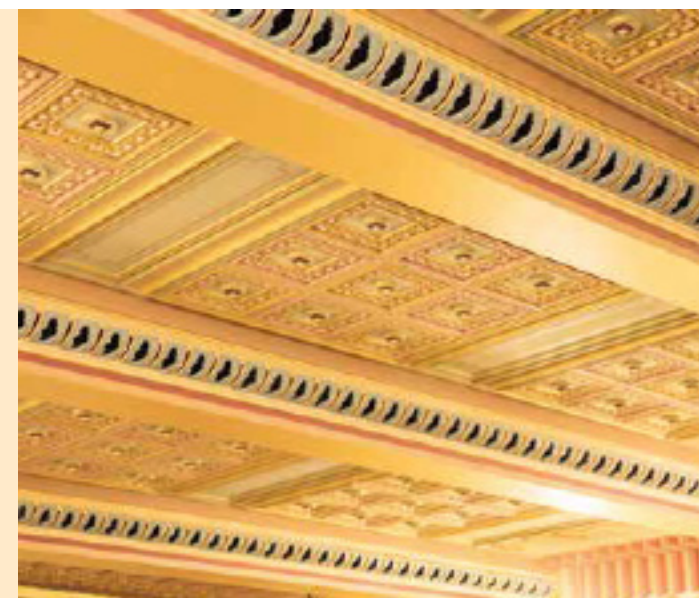
O sistema de ar-condicionado, na época utilizando potentes ventiladores para insuflamento do ar frio, mantinha todos os dutos metálicos em sua integridade, que de pronto foram utilizados para distribuição do condicionamento de ar atual, sem precisar de nenhuma troca.

A estrutura de concreto da caixa do cinema, material que era pouco utilizado na cidade, durante a elaboração do projeto de autoria de Humberto da Justa Menescal, ainda se mantinha sem grandes problemas de corrosão, sendo todos estes tratados de forma localizada.

As surpresas fazem parte de qualquer obra de restauro, sendo elas simples ou complexas, também fazem parte dos projetos de restauro os sonhos, assim como fala Alice no livro “O outro lado do espelho”, “Ele fez parte do meu sonho, é claro... mas nesse caso eu fiz parte do sonho dele também”. Hoje, o Cine São Luiz faz parte do sonho e da realidade de todos os cearenses.

Robledo Valente Duarte

Arquiteto e Urbanista, responsável pelo projeto e coordenação de obra do restauro do Cine São Luiz.



RESTAURAÇÃO DOS ELEMENTOS ORNAMENTAIS DO CINE SÃO LUIZ

RESTAURO

Os elementos volumétricos em gessaria do Cineteatro São Luiz, elaborados e concebidos originalmente para além da estética palaciana, fazem também a delicada função técnica de definir e padronizar a acústica de todo o equipamento. Estes elementos foram minuciosamente prospectados para identificação de suas cores originais e real estado de degradação da gessaria e posteriormente restaurados e pintados. Durante esse processo, foi definida entre teto e paredes, uma paleta que continham 21 diferentes tons de tintas das cores originais da edificação e nas suas colunas laterais e teto. Guardado sob uma cor castanho-escuro profundo, encontrava-se um douramento reluzente em purpurina Ouro Rico (oxidada) que foi prontamente reestabelecido com material moderno e estável, revelando o deslumbrante e reluzente dourado da sua inauguração.

EQUIPE

Para o restauro dos elementos ornamentais do Cineteatro São Luiz, durante o processo de requalificação, foram contratados profissionais experientes, com trabalhos realizados em outros teatros monumentos do Brasil, dentre eles, Teatro José de Alencar, Teatro Amazonas e Teatro Municipal de São Paulo. Esse corpo técnico contou ainda com o apoio da equipe de profissionais de restauro formados pela Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, contribuição imprescindível devido ao curto prazo disponível e o grande volume de trabalho; todos empenhados e comprometidos com a qualidade técnica e com a ideia primordial de resgatar a atmosfera original da época de sua criação.

Daniel Motta

Gerenciamento operacional de restauro dos elementos ornamentais e douramento.





CINETEATRO SÃO LUIZ: ARTE, SENSIBILIDADE E RESISTÊNCIA

Como muitos cearenses, as recordações do São Luiz remetem à minha infância. Lembro-me das filas enormes na Praça do Ferreira e das incríveis sensações que tive em meus primeiros contatos, na década de 1970, com a sétima arte naquele ambiente imenso, lindo e cheio de pessoas. Jamais pensei que um dia minha vida se ligaria ao São Luiz de forma definitiva e profunda.

Em abril de 2015, muitos anos depois e já trabalhando na área da produção cultural, fui convidada pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará para assumir a gestão do Cineteatro São Luiz, reinaugurando seu novo ciclo pós restauração. Na época, existia uma expectativa social pela abertura do equipamento e a necessidade premente de algumas respostas que giravam em torno do seu lugar no contexto cultural do estado, a vocação do equipamento e como interagir com a Praça do Ferreira e sua dinâmica própria.

Nossa aposta foi na construção de uma “política de ocupação” que tomou forma gradativamente, a caminhar passo a passo, em um processo de construção material, simbólica e compartilhada. Tal como um desenho foram se revelando a(s) identidade(s) do agora Cineteatro São Luiz. A primeira inspiração veio de sua própria história: um local que funcionou como porta de acesso para as artes, palco de iniciação cultural de muitas gerações de cearenses, um espaço de afetos e memórias. A segunda veio da Praça do Ferreira em sua dimensão territorial e metafórica: o sentido da pluralidade, da diversidade de programação e públicos, da democracia cultural, da alegria e da inventividade do cearense.

Da vinculação com a Secretaria da Cultura veio outra importante inspiração, o compromisso com o bem público, a convicção de que estamos aqui para servir a sociedade como um todo e o alinhamento com as políticas culturais, a responsabilidade na gestão e no trato com os recursos públicos. Do amor à arte, um traço marcante em toda a equipe: o respeito aos artistas, o

reconhecimento aos agentes culturais, a honra e o encantamento de fazer parte do cotidiano de um espaço com tamanha beleza arquitetônica e importância simbólica. Tudo isso faz do São Luiz um templo!

Conseguimos formar uma equipe que, além da competência profissional, se sente parte integrante desse projeto e tem um grande senso de missão e comprometimento com essa instituição pública e com os agentes culturais.

Estabelecemos uma relação de respeito e afeto com artistas e públicos, com parceiros e com a cidade. O mesmo respeito que está presente no trato com artistas internacionais e nacionais, passando por técnicos exigentes, permeia as relações com agentes culturais, artistas do Ceará e instituições parceiras; se estende aos moradores, transeuntes da praça e trabalhadores do Centro; com distintos públicos de todas as idades, rendas e bairros.

Para além das melhorias e investimentos realizados, cuidados contínuos e cotidianos fazem parte da gestão do São Luiz. O zelo na manutenção traduz o respeito a esse patrimônio cultural do Ceará, mas as conquistas mais importantes são de outra ordem, de natureza simbólica, afetiva e sensível, compartilhada com aqueles que viveram e vivem conosco a rica programação do São Luiz. Trata-se de reconhecer a qualidade, a potência, a quantidade e a pluralidade da arte feita no Ceará.

Nesse novo ciclo, os artistas participam ativamente da construção desse lugar, se aventuram conosco, topam inovações e experiências estéticas, ocupam os diversos espaços, conquistam novos públicos e ajudam a construir as políticas culturais. Fazem-nos pensar, chorar, rir e encantar e constroem esse novo São Luiz.

Bonito também é ver o São Luiz ocupar seu lugar de instituição cultural e sediar eventos, festivais e encontros propostos pela sociedade e pelos movimentos sociais e culturais. Proporcionar debates e

reflexões, trabalhar pelo acesso à cultura, apoiar iniciativas que promovem o direito à vida! Proporcionar a apropriação dos artistas de rua e dos coletivos de jovens da periferia, estimular políticas inclusivas e de acessibilidade. Perceber e posicionar um equipamento cultural como espaço de concretude de políticas sociais e culturais.

Nesses anos de (re)criação são tantas as belezas vividas que, mesmo em pouco tempo, já não dão para contar. Agradecemos aqui todos que estão construindo conosco esse percurso, a toda a equipe da Secult e do Cineteatro São Luiz e, imensamente, ao Governo do Estado e à Secretaria da Cultura, através dos secretários Guilherme Sampaio e Fabiano dos Santos Piúba, que, além de nos dar asas e condições de voo, trouxeram sentidos e inspiração para a viagem. Ao Instituto Dragão do Mar, que soube reconhecer o lugar e a necessidade de um equipamento desse porte, assegurando as condições de seu funcionamento.

Em um ano atípico, de quarentena social devido à Covid-19, o São Luiz novamente se reinventou e encontrou novas formas de (re)existir e estar presente nas telas. Apresentou ao público uma programação on-line expressiva com a melhor produção artística cearense nas mais diversas linguagens. Inovou ao criar uma revista virtual, intitulada Cena São Luiz, e segue dialogando com o público nesse novo espaço de encontros, conhecimento, memória e arte.

Já podemos delinear os primeiros contornos de um novo Cineteatro São Luiz. Muito além de um lugar de afeto e de fruição artística, cumpre um papel importante como espaço de sensibilidade, afirmação e resistência. E, mais ainda, é uma instituição cultural plena de possibilidades futuras.

É com esse espírito que entregamos à sociedade esse livro. Para que essa história seja reconhecida e renovada a cada dia. Desejamos que o Cineteatro São Luiz cresça e se reinvente continuamente como espaço de

arte, de criação, de formação de repertórios artísticos e culturais. Como local de afeto, encontros, emoção e alegria. Um lugar cada dia (e sempre) mais necessário a essa cidade e às pessoas que nela habitam.

Essa casa merece todos os aplausos e uma vida longa.

Que esse espetáculo nunca termine!

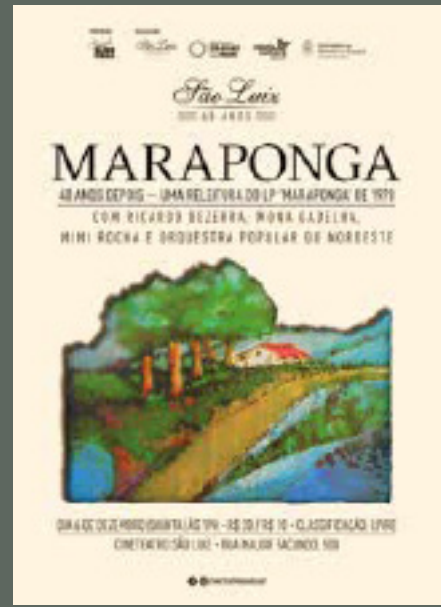
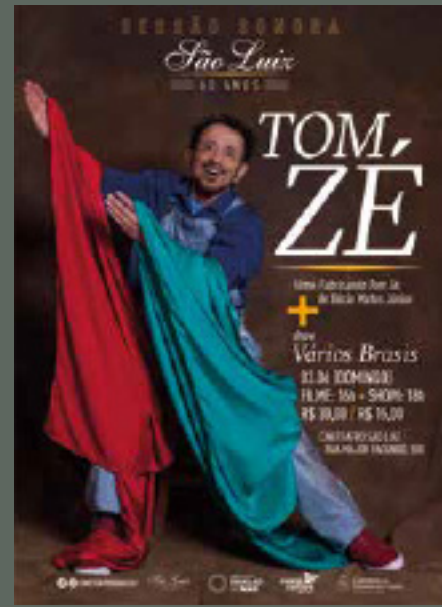
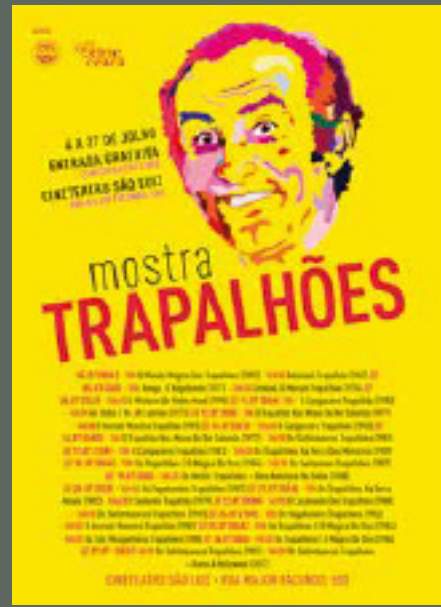
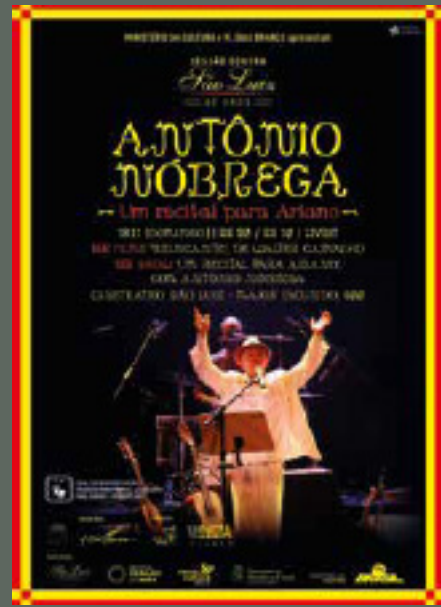
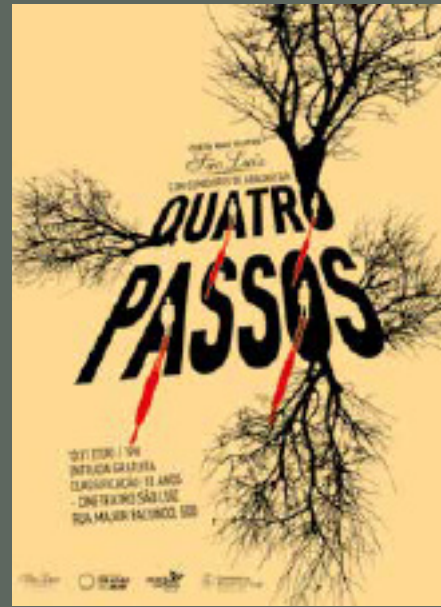
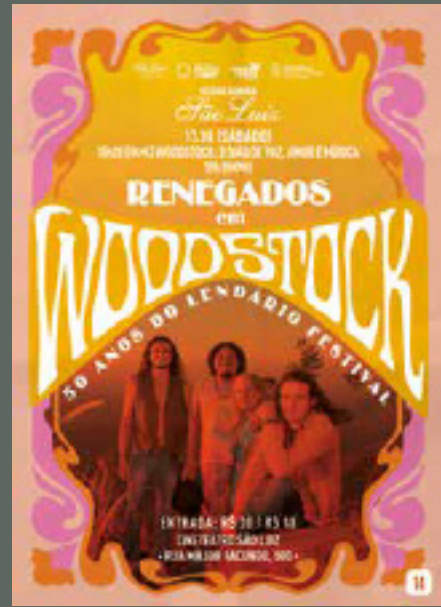
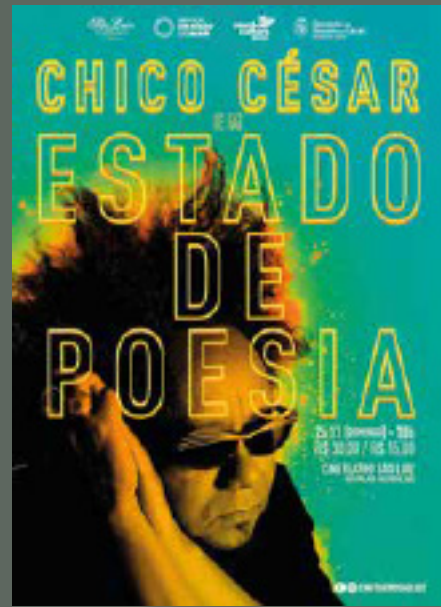
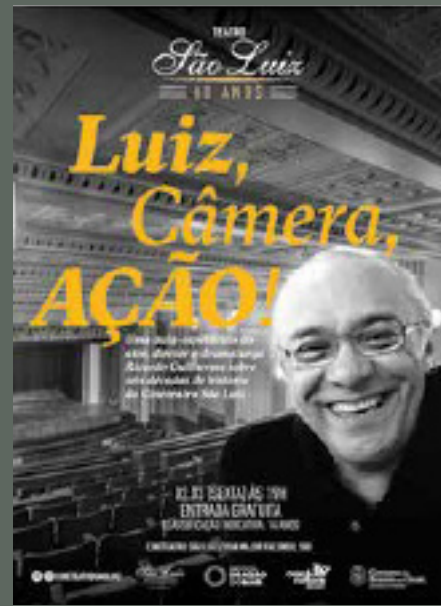
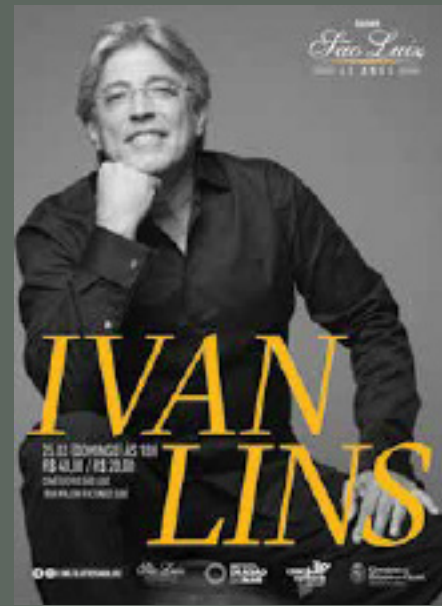
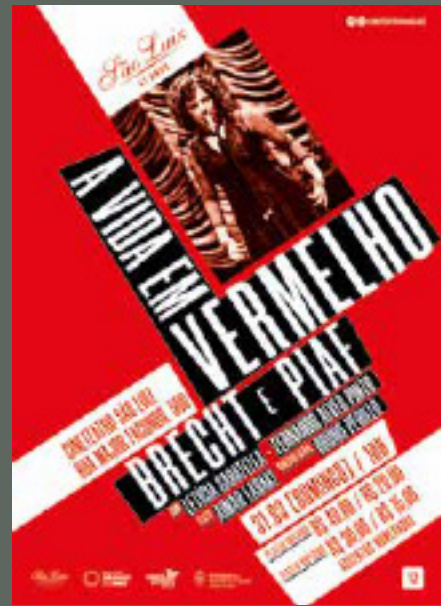
Rachel Gadelha

Diretora do Cineteatro São Luiz
de março de 2015 a abril de 2021



Registros de shows, apresentações teatrais e exibições de filmes da programação do Cineteatro São Luiz. 2016-2019. Acervo Cineteatro São Luiz/ Guilherme Silva.

Páginas 94 e 95: Cartazes de divulgação da programação do Cineteatro São Luiz. Acervo Cineteatro São Luiz.





ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

“Esse é um espaço que pertence às pessoas como sua missão primeira. É um equipamento cultural que as pessoas precisam ocupar... que não se deixe perder de vista nem por um momento a ideia de que esse equipamento veio para ficar e que ele não pode mais sair daqui.”

Lucinha Rodrigues,
produtora cultural.

Cineatro São Luiz,
Praça do Ferreira. 2017.
Gentil Barreira.

Para ir a um cinema do porte do Cine São Luiz em seus primeiros anos de funcionamento, além do exigido paletó, valia dar igual atenção a um bom e lustroso sapato, outro item a se sobressair como sinal de distinção e compostura. É aí que entra, pelas margens da história do único cineteatro de rua de Fortaleza, o vulto do engraxate mais antigo da Praça do Ferreira: o Pirrita (1942-2019). Ele que se abancou sob os benjamins do logradouro ainda de calças curtas, em 1948, dez anos antes da finíssima noite de inauguração do equipamento. Entre uma graxa e outra, acompanhou o erguer dos alicerces da edificação entre brechas, a cada abertura de um portão lateral por onde deixavam entrar toda a matéria-prima que, dizia-se à época, vinha do exterior, em pleno pós-guerra.

Ao sereno, espiando de longe, também foi testemunha ocular da noite de abertura do maior e mais esperado salão cinematográfico de Fortaleza. Era o tempo do “mirréis”, recordava Pirrita, dando conta de como a arraia-miúda calculava, em linguajar próprio, os seus ganhos. Para ele, que ao longo de uma década sonhou em ver de perto o esperado e portentoso cinema, a conta era outra: quando engraxava quatro pares tinha o dinheiro suficiente para acessar o hall de entrada e pôr os olhos cansados naquela tela mágica. E assim, às voltas com paletós emprestados, não perdia um filme de bang-bang, seu gênero predileto.

Era um tempo “bom pra graxa”, gostava de enfatizar. Isso porque quase todos os homens de alta classe ou razoável condição financeira costumavam engraxar os sapatos. E houve, para ele, o dia de glória: aquele em que engraxou, ali mesmo, na Praça

do Ferreira, os sapatos de ninguém menos do que Luiz Severiano Ribeiro, o dono do cinema. Lembra-se da gentileza do cliente - “não era desses ricos orgulhosos não”. E que estava muito bem trajado, apesar de que sem terno ou gravata -, “mas o sapato era bom, coisa fina mesmo, que não se via por aqui”. Na conversa sem cálculo com o empresário, Pirrita não esqueceu a “ousadia” em ter comentado sobre o primeiro filme que viu no São Luiz: *Zorro*. Também não perdeu a oportunidade de saber a razão do primeiro dos dois incêndios do Cine Majestic, em 1955.

Democrático, o Centro era esse lugar de encontro e convivência entre iguais e diferentes. Tão familiar a Pirrita que ele não titubeava em precisar a localização exata de cada um dos quatro cinemas do Grupo Severiano Ribeiro que, naquela primeira metade do século XX, ainda se mantinham ativos e com públicos fiéis - Majestic, Moderno, Diogo, São Luiz -, compondo a Cinelândia local. “O divertimento todo era aqui, tanto pro morador como pra quem vinha de fora”, contou, desenhando no ar um mapa invisível onde celebridades e políticos importantes podiam ser encontrados em hotéis da redondeza, como o Excelsior e o Savannah. “Era quando a gente dava uma de guia turístico aqui na Praça e também ganhava mais umas moedinhas”, riu-se o septuagenário engraxate que, até seu falecimento, em outubro de 2019, aos 77 anos, dormia embaixo de marquises de lojas no entorno da Praça do Ferreira porque não era aceito em nenhuma pensão acompanhado de sua “prole” inseparável: gatos, cachorros e pombos de estimação com os quais dividia água, comida e aconchego desde que decidiu improvisar ali o primeiro caixote de engraxate como meio de vida.

UM CONTO CHINÊS

Imagem indivisível: próximo a todo cinema sempre haverá um pipoqueiro. Francisco Laurindo Monteiro, o seu Chinês, vende pipoca na Praça do Ferreira, colado ao Cineteatro São Luiz, há mais de meio século. O apelido veio justo na época em que os filmes de karatê pipocavam nos cinemas do Brasil como a febre do momento. Pura molecagem da turma que se dizia fã do gênero e só falava em um infalível Bruce Lee a cada intervalo das sessões em torno daquele carrinho de madeira e fórmica que só mais recentemente ganhou sua versão em alumínio e vidro. E eis que da pilhêria nasceria mais um assíduo espectador do São Luiz: o pipoqueiro que, de tão popular, ganhou passe livre para entrar e sair da sala escura quando bem quisesse.

Seu Chinês já perdeu as contas da quantidade de filmes que viu no São Luiz. Mas sabe precisar a qualidade dos efeitos do cinema não só sobre ele como também junto aos filhos, que desde cedo também gozaram do privilégio de experimentar e vibrar com “a melhor diversão”: “Como não pude estudar, porque tive que começar a trabalhar ainda criança, o cinema foi bem dizer a minha escola. O lugar onde aprendi até a conversar melhor com as pessoas letradas e a fazer disso um meio de vida, formando uma clientela que agora passa de geração para geração”. Como modo de sobrevivência, cada saquinho de pipoca vendido, garante seu Chinês, também valeu à pena. Foi com o suor desse trabalho que ele adquiriu casa e carro próprios,

manteve todos os filhos na escola até a conclusão do ensino médio e ainda vem cumprindo a meta de viajar anualmente para sua cidade de origem, Parnaíba, no Piauí, para rever parentes.

Três filhos passaram a seguir a profissão do pai, por escolha própria. Espalhados pelo Centro, também vendem pipoca, bombons e cigarros no retalho, além de manterem juntos uma pequena metalúrgica caseira, onde se prestam a fabricar novos carrinhos para quem quer ingressar no ramo ambulante. O pai acata. E até sente certo orgulho em ter seu exemplo seguido pelos filhos. Mas se pudesse começar tudo de novo jura que queria mesmo era estudar dramaturgia para sentir na pele o que é ser um ídolo do cinema, adorado por multidões.

Por hora, contenta-se em ter conhecido alguns de perto, entregando-lhes seus mais caprichados saquinhos de pipoca. Renato Aragão, o Didi, de Os Trapalhões, é um deles. “Todo ano ele vinha lançar seus filmes e se misturava ali com a gente e com a meninada que vinha com os pais ao São Luiz, de férias. Era a época em que eu vendia mais pipoca, sem dúvida”, lembra seu Chinês. Outros filmes que alcançaram recordes de bilheteria e também fizeram a vida financeira do pipoqueiro melhorar foram *Tubarão*, *Ghost*, *do Outro Lado da Vida* e *Titanic*. “Nunca mais teve filme bom assim que vendesse tanta pipoca”, avalia, a seu modo, o ambulante que até já ganhou medalha na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará por serviços de valor simbólico prestados à fábrica de sonhos movida à pipoca.

Espaço da cafeteria Santa Clara, no Cineteatro São Luiz. 2020. Gentil Barreira.

Visão da fachada do Cineteatro São Luiz com letreiro iluminado sinalizando a programação. 2018. Gentil Barreira.

Páginas 100 e 101: Show do cantor Gilberto Gil no Cineteatro São Luiz. 2018. Gentil Barreira.



“Isso é naturalmente uma coisa muito interessante, possibilitar acessos variados a públicos que, por várias razões, por razões de hábito mesmo cultural e tudo, às vezes econômica, localização, distância dos lugares, enfim, não têm a oportunidade de acessar uma variedade de música, de teatro, dança, todas as manifestações culturais. (...) Eu tenho a impressão que hoje o São Luiz deve ser um dos poucos, se não for nesse estilo mesmo o único.”

Gilberto Gil, cantor e compositor.





“Eu participei da estreia, da inauguração desse cinema aqui (São Luiz) com um filme chamado Anastácia. Veio todo mundo de beca, de paletó e tudo e eu lembro que eu tinha 23 anos naquela época. Depois comecei a frequentar todo tempo. (...)”

O que eu estou sentindo? Estou flutuando que não tô sentindo o chão, essa é a verdade.”

Renato Aragão, comediante, ator e produtor.

Poltronas do auditório em evidência e o palco do Cineteatro ao fundo. 2018. Gentil Barreira.

Rachel Gadelha (Diretora do Cineteatro São Luiz), Renato Aragão (ator e humorista) e Fabiano Piúba (Secretário da Cultura do Estado do Ceará) no palco do São Luiz durante homenagem concedida ao artista cearense na 28ª edição do Cine Ceará. 2018. Acervo Cineteatro São Luiz/ Guilherme Silva.

ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA

Jhoseffi Macena, o Dedé, atual projetorista e técnico de cinema do Cineteatro São Luiz, sequer tinha nascido quando Didi “fechou a rua” e “parou o trânsito”, no Centro de Fortaleza, atraindo uma multidão de crianças e adultos para o entorno da Praça do Ferreira, com direito a manchete de página nos jornais locais. Era 1973 e o hilário personagem criado pelo comediante cearense Renato Aragão (1935) roubaria a cena naquela especialíssima pré-estreia do filme *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*. Logo ali, no cinema-xodó do Grupo Severiano Ribeiro, justo onde o “adorável trapalhão”, aos 23 anos, entrou pela primeira vez, meio sem jeito, metido em um paletó, só para estar à altura da noite de inauguração do requintado equipamento. Ele que, ainda adolescente, bem antes de sonhar em ver o Brasil frouxo de rir com seus trejeitos e bordões, não perdia um só filme do ídolo primeiro e eterno, Oscarito, embasbacado na plateia do Cine Majestic.

E eis que, em 2018, novamente aconteceu: um São Luiz apinhado, como só se viu igual nas décadas de 1970 e 1980, auge da fama do quarteto cômico formado por Didi, Dedé, Mussum e Zacarias. Uma nova prova, ao vivo e em cores, do quanto o palhaço midiático mais famoso do país ainda é capaz de “popotizar” veteranos e novas gerações com o simples anúncio de sua presença na cidade. A homenagem ao octagenário Renato Aragão, com direito a discurso emocionado do cearense de Sobral que saiu dos esquetes da TV Ceará, ainda no início da década de 1960, para ganhar reconhecimento nacional, veio junto com o início da festejadíssima Mostra Retrospectiva *Os Trapalhões*. Era o ponto alto da programação especial alusiva aos 60 anos do Cineteatro. E a manchete literal que poderia ter, de novo, estampado os jornais locais seria: “Didi suspendeu o tempo. E chorou”.



Dedé, o jovem projetorista e técnico de cinema do Cineteatro São Luiz, estava lá, assistindo tudo do alto, quase invisível na diminuta cabine de projeção, hoje totalmente automatizada e onde reina absoluto, a exatos 24 graus, um megapotente e infalível projetor de origem americana e altíssima resolução, tendo na parede às suas costas, como quem olha com certo desdém para o passado, painéis manuais de controle de força e luz aposentados e substituídos por torres computadorizadas passíveis de serem programadas à distância. O comandante da nave *high tech* e homem-chave capaz de dar manutenção e operar comandos precisos para aquela “Ferrari” funcionar perfeitamente foi também o responsável direto pela recuperação e digitalização de todo o conjunto de filmes de *Os Trapalhões* exibido durante um mês no São Luiz para plateias de todas as idades, classes sociais e procedências. Um “tesouro” entregue em mãos pela direção da casa ao homenageado e que rendeu agradecimentos solenes, dada a excelência do trabalho realizado.

“As cópias garimpadas, a maioria de DVD, que chegaram para compor a Mostra, realmente não tinham boa qualidade. Foi quando me deram o desafio de recuperar e digitalizar esse acervo. Não tive como não aceitar. Eu era mais um fã das reprises de *Os Trapalhões* na Rede Globo. O primeiro filme que vi deles foi ainda na escola, numa TV de 20 polegadas: *Os Trapalhões e o Mágico de Oróz*. Aí vidrei na televisão de casa na hora do almoço. Tanto que, ainda na infância, ganhei o apelido de Dedé, justamente por ser aquele que sempre levava a pior nas brincadeiras. Mas passei a vida querendo ser o Didi, o mais esperto, o melhor, o mais inteligente”, recorda, rindo-se, o técnico que, revolvendo a própria trajetória, já se sente orgulhoso em dizer que o ápice da carreira de um projetorista é trabalhar num cinema como o São Luiz, um “palácio” de 1050 lugares.

A conquista, aparentemente precoce e que surpreende quem ainda espera encontrar na cabine de projeção do sexagenário Cineteatro um vetusto senhor de suspensórios e boina, é resultado de outras “marcas” vencidas: aos 16 anos,

Dedé já havia se tornado o projetorista e técnico de cinema mais novo do estado do Ceará. Desde 2015, por meio de um concorrido edital de seleção aberto para todo o país, passou a integrar a equipe técnica do São Luiz, isso depois de demonstrar conhecimento e experiência comprovada nas áreas tecnológica, mecânica, elétrica e eletrônica. Parece filme. Vir a fazer parte do elenco de personagens de bastidores que faz girar toda a engrenagem capaz de manter tesa a aura mágica do Cineteatro São Luiz, o mais amado da cidade, é um feito que Dedé jamais imaginou protagonizar, a não ser nos seus melhores sonhos de se tornar um Didi.

“Audácia da pilombeta”! Porque a vida de quem não nasceu em berço de ouro cedo cobra a fatura. Já na infância, estudo e trabalho, para Dedé, tornaram-se rotina, seja auxiliando o padrinho torneiro mecânico, aprendendo sobre o maquinário da fábrica de sabão onde o pai trabalhou ou adquirindo noções de projeção e montagem de móveis de madeira na oficina do vizinho. Brincava pouco nas ruas do bairro Jacarecanga com a meninada do entorno. Quando muito, ia à praia. E a primeira e única vez que foi ao cinema, ainda de calças curtas, aos 7 anos, teve que contar com a esperteza e a lãbia do pai do amigo Johnny que, ao meter as fuças na bilheteria do São Luiz, insistiu em pagar o valor de um ingresso apenas para os dois meninos. E assim foi.

“Houve confusão, mas cederam. Só que eu e meu amigo tivemos que ver *Tartaruga Ninja* na mesma cadeira, ali, apertados. Lembro de ter ficado em pé para olhar pra cima, imaginando de onde vinha o filme, exatamente como hoje fazem as crianças de escolas públicas que vêm ao São Luiz gratuitamente por conta do projeto Escola no Cinema. Mas como imaginar que seria eu, um dia, o “tio” do lado de cá que iria dizer pra elas olharem para a tela ao invés de mirar na *house* ou no alto da cabine de projeção?”, diverte-se Dedé, o outrora espectador-mirim que só voltaria ao São Luiz para sentar na plateia já adulto, quando ainda fazia as vezes de projetorista do extinto cinema Unibanco, no Centro Dragão do Mar.

*Imagem da sala de projeção.
É possível observar a tela
de exibição ao fundo.
2019. Gentil Barreira.*

*Auditório do Cineteatro
São Luiz, plateia durante o
show do cantor Fausto Nilo.
2018. Acervo Cineteatro São
Luiz/ Guilherme Silva.*

*“Não há ninguém da geração até 1950
que não tenha vínculo com esse salão
cinematográfico. Se passar por uma
psicanálise todo mundo tem traumas e
características moldadas pelo cinema.
O cinema foi o grande laboratório da
sensibilidade dessas gerações.”*

Ary Bezerra Leite, pesquisador, memorialista e escritor.





CINETEATRO SÃO LUIZ. UMA EMOÇÃO QUE PREENCHE A ALMA

Quando a campainha toca três vezes, minutos antes de começar o espetáculo, muitos corações se agitam com a proximidade do encontro e do encanto que a arte proporciona. Neste momento a casa está pronta para receber vida e para ser vivida em sua plenitude. Dar ar e alimento aos olhares e vozes que a preenchem, por meio do dom daqueles que sobem e coloreem os palcos.

O cinema é o sangue primordial que pulsa nas veias desta casa e sempre provoca sensações de voos inimagináveis. O São Luiz traz consigo essa energia vital, mas amplia, a cada dia, a sua potência. Desde sua reinauguração vive múltiplas formas de fazer, criar, envolver e emocionar. Hoje, para além de um Cineteatro, traz a história de um renascimento.

O que realizamos cotidianamente, desde então, nada mais é do que concretizar as muitas inspirações que sempre emanaram da grande sala de espetáculos da Rua Major Facundo, 500. Proporcionar transcendência a todos os públicos, artes e artistas.

Sua imponente arquitetura deslumbra visitantes e curiosos já ao adentrar em seu foyer de castelo. Espelhos gigantes, mármore que brilham e luzes que faíscam aos olhos hipnotizados dão o tom do tamanho da emoção que paralisa, mas não aprisiona o espectador, pois é testemunha de um número de magia, que o liberta e expande.

É plural. É cinema, é de todas as artes. O São Luiz é o próprio espetáculo. Está para além do tempo da história e da memória, dos causos e dos afetos. Cobiça o limite das fronteiras, difunde, propaga e acolhe, renova-se e reinventa-se. É contemporâneo e tradicional. Um templo das artes, democrático e acessível, onde pisam os mestres, os jovens e os não tão jovens, todas e todos que pulsam vida.

José Alves Netto

Diretor do Cineteatro São Luiz

“O Cineteatro São Luiz é um equipamento cultural que permite viajar no tempo e desfrutar de uma programação inovadora e de qualidade, vários palcos se formam neste espaço, os ecos ressoam na praça, interligando a comunidade de Fortaleza ao mundo artístico. Viva o São Luiz!”

Rosa Liris, espectadora.

Páginas 108 e 109: Auditório do São Luiz durante a realização da 28ª edição do Cine Ceará. 2018. Gentil Barreira.

Veio cedido ao São Luiz pelo Instituto Dragão do Mar para prestar serviço e corrigir um defeito no projetor que deveria exibir para autoridades convidadas uma sessão especial do filme *O Menino e o Mundo*. Aceitou o desafio, chegou logo cedo, mas ao entrar na cabine se deparou com o projetor do cinema de um shopping local que já havia feito uma primeira e vã tentativa. Pediu licença então para examinar a máquina. E com uma chave de fenda, um alicate, uma borracha de duas cores, um pincel e todo um know-how acumulado desde a infância, fez o conserto. Antes de dar por finalizado o trabalho, assistiu ao filme, do começo ao fim, sentado justamente numa das cadeiras da sexta fileira que, quando menino, teve que dividir com o amigo Johnny. “Ali eu chorei, claro, sem que ninguém visse. Porque passou um filme pessoal e intransferível na minha cabeça, em retrospectiva”, admite.

Um flashback que comporta *takes* distintos, como o dia em que começou a trabalhar como auxiliar de limpeza em um cinema local, para depois passar para a bomboniere, a bilheteria e, finalmente, movido pela curiosidade e disposição, alcançar o posto máximo de projetorista. Ou, já no curso do aprendizado empírico, mas ainda como iniciante, encarar o teste de fogo, que foi montar pela primeira vez um filme em 35mm para ser exibido numa sessão especial. “O primeiro que montei foi *Elefante*, um filme muito louco, com cenas em que o personagem aparecia de cabeça para baixo e você tinha que

atinar e emendar os negativos direitinho... Porque na época da película era assim: o filme vinha em cinco partes e a gente fazia emendas com uma espécie de durex. E depois tinha que assistir antes para checar se a sequência estava correta e se não havia risco de as emendas arrebentarem”, relata, rememorando o trabalho mecânico, lento e braçal hoje inimaginável para novas gerações de técnicos ou mesmo espectadores.

Inimaginável sim, mas passível de ser parcialmente revisitado, pelo menos no interior da cabine do Cineteatro São Luiz, onde dois projetores de 35mm semi-novos descansam impávidos e colossos, só esperando a hora de começarem a trabalhar novamente. Os regalos, doados pelo Grupo Severiano Ribeiro justamente no rol de comemorações dos 60 anos da “joia” vendida para o Governo do Estado em 2011, prometem trazer de volta a sessão nostalgia em que uma textura enevoada e um certo chadinho de fundo vão soar, respectivamente, como paisagem e música aos ouvidos de experimentados e apaixonados cinéfilos.

Tudo na mais perfeita condição de exibição, com absoluta qualidade e nenhum desgaste físico. É o que garante o projetorista e técnico de cinema do equipamento, que, como um Aladim, não vê a hora de pôr as mãos nas “lâmpadas maravilhosas” capazes de produzir gênios como Didi e dar saltos mirabolantes no tempo, rompendo fronteiras entre passado, presente e futuro.





“O teatro é lindo e a acústica muito boa. Estamos nos sentindo realizados de tocar nesse espaço e tomara que a gente volte mais vezes.”

Dadi Carvalho, baixista de A Cor do Som.

Registro de performance artística no palco do Cineteatro São Luiz. 2018. Acervo Cineteatro São Luiz/ Guilherme Silva.

Em evidência um dos guichês da bilheteria do Cineteatro São Luiz. 2018. Gentil Barreira.

O FABULOSO DESTINO DO CINETEATRO SÃO LUIZ

Convicto de que não convém permanecer imóvel no tempo, como um velho cartão postal, o Cineteatro São Luiz rejuvenesce no presente e se projeta em tempo contínuo, negando o prenúncio fatalista da cigana que um dia teria supostamente abordado Luiz Severiano Ribeiro para prever-lhe a morte caso as obras recém-iniciadas do maior e melhor cinema de rua de Fortaleza fossem concluídas. Duas cartas fora do baralho: criador e criatura não só triunfaram, como fariam cumprir um fabuloso destino: aquele que deu ao São Luiz, ao longo dos anos e das mutações, um lugar de honra no imaginário coletivo da cidade.

Inaugurado em 1958 sobre as ruínas do Cine Polytheama, último cinema mudo de Fortaleza, o Cineteatro São Luiz do século XXI pôs-se a tagarelar no e com o presente, comunicando-se através de diferentes linguagens. Como símbolo de distinção na paisagem urbana, sua assinatura sexagenária resiste esbanjando charme, cravada bem no alto de um letreiro iluminado por 98 lâmpadas que fazem saltar aos olhos, em estrutura de acrílico vermelho, tudo o que lhe corre por dentro: em cartaz, pode estar um filme, um show musical, uma mostra de dança, um espetáculo teatral, um número circense, uma esquete humorística, uma manifestação da cultura popular tradicional, uma aula-espetáculo, uma performance híbrida ou multimídia.

É assim desde o final de 2014, ano em que o cinema se torna apto a abraçar não só a sétima, mas todas as artes, de modo que as permanências acolham as inovações e, mesmo embebido por uma onda de recordações, o olhar de quem entre no Cineteatro São Luiz seja levado a percorrer marcas e temporalidades múltiplas. Trajeto emblemático e carregado de subjetividades que vai ao encontro de ícones clássicos. Como espécie de partitura musical em que nenhuma nota deve ser modificada lá estão, logo na entrada do Cineteatro, os gigantesco lustres com mais de 100 quilos fabricados na Tchecoslováquia, trio majestoso que, desde a inauguração, cobre de dourado a atmosfera do foyer, refletindo o brilho conjunto de seus 44 mil cristais.





Apresentação do Balé Folclórico Arte Popular de Fortaleza no hall do Cineteatro São Luiz. 2018. Acervo Cineteatro São Luiz/ Guilherme Silva.

“Sem dúvida alguma, para mim, é uma profunda honra estar aqui no Cineteatro São Luiz, um teatro que tem tanto significado para Fortaleza, para o Ceará e para o Brasil. Quando vejo que tantos amigos meus e outros que já não estão mais entre nós passaram por aqui me sinto profundamente honrado de estar nesse teatro, procurando trazer um pouco de emoção, que é a missão de um artista.”

Maestro João Carlos Martins.

Olhar para o chão de mármore de Carrara que recobre todo o hall e avança pelas escadarias do São Luiz é também voltar o rosto para um tempo desaparecido. Mas o novo pede passagem já na plateia, materializando-se em 1050 poltronas vermelhas, sendo 12 espaços para cadeirantes e dez lugares especiais para obesos, em cumprimento à política normativa de acessibilidade. Exigências que, naquele salão impregnado de memórias e afetos intergeracionais, admitem licenças poéticas, como fazer vista grossa, sempre que possível, aos casais de namorados de todas as idades que insistem em sentar juntinhos e abraçados justo nos assentos duplos que remetem às antigas “namoradeiras”.

Do proscênio para dentro, é nas coxias e varandas abertas nas laterais da boca de cena que o namoro imemorial entre arte e técnica vai se esticando por 14 metros de altura, entre nichos que escondem tanto varas manuais de cenário quanto um sistema maquinado de roldana, cabos de aço e cordas que, erguendo pesos e contrapesos, emprestam movimento aos cenários e fazem acontecer o balé de abertura e fechamento das elegantes cortinas vermelhas de 24 metros de comprimento por oito de altura.

“A acústica do espaço é muito boa, a galera é super envolvida e animada.

A recepção do público é super calorosa. Espero voltar outras vezes.”

Chico Brown, cantor, compositor e multi-instrumentista.

No limite do visível, novidades e sobrevivências vão deixando outras pegadas: ao redor da plateia inferior, arandelas, quando acesas, vêm realçar o desenho original dos arabescos esculpidos e pintados nas paredes internas do auditório de 40 metros de comprimento e 16 de largura. À altura do teto, já próximas ao palco tipo italiano com piso amadeirado, também se enfileiram as varas de luz manuais e elétricas, todas elas cercadas pela ultramoderna família de mais de 200 projetores com suas lâmpadas de LED.

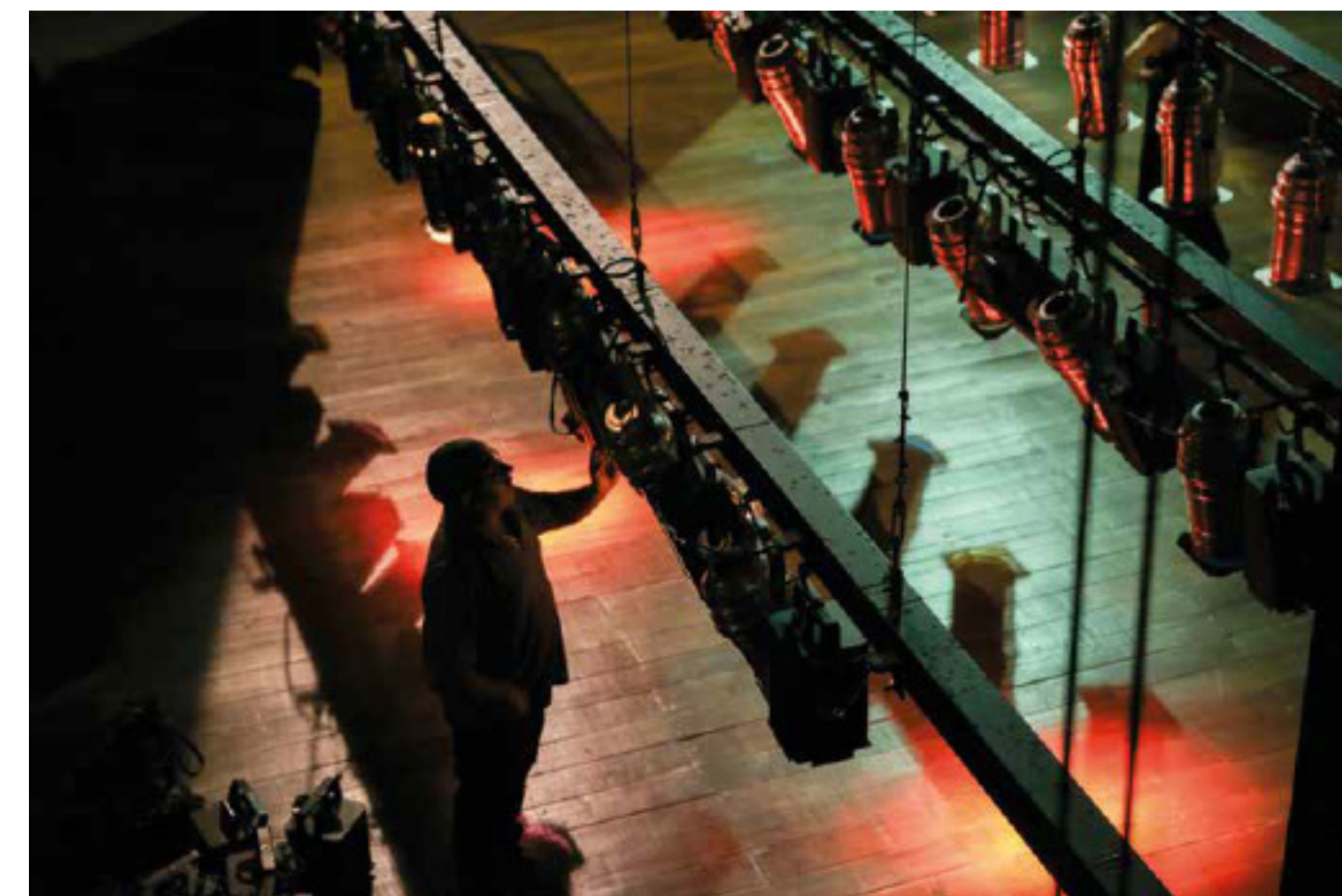
Mediante o que se tornou, o avesso do Cineteatro São Luiz também pode revelar, com saudade, aquilo que foi: outrora vazado, o fosso onde orquestras tocavam em um nível abaixo da plateia, sem serem vistas, foi trazido à tona, voltando a aproximar artistas e espectadores em espetáculos deslocados para a frente do palco e, por isso mesmo, marcados por uma atmosfera intimista. Vedete de todos os tempos, uma aparição entre todas continua a roubar a cena: quando a grande tela de projeção de 12 metros de comprimento por oito metros de altura sobe e desce automaticamente, sempre em sintonia com as plataformas sobre as quais a aparelhagem de som desliza imperceptível, a magia do cinema se espraia pelo ambiente, atraindo todos os olhares.

High tech e artesanal a um só tempo, o ritual de funcionamento interno do Cineteatro São Luiz é peculiar porque obedece aos caprichos e cuidados necessários para manter íntegro e vivo um patrimônio histórico e cultural que em 1991 foi tombado pelo Governo do Estado. Assim, o minucioso projeto de restauração e reforma de sua arquitetura

não pôde deixar de vir junto com a reequipagem instrumental e a readequação conceitual de ações que, para além da estética, instauraram ali uma nova ética: contrariando o início de sua própria história, quando ingressos mais caros e trajes requintados eram marcas de distinção, o São Luiz do século XXI tratou de dialogar com todos os públicos, abrindo-se, em 2015, a uma programação majoritariamente gratuita e optando por vestir o figurino de um equipamento público e democrático.

Embutida nele, uma política de intersecção entre o “dentro” e o “fora” pede passagem, alcançando moradores dos mais diversos bairros, artistas locais e convidados, comerciantes, trabalhadores e até pessoas em situação de rua que voltaram a olhar para o Centro da cidade como um lugar possível - e potente - ao exercício da convivência e da invenção. Incontestemente, mas permanentemente desafiadora, a vitalidade que faz brilhar os olhos de quem revê o São Luiz é construção coletiva: vem da afirmação de uma proposta de gestão dialógica e da aposta em um modelo de curadoria plural e participativa, capaz de imprimir qualidade às faixas de programação ao mesmo tempo em que abraça demandas da própria classe artística e do público espectador.

Gerido pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult-Ce) e por meio do Instituto Dragão do Mar, o Cineteatro também se alinhou às políticas públicas culturais, incorporando ações socioeducativas, afirmando a produção e a difusão cultural no estado e dialogando com outros equipamentos e órgãos governamentais.



Sistema de iluminação no palco do Cineteatro São Luiz. 2019. Gentil Barreira.

Mesa de som digital utilizada para sonorização de espetáculos no Cineteatro São Luiz. 2018. Gentil Barreira.

PALCO ITALIANO

- Piso em madeira contendo alçapão de 2m X 2m.
- 10,29m de largura de boca de cena.
- Boca de cena - 7m de altura.
- Profundidade - Medida da frente do palco até rotunda: 16m.
- Medidas do proscênio: 6m (profundidade) x 10m (fundo) x 16m (frente).
- Coxia lado direito: 3,5m.
- Coxia lado esquerdo: 3m.
- Urdimento - 14m de altura.
- 1,30m de altura de palco acima do piso da plateia.
- 10 varas de luz, sendo 2 elétricas, 7 manuais com sistema de contrapeso e 1 fixa.
- 4 varas de vestimenta (04 bambolinas, 08 pernas) com sistema de contrapeso.
- 3 varas de cenário com sistema de contrapeso.
- 1 rotunda fixa com sistema de cortina plissada.
- Fosso medindo 15m x 3m coberto com compensado naval e acabamento em linóleo preto.

CAMARINS

- 2 camarins com banheiros coletivos.
- 2 camarins com banheiro individual.

EQUIPAMENTOS DE SOM

- 1 Sistema de PA com 12 caixas line array - JBL Vertec mod VT4887 - ADP/DA.
- 4 subwoofers Vertec mod VT4881A.
- 1 mesa de som digital para monitoração de palco SOUNDCRAFT SI Expression 3 com cartão de expansão totalizando 56 canais de input.
- 6 monitores de palco FBT X lite 12A.
- 2 direct boxes PASSIVOS BEHRINGER.
- 2 direct boxes ATIVOS BEHRINGER.

EQUIPAMENTOS DE LUZ

- 1 mesa ION ETC.
- 10 varas de luz, sendo 2 elétricas, 7 manuais, 1 fixa.
- 7 varas de bambolinas na catraca, 2 varas elétricas, sendo uma no proscênio e outra na plateia.
- 27 Projetores Elipsos 750w (11 Elipsos de 50° ETC, 5 Elipsos de 36°, 4 Elipsos de 19°, 1 Elipso de 26° e 6 Elipsos de 10°).
- 15 Iris para Elipsos e 25 porta-gôbos.
- 40 Projetores Fresnel TELEM 1Kw 9.
- 40 Projetores PCs TELEM 1Kw.
- 40 PAR 64 Foco #2.
- 40 PAR 64 Foco #5.
- 24 SOURCE FOR PAR 575 – lentes variadas.

PLATEIA / HALL

- Capacidade: Total de 1050 lugares, sendo: 666 lugares na plateia inferior – incluindo 10 poltronas para obesos e 12 espaços para usuários de cadeiras de rodas; 384 lugares na plateia superior.
- Ar-condicionado central.
- 4 Banheiros, sendo: 1 feminino e 1 masculino no foyer inferior, 1 feminino e 1 masculino no foyer superior.

EQUIPAMENTOS AUDIOVISUAL

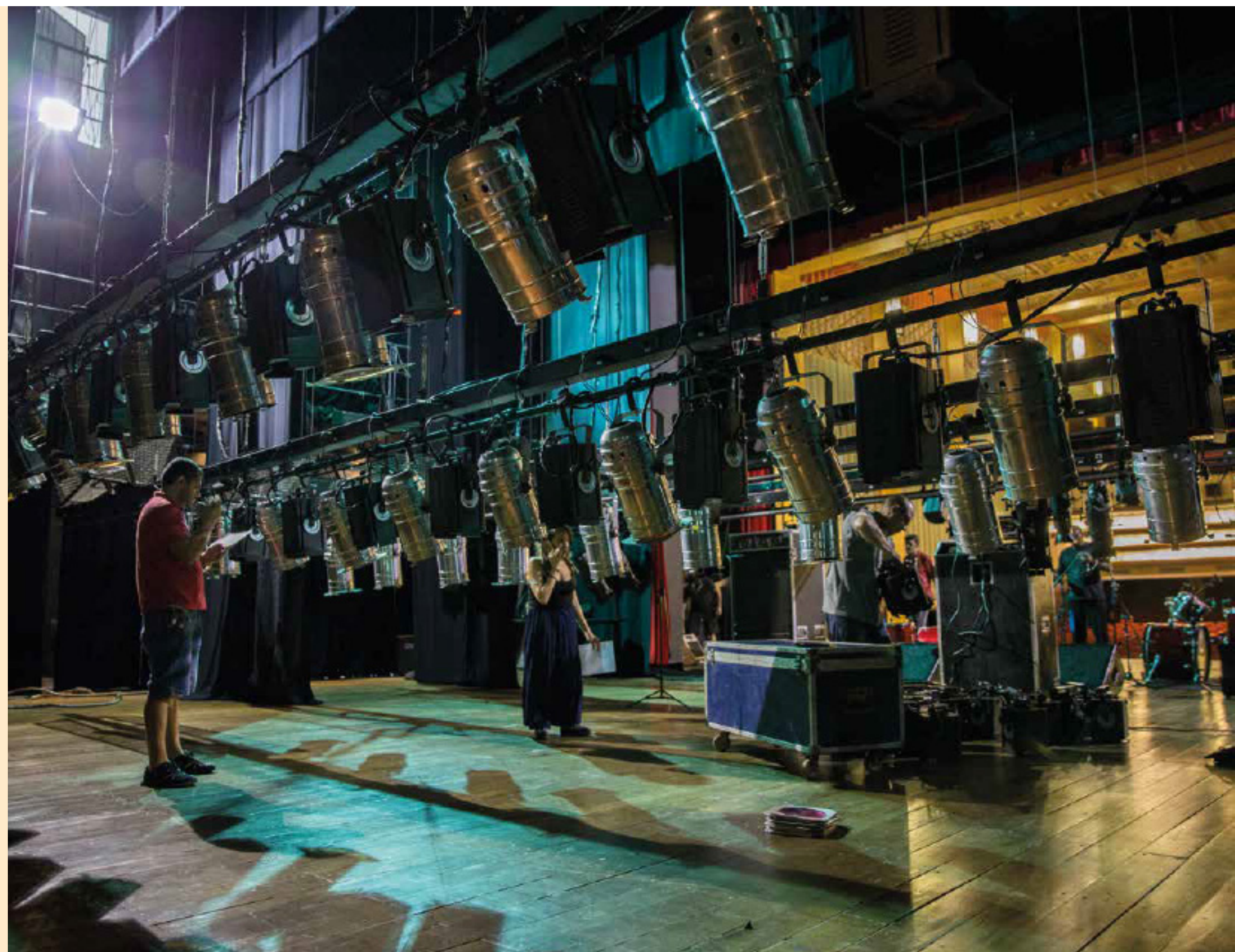
- 1 Tela de projeção retrátil com medidas aproximadas de 300”.
- 1 Tela de projeção retrátil com medidas aproximadas de 11m x 7m.
- 1 Ciclorama.
- 1 Projetor BARCO RLM - W8 (plateia).
- 1 Projetor BARCO DP2K - 32B (cabine de projeção).

EQUIPE TÉCNICA

- 8 Técnicos que atendem as funções de palco (maquinaria), som, iluminação, projeção e elétrica.

BILHETERIA

- 2 guichês com sistema de vendas físicas e on-line.





*“Para mim - já falei
uma vez - isso aqui é um
templo, porque foi onde
eu vi, pela primeira vez
na minha vida, cinema,
com cinemascope, tudo
aquilo, eu, que vinha do
interior. Então esse lugar
para mim é sagrado.”*

Fausto Nilo, poeta,
compositor e arquiteto.



*Músicos se apresentando no
palco do Cineteatro São Luiz.
2016. Gentil Barreira.*

*Apresentação do cantor Fagner
no palco do Cineteatro São
Luiz. 2016. Gentil Barreira.*

*O cantor Fausto Nilo ao lado
do violonista Nonato Luiz
no palco do Cineteatro São
Luiz. 2016. Gentil Barreira.*



FEITIÇO DO TEMPO

Afinal, o que faz do Cineteatro São Luiz a sala pública de cinema com a maior média de público por sessão do Brasil, segundo critérios adotados pela Agência Nacional do Cinema (Ancine)? Quem são essas pessoas? O que as atrai até o Centro da cidade mesmo numa manhã chuvosa de domingo, quando o convite, inusitado, é para ouvir uma orquestra erudita ao vivo e em seguida assistir a uma ópera na tela do cinema? Pesquisas indicam: muitos ali jamais haviam acessado uma sala de projeção; outros tantos sequer teriam voltado a frequentar o Centro da cidade não fosse a existência e robustez da programação de um equipamento público que, tendo o cinema como timoneiro, soube avançar mar adentro, emergindo como casa de espetáculos de áreas diversas.

Registros de apresentações no palco do Cineteatro São Luiz. 2019-2020. Acervo Cineteatro São Luiz/ Guilherme Silva.

“A preservação do Cineteatro São Luiz com uma programação gratuita para uma grande quantidade de pessoas, para colégios, estudantes e assim por diante, é uma coisa altamente significativa porque é um reconhecimento da importância do fator cultural como fator educativo.”

Francisco Régis Frota Araújo, cineasta,
presidente da Academia Cearense de Cinema.



Quem vem de bairros distantes, muitas vezes reunindo diferentes gerações em um mesmo grupo, chega a pé, salta dos ônibus ou estaciona próximo, custando a crer que um prédio tão exuberante e múltiplo em suas ofertas de entretenimento, arte e cultura possa acolher gratuitamente ou a preços simbólicos plateias igualmente heterogêneas que, naquele auditório de 1050 lugares, se tornam uma só, um todo indivisível. “É mesmo de graça? Para adultos também?”, perguntam recorrentemente. O Cineteatro São Luiz, em si, é uma resposta, reestabelecendo o sentido do que é público e mobilizando um sentimento de pertença comunitário.

Na paisagem urbana, figura como uma espécie de ancoradouro sociocultural, um espaço de cidadania onde a pulsão de vida vem da cultura, mas também da educação, particularmente através de projetos como o Escola no Cinema (já são quase 100 mil alunos do ensino público que foram ao cinema desde o início do projeto, em 2015), promovendo muito mais do que fruição artística. Além de convocar a história, a memória e a sensibilidade, o Cineteatro São Luiz é gerador de pensamento, debates, formação de repertórios, contribuindo ainda com a requalificação do espaço urbano e a primazia do convívio social. Cinematográfica, portanto, é a sua reapropriação pelos moradores da cidade, movimento que também é político, já que afirma a cultura como direito e condição para o acesso ao conhecimento e às necessárias transformações sociais.



Exibição da película Gritos e Sussurros no Cineteatro São Luiz. 2018. Gentil Barreira.

Em uníssono, o convite foi aceito. E reverbera no imperativo: veja o filme, ouça a música, vá ao teatro, vibre com a dança, ria com o circo, reconheça o Brasil profundo através das artes tradicionais e populares. Quando, a partir de 2015, todos esses chamados passaram a correr nas veias do Cineteatro São Luiz, foi preciso investir tempo e pensamento sensível em torno da ideia de uma curadoria tão diversa quanto porosa e complementar, capaz inclusive de fazer a interface entre todas as linguagens artísticas e a política cultural em curso, a fim de atrair plateias com variados interesses e das mais diferentes procedências.

Tudo porque, bem próximo ao seu aniversário de 60 anos, o São Luiz passaria a ser utilizado enfim como equipamento público - e não mais privado -, já que, ainda em 2014, o Governo do Estado do Ceará adquiriu e investiu alto na recuperação e restauração daquele espaço cultural até então explorado pelo Grupo Severiano Ribeiro, mas já tombado, desde 1991, como patrimônio histórico e cultural do Ceará. Tinindo de novo e reequipado com o que há de mais arrojado em termos técnicos, o Cineteatro precisava, no entanto, saltar aos olhos e passar pelo crivo de boa parte dos cearenses que, paulatinamente, vinha abandonando o saudável hábito de ir ao Centro da cidade, sobretudo por conta do flagrante enfraquecimento de investimentos públicos e privados para manter ativa a vocação cultural e artística daquele pedaço fundador de Fortaleza.

Com o desafio de atrair de volta cinéfilos de carteirinha, *habitués* de programações culturais e, sobretudo, um público massivo de crianças, jovens e adultos que nunca ou pouco havia experimentado o prazer de entrar numa sala escura ou mesmo em um teatro, a estratégia curatorial para fazer as “partes” interagirem na composição de um “todo” tomou corpo primeiramente a partir da transformação do São Luiz em um “Cinema de Repertório”.

Ciente de que, historicamente, o mercado exibidor exige continuidade e previsibilidade, ou seja, está calcado no já assimilado hábito de se ir ao cinema em qualquer dia ou hora da semana, visto que há uma grade de filmes continuamente em cartaz em diferentes turnos, a curadoria do São Luiz ousou romper o que parecia imutável: foi quando a opção por faixas de programação específicas e fixas, mas não necessariamente diárias, abriu espaço para um mix de diferentes linguagens artísticas, fazendo valer uma ocupação múltipla.

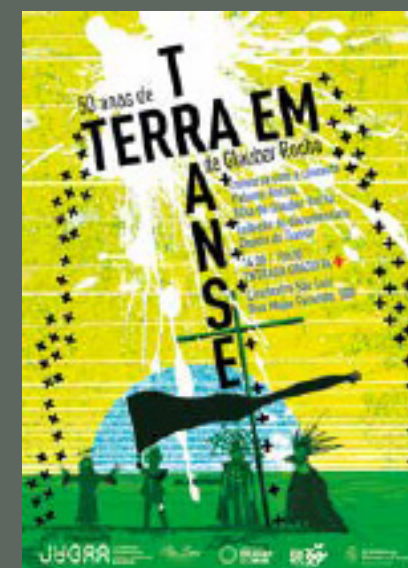
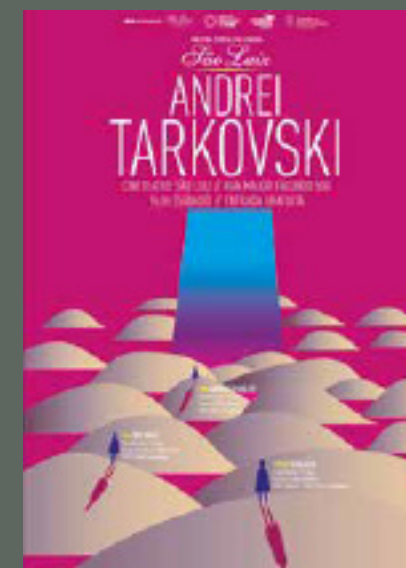
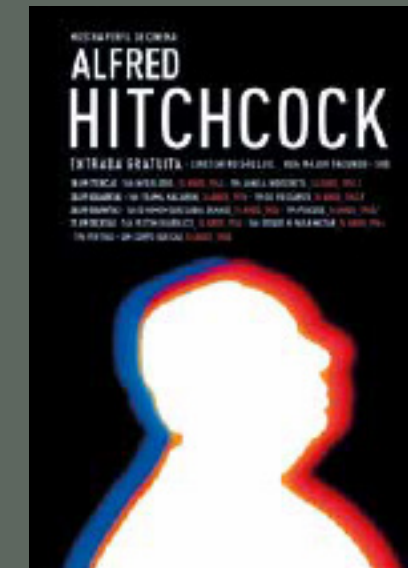
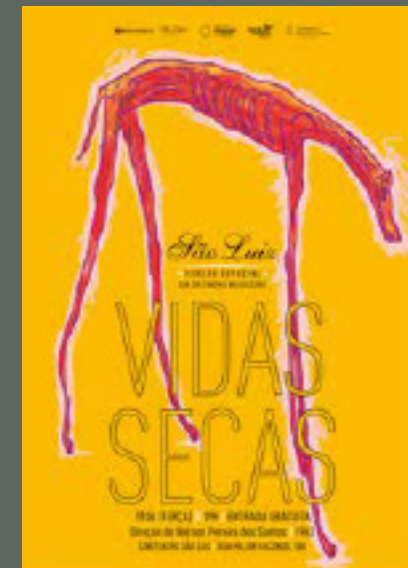
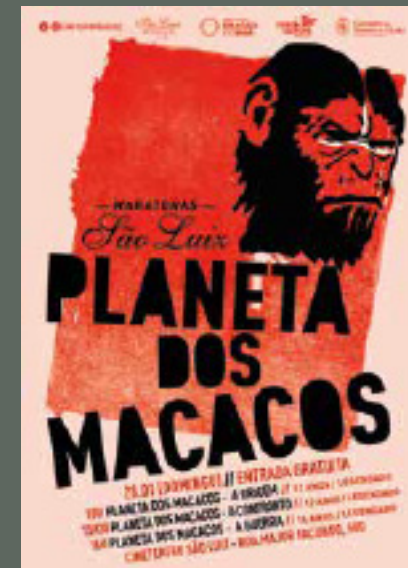
Em dias alternados, o público espectador do Cineteatro São Luiz passou assim a se deleitar com um leque de ofertas prontas a satisfazer demandas diversas. Para o público fã de cinema, nasceram a “Mostra Gêneros do Cinema”, que apresenta filmes do mesmo gênero cinematográfico ao longo de um mês; a “Mostra Perfil de Cinema”, contemplando a trajetória de cineastas, astros ou estrelas de relevância estética ou histórica; os “Clássicos do Cinema”, privilegiando fitas que marcaram época; o “São Luiz 3D”, janela para filmes em terceira-dimensão; o “Férias no São Luiz”, voltado aos públicos infantil e juvenil em seus meses de descanso; o “Sons do Ceará”, que aposta na projeção de videoclipes antes dos filmes em cartaz; e mais as “Maratonas” de filmes e séries, com sessões sequenciadas da mesma franquia ou temática, queridinhas dos fã-clubes.

Carro-chefe na formação de plateias, a faixa de programação “Escola no Cinema”, em que premiados curtas-metragens brasileiros são exibidos gratuitamente para alunos e professores das redes públicas e privadas de ensino, despontou como destaque em sucessivas pesquisas de satisfação. Mérito de uma curadoria eclética e arrojada, cuja eficácia também se reflete em felizes enlaces de linguagens, como a faixa de programação “Sessão Sonora”, em que um filme precede um show-tributo de mesma temática.

“Eu sou do Recife. Lá nós temos o São Luiz do Recife, que é o irmão um pouco mais velho do São Luiz de Fortaleza, e essas duas salas são exemplares hoje no Brasil em termos de ocupação, uma ocupação inteligente, democrática, no Centro da cidade, na rua, e infelizmente são poucos os cinemas de rua no Brasil. Eu mesmo, nos anos 70, vinha muito a Fortaleza e vi muitos filmes aqui, então o São Luiz também faz parte da minha memória afetiva, de ir ao cinema, e eu amo esse lugar.”

Kléber Mendonça Filho, cineasta.

Banners de divulgação de alguns filmes exibidos no Cineteatro São Luiz. 2017 a 2019. Acervo Cineteatro São Luiz.





Esperáculo da peça “Ainda Viva” da companhia Nós de Teatro em frente ao Cineteatro, na Praça do Ferreira, pela Mostra Perfil de Teatro “Altemar Di Monteiro”. 2019. Acervo Cineteatro São Luiz/ Guilherme Silva.

Apresentação cultural em frente ao Cineteatro São Luiz, na Praça do Ferreira. 2018. Acervo Cineteatro São Luiz / Guilherme Silva.

Movimentação para entrada no Cineteatro São Luiz, destaque para a fachada que informa a temporada de programação “Férias no São Luiz - cinema gratuito”. 2019. Acervo Cineteatro São Luiz / Guilherme Silva.

Em nome da diversidade, pelo menos uma vez por mês espectadores também são convidados a conferir o Curta Mais Teatro e o Curta Mais Dança. Particularmente contempladas, cada uma dessas linguagens pode subir ao palco principal ou estar no centro das atenções da faixa de programação Curta São Luiz, que acontece todas as sextas-feiras, no hall de entrada do equipamento, atraindo transeuntes do Centro da cidade que se deparam com os portões de ferro frontais totalmente abertos.

Olho ainda no calendário cultural da cidade. Datas ou efemérides como Dia da Cultura, Dia do Cinema Brasileiro, Dia das Mães, Festejos Juninos, Dia da Criança, Dia da Consciência Negra, Dia Nacional dos Povos Ciganos e tantos outros ensejam programações casadas, tudo em fina sintonia com a batida democrata do coração do equipamento. Na curadoria de música, diferentes estilos, entre artistas veteranos e novos talentos, têm lugar no palco principal, que acolhe tanto as superproduções nacionais e internacionais quanto *pocket shows*.

Em simbiose com o Cineteatro São Luiz, a Praça do Ferreira também já foi palco, abraçando performances memoráveis que atraíram para o Centro da cidade um público bem maior do que a capacidade do equipamento. Feito caleidoscópio, o São Luiz gira cotidianamente em perspectiva: se o dia começou com aboios ou cirandas, pode terminar com um musical; se os humoristas chegaram com o sol, a noite pode ser dos *rappers*; se os *clowns* ou os bonecos contadores de história fizeram a alegria da meninada ao final da tarde, os coletivos de arte e juventude das periferias podem dar seu suingado recado político, sem papas na língua, ao escurecer.



Cine Ceará. Bienal Internacional de Dança. Festival For Rainbow. Festival Concreto. Festival de Jazz e Blues. Festival Internacional de Circo. Com uma programação eclética, o Cineteatro contempla a aldeia sem deixar de olhar para a vizinhança próxima ou além-mar, valorizando artistas locais e convidados com o mesmo peso e medida. Para além do espetacular, também abre para o exercício da cidadania. Por ele, já passaram projetos como o Residência na Rua: saúde, cultura e arte; o Fórum da População de Rua; a Semana Estadual de Prevenção aos Homicídios; o Cine Liberdade: I Festival de Arte e Cultura do Sistema Socioeducativo do Estado do Ceará; o Encontro Nacional dos Teatros Monumentos; o Seminário Cultura do Acesso: Arte e Acessibilidade e outras tantas iniciativas de caráter social, cultural e científico.

Por essas e outras é que, não à toa, a agenda do São Luiz virou fetiche entre a classe artística e também

em meio aos profissionais da cultura e da educação, gestores e plateias que celebram a potência do espaço e se reconhecem como agentes ativos na reinvenção multifacetada do lugar. Poderoso, o feito do tempo recaiu sobre o Cineteatro sessentão como promessa de longevidade e reafirmação da poética do espaço.

Poética que, em outubro de 1987, em mais uma tarde morna no Centro de Fortaleza, foi capaz de atrair um jovem casal diretamente do cartório para o cinema. Ele que, prestes a atingir a maioridade, ainda precisou da autorização formal dos pais para casar. Com pouco dinheiro no bolso, o noivo não tinha ideia de como fazer para celebrar a união civil após o evento tímido, burocrático, bege, a portas fechadas e com pouquíssimas testemunhas. Foi quando lhe veio o arroubo romântico de convidá-la para o cinema. Não qualquer um. O mais bonito. O mais querido da cidade e de ambos, desde o início do namoro.

*“Fez parte da minha
infância, adolescência
e, agora, fase adulta;
quero que faça parte da
melhor idade também...
Glamoroso, imperioso,
espetacular e charmoso.
Orgulho de ter na
minha cidade o cinema
mais bonito do Brasil.
Nada substitui a magia
do Cinema. Viva o
Cineteatro São Luiz !!!*

Daniel Fabrício, espectador.



Performance de espetáculo de dança com artistas em cena no palco do Cineteatro São Luiz. 2019. Acervo Cineteatro São Luiz / Guilherme Silva.

Apresentação no palco do Cineteatro São Luiz. 2019. Acervo Cineteatro São Luiz / Guilherme Silva.





Ele é Fabiano dos Santos Piúba, Secretário da Cultura do Estado do Ceará, casado há mais de 30 anos com Maria, a escolhida para, no escurinho do cinema, curtir cada *frame* dos preâmbulos de uma lua de mel iniciada em meio ao deslumbrante e romântico Cineteatro São Luiz. Escritor e fã de filmes que fazem chorar, Fabiano também é o autor de um poemacção dedicado aos melodramas: “Acredito que quem chora no cinema chora por uma história sua que foi despertada através daquele filme. Quem ri é do mesmo jeito. A gente ri ou chora quando enxerga ali um arquétipo e se depara com o inconsciente coletivo, muito em função de uma memória ou de um sentimento que lhe tocou. E eu sou desses, desde toda vida eu choro no cinema”.

*“Desde toda vida a tristeza me acena
Você não acredita
Mas eu choro no cinema
E quem chora no cinema
por uma cena que passou
Imagem foi reminiscência que o filme revelou
Estava tão guardada que o cinema projetou
Uma fome de alegria que o tempo só guardou
Desde toda vida.”*

Imagem aérea da Praça do Ferreira durante o período natalino. 2019. Gentil Barreira.

Páginas 132 e 133: Registros de apresentações de diversas linguagens artísticas realizadas no palco do Cineteatro São Luiz. 2017-2019. Acervo Cineteatro São Luiz/ Guilherme Silva, Henrique Kardoço, Felipe Abud.

Páginas 134 e 135: Panorâmica aérea da Praça do Ferreira e arredores. 2020. Gentil Barreira.

Página 137: Show do cantor Lenine. Artistas reverenciam o público no palco do Cineteatro São Luiz. 2018. Acervo Cineteatro São Luiz / Guilherme Silva.



CINETEATRO SÃO LUIZ EM NÚMEROS: NOVOS TEMPOS



De maio de 2015 a março de 2020

Ao longo desse período, foram realizadas 4.040 atividades presenciais, sendo 89% delas ofertadas de forma gratuita. As programações artísticas e as ações institucionais promovidas reuniram um público total de 853.179 espectadores, parte dele composta por pessoas oriundas de 85,7% dos bairros de Fortaleza (109 bairros).

Os espetáculos (shows, peças teatrais, dança, etc.) foram realizados, em termos percentuais, por 75,2% artistas cearenses, além de 22,3% artistas de expressão nacional e 2,5% artistas de renome internacional.

O projeto Escola no Cinema, criado em outubro de 2015 e com foco na formação de público para a produção brasileira de filmes de curta e longa metragem, já recebeu 99.560 crianças e adolescentes de mais de 600 instituições de ensino pública e privada, além de entidades, associações e órgãos diversos.

A partir de sua reabertura, o Cineteatro São Luiz é, desde 2016, a sala pública de cinema com a maior média de espectadores por sessão do Brasil, segundo dados da Agência Nacional de Cinema (Ancine).





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADERALDO, Mozart Soriano. História abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1993.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de. Fortaleza de ontem e de hoje. Fortaleza: Fundação da Cultura e Turismo de Fortaleza, 1991.

AZEVEDO, Otacílio de. Fortaleza descalça. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1992.

CORDEIRO, Celeste. Brinquedos da Memória - a infância em Fortaleza no início do século XX. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1996.

FONSECA, Rodrigo. Renato Aragão: do Ceará para o coração do Brasil. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

JUCÁ, Levi. Um Século de magia: origens de um empreendedor à frente de seu tempo. Rio de Janeiro: GEO-GRÁFICA e Editora Ltda., 2017.

LEITE, Ary Bezerra. Fortaleza e a era do cinema - pesquisa histórica - volume I - 1891-1931. Fortaleza: SECULT-CE, 1995.

_____. Memória do cinema: os ambulantes no Brasil - cinema itinerante (1895-1914). Fortaleza: Premium, 2011.

_____. A Tela Prateada - Cinema em Fortaleza: 1897-1959. Fortaleza: SECULT/CE, 2011.

LOPES, Marciano. Royal Briar - A Fortaleza dos anos 40. Fortaleza: ABC - Coleção Nostalgia, 1996.

NOBRE, F. Silva. O Ceará e o cinema. Rio de Janeiro: CBAG, 1989.

PAULA, Ethel de. Cinemas de Bairro: os "poeiras" como alternativa: uma análise da trajetória do Cine Familiar. Monografia de conclusão do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1997. Inédita.

PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza belle époque - reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha e Multigraf Editora Ltda, 1993.

PONTE, Sebastião Rogério. Souza, Simone de. Roteiro sentimental de Fortaleza: depoimentos de história oral de Moreira Campos, Antônio Girão Barroso e José Barros Maia. Fortaleza: UFC - NUDOC/SECULT-CE, 1996.

AGRADECIMENTOS

Manifestamos nossos sinceros agradecimentos pelo apoio e contribuições recebidas para que esse projeto se tornasse realidade, em especial a: Camilo Santana (Governador do Estado do Ceará), Pedro Lima e Milene Pereira (Três Corações/ Café Santa Clara); Eduardo e Paula Tassinari (Morlan); Neuri Freitas e Dalviane Pires (Cagece), Pio Rodrigues (Casa Pio) e Assis Cavalcante (Câmara dos Dirigentes Lojistas de Fortaleza).

Ressaltamos ainda a inestimável participação, compromisso e dedicação da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará representada por Fabiano Piúba, Suzete Nunes, Rachel Gadelha, José Alves Netto, Duarte Dias, Guilherme Silva, Yuri Leonardo, Elídia Vidal e aos que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste documento de memória da arte e da cultura de nosso estado.

Nosso imenso reconhecimento aos funcionários e colaboradores do Cineteatro São Luiz que fazem acontecer essa bonita história, e a todos que participaram da reconstrução em seu novo ciclo.

CINETEATRO SÃO LUIZ

Direção | José Alves Netto

Curadoria e Programação de Cinema | Duarte Dias

Coordenação de Negócios e Eventos | Nefertith Andrade

Gerência de Produção | Lucinha Rodrigues

Produção | Diego Parente, Milton Sobreira

Assistência de Produção | Amanda Oliveira, Mairla Ferreira

Assessoria de Imprensa e Mídias Sociais | Monique Linhares

Design | Yule Bernardo

Coordenação de Audiovisual | Guilherme Silva

Equipe Audiovisual | Artur Luz, Rodrigo Gadelha

Coordenação Técnica | Alexandre Jereissati Maia

Técnica | Antônio Willam, Biano Filho, Cícero Marçal, Fábio Oliveira, Fernandes Frota, Fernando Silva, Jhoseff Macena

Coordenação de Pauta | Gabriela Alves

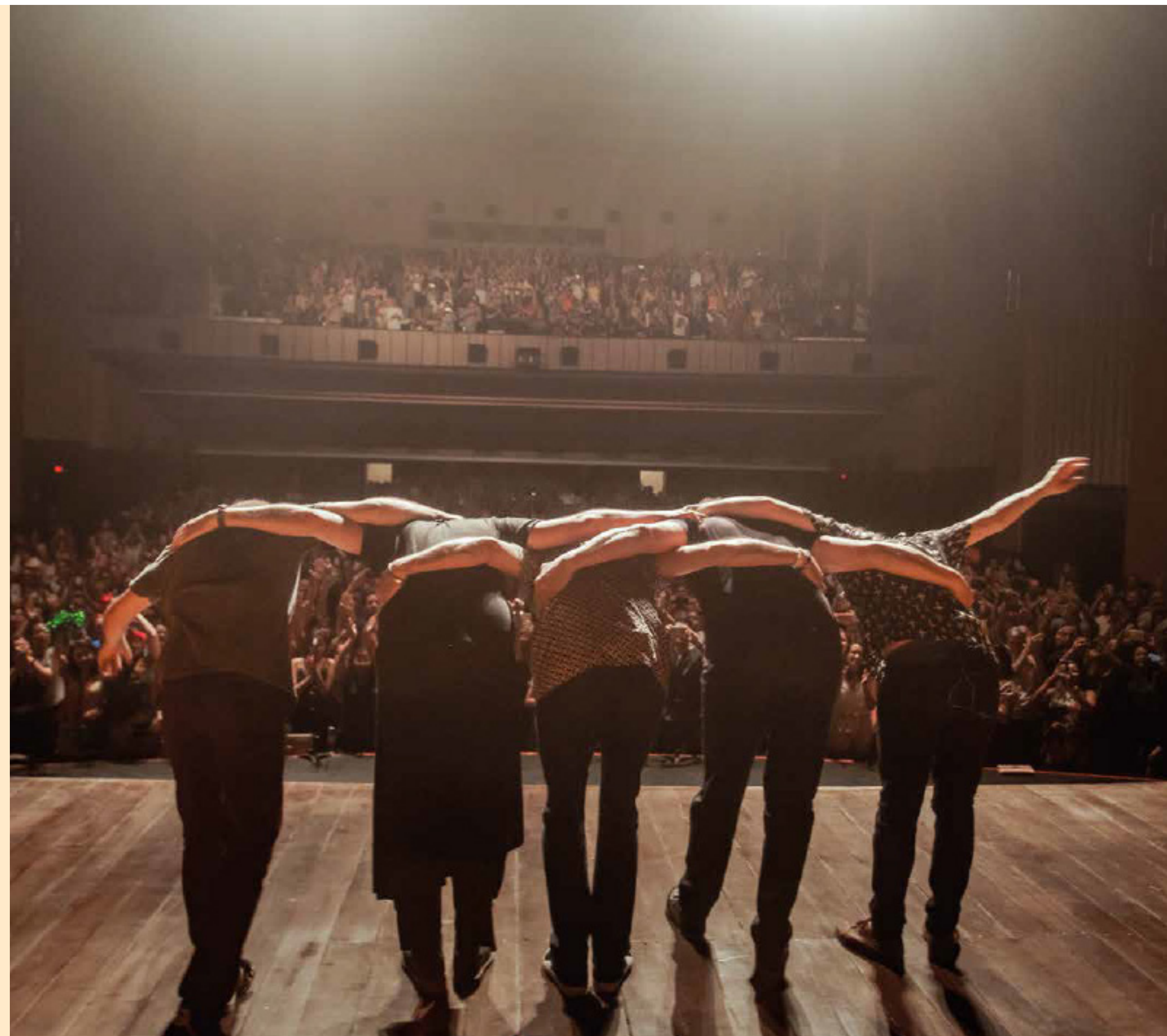
Gerência Administrativo-Financeira | Sara Fontenele

Assistência de Gerência Administrativo-Financeira | Adriana Machado

Recepção | Antonieta Araújo Lopes, Priscilla Silva

Segurança Patrimonial | Alex de Carvalho, Max Ferreira, Rogério Sousa, Rondinelle Matos

Ex-colaboradores | Adriana Victorino, Alberto Bouth, Amalia Moraes, Ana Célia, Ana Karla Carvalho, Ana Paula Sales, Andria Magalhães, Audenora Miranda Oliveira, Bruno Andrade, Christiane de Lavor, Cristiano Ferreira da Silva, Diná Matias, Douglas Ferreira, Elenilson Abreu, Elídia Vidal, Elton John, Emilly Guilherme, Francisca Cláudia, Francisco Juscelino, Francisco Nilton, Henrique Kardozo, Inácio Silva, Isabel Silvino, Jair Costa, Jefferson José, Jonatha Alves, José Etevaldo, Juliano de Oliveira, Kamilla Medeiros, Lucas Vicente, Luciano Barbosa (in memorian), Luiz Carlos da Silva, Marcos Aurélio, Maria Micheline Vale, Miloca Holanda, Míria Andrade, Moema Oliveira, Paulo Mingoni, Pedro Azevedo, Reginaldo Façanha, Renara Lima, Renato Pinto, Ronaldo Aguiar, Rosaliriss Alencar, Salomão Santana, Sílvia Torres, Sônia Ribeiro, Thiago Barbosa, Vanessa Cavalcante, Vera Lúcia de Lima Santos, Victor Neto, Vitor Rennan, Wirley Moraes, Wislan Esmeraldo, Yuri Leonardo





SÃO LUIZ MOVIE THEATER: CREATIVE CULTURAL POLICY

Ceará celebrates the vitality of more than six decades of São Luiz Movie Theater, one of the most important cultural facilities in the country and which, uniting tradition and innovation, it reinvents itself every day, offering quality programming and access to art for everyone.

It is with great pride that the Government of Ceará pays homage to this “cinematographic temple”, the place of the most beautiful memories, a space that helps to tell the story of our capital, that delights generations, makes us emotional and, above all, that democratizes culture, it makes public policy effective, dynamic and also popular.

São Luiz Cinema is in the middle of the heart of Fortaleza, in Praça do Ferreira, and it welcomes the public with the best Ceará's style receptivity. Always alive in the joy of each one, today the Cinema is an affective space for people from Ceará and tourists. It is one of our most charming postcards.

There is a lot to remember along these 60 years. After being closed for renovation, we put great effort and investment to deliver, in full activity, a new cinema for the people. With this modernization, today, in 2020, we have one of the most active and well-equipped cultural facilities in the country, with high-quality projections and excellent programming.

The Cinema is a Ceará State Culture Bureau facility, a well-preserved, protected and very well-maintained property. It has gained emphasis on cultural policy and continuously more space in public actions and national prominence. Hosting large and important events, it is a reference place for the arts, always with quality programming, mostly free or at popular prices; it is the stage for the tour of the main groups and artistic collectives; it is a space of invention and tradition, uniting drama, dance, music, popular culture; it is a window for local art and future projection for our artists.

The Cinema is a place for good gathering, and learning, where art is democratic, and culture is offered with accessibility and responsibility. For the Government of Ceará it is a place where Culture takes place, where public policy is carried out efficiently, with quality and mastery, it is a place that makes anyone proud of being from Ceará!

Camilo Santana,
Governor of Ceará



LONG LIVE SÃO LUIZ CINEMA

São Luiz Movie Theater is a square cinema and a temporal crossing. A square cinema because, besides being one of the few street cinemas that still resists in the Brazilian urban scene, it is a democratic cinema set in the middle of Praça do Ferreira, the heart of the city of Fortaleza. Temporal because almost

everyone has a history with São Luiz. An affective and aesthetic memory. It is intergenerational. Parents and children, grandchildren and grandparents attend it because there is a sentimental existence with the facility that has marked old, present, and future generations. It is an entertainment hall that combines tradition and modernity, reinvention with memories. It has its foundations in the past, its body in the present and its wings in the future.

The São Luiz Cinema is a classic. We are always rereading it, revisiting it, rediscovering it, experiencing it now, again and again. The classics are like this, they exert a particular influence on us because they impose themselves on the unforgettable and the collective unconscious. A sacred temple of arts and culture, São Luiz Movie Theater is listed as the cultural, historical, and artistic heritage of Ceará. Therefore, a cultural institution that must be preserved as an asset of the people of Ceará in the majesty of its architecture and in the social memory of our capital. This book celebrates its maturity, over 60 years of history, but also its resilience over these six decades and how it is consolidating for the future, composing the Integrated Network of Cultural Facilities of the State of Ceará Culture Bureau.

It is worth remembering that after a long period of time, the State Government acquired it from the Luiz Severiano Group, making it a public property and a cultural institution linked to the State of Ceará Culture Bureau. After a major refurbishment, a breathtaking restoration and a state-of-the-art modernization in its projection equipment, lighting, sound, and furniture, it was reopened during the Governor Cid Gomes administration, recovering its original project of being a cinema and an entertainment hall. It was thus handed over to the popula-

tion of Ceará at the end of 2014: as a Movie Theater.

In the Governor Camilo Santana administration, from 2015, São Luiz Movie Theater reopened its doors, promoting an intense programming, invigorating Ceará's artistic scene in connection with Brazil and the world, positioning itself as a cultural facility recovering the qualification of the center and of the sociocultural coexistence in our capital. In this context, São Luiz is inserted as a vital element in the right to the city, or rather, in the right to reinvent the city from art and culture, occupying a prominent place and a successful case in cultural policy, encouraging the exhibition of the production of the Brazilian audiovisual and moving the local and national musical and drama scenery.

The arts are expanding, and São Luiz Cinema is an expansive house of arts. In addition to being beautiful, it has a great technical quality as a cinema hall and show house of national reference, offering an accessible, consistent, and growing programming to form the habit and imagination of the space. São Luiz is also an aesthetic experience. A place not only where audience is formed, but, substantially, a place for forming cultural and artistic repertoires.

Projects such as the “School in Cinema” have provided incredible experiences for children in public schools, from entering a cinema for the first time, enchanting with the architectural beauty of the building to watching films that awaken the aesthetic sense and expand their cultural repertoires. It is also noteworthy the project “Vacations in São Luiz” which has already become a meeting point for families with crowded sessions in January and July. The same can be said of the “Session Sonora” - a film screening followed by a musical concert - and the “Marathons”. The “Short São Luiz” and the thematic

and authorial film shows are also great success that reveal the diversity in programming, citizenship in service and the democratization of access to the arts and culture.

São Luiz Movie Theater is an institution marked by transparency and efficiency in its management, it is a house that occupies a place of affection in the life of the people of Ceará. It is a link between generations, for all ages and audiences. A space of affective and symbolic memory, a democratic stage for cultural policy of quality and diversity. A place of recognition and belonging. A Ceará public facility. That is why we say out loud: São Luiz Movie Theater belongs to everyone!

So, long live its history, its existence, and its future!

Fabiano dos Santos Piúba,
Secretary of Ceará Culture Bureau



A CINEMA CALLED DESIRE

More than 60 years ago, the collective desire shaped the unique beauty of Cinema São Luiz, delegating to the incomparable cinematographic “temple” of the Severiano Ribeiro group the destiny of images and narratives from a time when cinema was not only the best, but most popular entertainment, roaring as loud and vigorous as Metro's “lion”. Before him, splendid in size and refinement, a still provincial Fortaleza opened its arms without fear for mo-

dernty, believing and investing heavily in the promise of progress and prosperity that until today is debt and doubt, like a film in endless editing phase.

A source of pride for its unquestionable aesthetic value, São Luiz's inevitable public and critical success massaged the local ego and survived the inexorable scissors of time, making it the catalyst mirror and radiating center of the city's emotional stories and memories. Thus, erasing the boundaries between inside and outside, the most beloved cinema in Fortaleza affected and was affected by the “ethos” of its audiences, becoming both a symbol and an agent of symbolic exchanges.

Attentive to the loving mele and to the indivisible existence between people and places, the writer Italo Calvino poetized: “the city soaks itself like a sponge from this wave that flows from memories and expands itself. But the city does not tell its past, it contains it like the lines of the hand, written in the angles of the streets, in the bars of the windows, in the handrails of the stairs, in the antennae of the lightning rods, in the flagpoles, in each segment marked by scratches, saws, notches, grazes”.

It is just like that with São Luiz. In the spiral of time, the oldest cinema in Fortaleza is not revealed as a merely reminiscent place, but a device capable of opening or reactivating continuous spaces of interference and belonging to our history. On it, the image that is projected is that of memory as a mobilizing attitude, one that gives attention to what we were, but also questions us about what we are becoming.

Metaphorically, through its magic screen, we rewind our own film, using emotion as a political gesture of opening up to the world. Not searching the decisive frame that ends in a happy ending, but, on the contrary, that long take

which, always open and endless, points to the enchanting possibility of re-editing and reprojecting life.

THE BIRTH OF AN EPIC

Focus on the projection booth. Proud in his long thinness combined with slow gestures, José Natal Marcelo de Oliveira had turned 72 on that December 25, 2014. Three days before, an extreme joy had already taken him by storm, advancing the best of celebrations. All because of the reopening of Cineteatro São Luiz, new again and capriciously restored in its meticulous scenic, technical, and decorative details. Such remodeling that Mr. Natal saw as a mirage, an invaluable treat for him who, over 43 years, precisely between 1962 and 2005, incorporated, with undisputed honor and pride, the magical aura of projectionist of the most valuable and polished jewel of the exhibiting empire of the Severiano Ribeiro Group, company-symbol of the cinematographic spectacle in Brazil.

February 2017. Three years after stepping on the red carpet as a special tribute to the reopening ceremony of Cineteatro São Luiz, Mr. Natal passed away without reaching the celebrations of the 60 years of existence and resistance of his so beloved cinema, celebrated from March 2018. Undulating and porous, the memory of that pair of blue eyes saturated with dramas, adventures and comedies calls for revenge. And that is it which, intertwining the times, guides the old projectionist back to the long take of the story, in the shoes of the one who was the oldest remaining employee of the last street cinema in the center of Fortaleza, a sumptuous building in its Art Deco style and that has Praça do Ferreira as a physical and vibrant extension of its current 1050 fixed places.

Applause for the invisible projectionist who had never missed work, and for successive Christmases and New Year's Eve projected, alone in the dark room, in the best Cinema Paradiso style, a countless list of films for trembling and equally diverse audiences, brightening the backstage of a cinematographic endeavor triggered since the cinema was still silent and, Luiz Severiano Ribeiro, from Baturité in Ceará, bet all the chips of entrepreneur and visionary businessman on the greatest fun and spectacular novelty of the 20th century. A masterpiece, victorious until today, when, more than six decades later, the family line of the patriarch of Severiano Ribeiro remains on the podium of the national circuit with film houses and “magic screens” scattered throughout the country.

The script in black & white begins in Fortaleza with the “old” Ribeiro taking his first bite of the cake in the exhibition market, when he acquired, still in 1915, the modest Cine Riche, and then, in the following year, in 1916, he bought the Cineteatro Polytheama, right at Praça do Ferreira, in the heart of the city. A redoubt of silent cinema that remained faithful to the genre until its closure in 1938, when the newspapers of the time announced its last session and, as an offshoot, the subsequent demolition, with a view to making room for the then 1,400 original seats of the ultra-modern and stereophonic Cinema São Luiz, the one that would be touted as the newest and most daring enterprise of the Severiano Ribeiro Group.

Long and rocky plot. Without anyone imagining it, closing the doors of one to the triumphal opening of the other would result in a true saga, an almost urban legend, worthy of a film. Mr. Natal, underage then, witnessed the buzz while working as a cashier in one of the lunch boxes at the Central Shelter, a kind of market place around the place

where the expectations of a high-end cinema grew, whose architectural project would have been ordered since 1935 for the Ceará state citizen and living in Rio de Janeiro, Humberto da Justa Menezes. It turns out that São Luiz just did not get off the ground, and from the announcement of its arrival to the inauguration itself, in March 1958, it was no less than two decades of waiting.

Avid for progress and novelty, the local claque, clearly frustrated, spared no criticism of the imbroglío. In a ras-cal tone, adding fuel to the fire, public pressure would extend to the pages of newspapers, demanding measures in front of an unfinished and surrounded by wooden sidings São Luiz in the most charming and symbolic square of the city. A reason to be angry, since, right there between the crowded streets Guilherme Rocha and Liberato Barroso, a human hive of activity invariably crowded to negotiate, but also to have social life around Praça do Ferreira - which, alone, represented the geographical and cultural center of Fortaleza at the beginning of the 1940s, when there were no more than 200 thousand inhabitants.

A city in its so-called Belle Époque, with Paris as a model even in the design of its buildings and in a flagrant state of wonder at the advent and popularization of the technique and magic of cinema, an invention that came out of the genius of the American Thomas Edison, but developed by the French, including the Lumière brothers. Since 1897, Fortaleza had already been in contact with the first “lively sights”, still very rudimentary images, projected by portable gadgets no less fragile wielded by the hands of traveling exhibitors coming from overseas. Hence, there was no point in breaking the 20th century without being aware of all the developments that cinema was announcing.

Rewind the film. In 1938, adding to the chorus of disaffected people, the local newspaper O Povo would publish, for a whole month, sharp-tongued quatrains, in a daily campaign of demand for Cine São Luiz. The criticism on paper drew attention to plausible and imminent events of that decade, as well as to the most striking or unusual events, such as the flight of Zeppelin in the skies of Brazil; Lampião’s death; the arrival of Condor’s Tupan aircraft; the encounter with the unique voices of Bidu Sayão and Francisco Alves around Fortaleza; the installation of the traditional Clube Iracema in an Art Deco style building, at Praça dos Voluntários; the exciting first sound film session at Cine Moderno, through the Vitaphone system; and even the triumphant return of the Brazilian soccer team that won the French Cup. All to, at the end, close the rhyme with a forceful and laughable “But São Luiz does not come”.

Registered by the cinephile and researcher Ary Bezerra Leite – author of the books Fortaleza and the Age of Cinema, Memory of cinema: the street vendors in Brazil and the Silver Screen – the campaign of the newspaper O Povo announced in the title of its article, “Conversa Fiada” – (Chitchat), the climate of indignation and disappointment:

Returning from Paris
The extraordinaries come.
So does malaria and high prices,
But São Luiz does not come.

Pleasing everyone
Honest competitions come.
Conferences and parties are run,
But São Luiz does not come.

Roberto and Batatais come,
So does Valter Perácio and Nariz.
The port comes ... How terrible!
But São Luiz does not come.

And we will have, soon,
(Up your thumb!)
A sample fair saloon.
But São Luiz does not come.

To José de Alencar perform live:
Bidu – a great actress will come.
Other stars will arrive,
But São Luiz does not come.

So unfunny,
Rails and Passenger car come
(Hugo says) so does money,
But São Luiz does not come.

Ahead of time,
“Tupan” shall come
Help me Our Lady, the sublime!
But São Luiz does not come.

The American pilot one hopes,
This year to Brazil will come,
Above slopes,
But São Luiz does not come.

From the unhappy countryman
Outbreaks of fanaticism come,
and the extremism one must ban,
But São Luiz does not come.

Train derailing,
Disasters come
Ruralism and everything
But São Luiz does not come.

Bunches of bananas
And loads of pineapples come
so does lies and cheating dramas,
But São Luiz does not come.

Lampião is knocked out
The happy country men come,
and cross the hinterland they shout
But São Luiz does not come.

Causing great joy
Happy news come
Lampião’s death they enjoy
But São Luiz does not come.

This is small talk
- Everyone says some
Saint Peter comes and walks
But São Luiz does not come.

The public market has new address
The new sanitarium Nobody knows the
outcome,
There are cattle in excess
But São Luiz does not come.

- About “São Luís” people ask.
In Brazil new politics have begun
Oh, what a “happy guess”!
But São Luiz does not come.

There are mumps and bronchitis,
Typhus, flu and pleurisy come
Yellow fever, enteritis,
But São Luiz does not come.

I heard this thing:
- Moreira de Sousa does come,
On the Main Square worshiping
But São Luiz does not come.

On Chafariz Street
Exclaimed someone,
- Come the “king of the voice” meet!
But São Luiz does not come.

(Unhappy urbanism)
For the extinction reform comes,
to Patrocínio Square modernism
But São Luiz does not come.

With fair and deep sorrow
Our people act like numb:
- There is even plant that spills water
But São Luiz does not come.

Wearing surplice
- Life and death both come
With a strong voice says the priest
But São Luiz does not come.

Television, X-ray,
Radio and Zeppelin come
Spoken cinema ... Anyway,
But São Luiz does not come.

With happy result,
Peace conferences come
So does holiday cult
But São Luiz does not come.

In our country to play,
European stars come
Good Lord! We must pray!
But São Luiz does not come.

Very refined people,
Mineiros and paulistas come,
Dozens of tourists have equal
But São Luiz does not come.

With unusual joy
A certain guy does come:
- The team from Bahia is coming, says
the boy.
But São Luiz does not come.

To Boris
The slaughterhouse does come
(For the people how magnificent it is)
But São Luiz does not come.

The malaria mosquito,
Costales comes,
New and old evils,
But São Luiz does not come.

The construction of the new cinema
around
There are just the blueprints and
plumb
The “Iracema” building new in town,
But São Luiz does not come.

*** Reproduction of newspaper news.

Words were gone with the wind because not even the public and notorious provocation was able to make Severiano Ribeiro Group speed up the works. They started in 1939 with the demolition not only of one of its cinemas, Polytheama, but also of two other neighboring properties that had an affective meaning for the entrepreneur, like the former family residence, which at that time served as an office, and the Casa Americana, a store in which his grandfather, João Severiano Ribeiro, had previously lived. A construction for a long time with a face of ruin, until the definitive resumption of work, in the second half of the 1950s.

Only in March 1958, the long-awaited São Luiz would appease the spirits in a city instigated to demand the expansion of its Cineland, whose layout

had been initiated by the modest Cinematograph Art-Nouveau or Cinema Di Maio, in 1908, to reach the Polytheama (1911), Riche (1915), Majestic (1917) and Moderno (1921) cinemas. Those last four exhibition halls belonging to the Severiano Ribeiro Group were notable examples of public and critical success that the jargon adopted by the company leader of the cinema exhibition market in Brazil would repeatedly confirm: “cinema is the best entertainment”.

But, after all, what was the reason for such a postponement? In the local chronicle, there were many speculations that surfaced: the most laughable, considered unlikely, revolves around a fortune teller who had predicted the death of Luiz Severiano Ribeiro shortly after the opening of the new venture. Others mentioned about the Group’s caution due to the end of the Second World War and the difficulty of importing many of the raw materials used; And some pointed that the competitors were pressing them, at a time when, already living in Rio de Janeiro, the “old” Ribeiro started to acquire and renovate neighborhood cinemas in the main capitals of the country, increasing investment spending.

Finally, the announcement by the Fortaleza press, still in 1938, of the construction of an indigo blue building that would bring together a luxurious cinema exhibition room. Owned by the industrialist from Ceará José Diogo de Siqueira, the imminent cinema in question, which would even bear the name of the owner, would be leased and open to free competition. After the rounds of negotiations had started, the biggest move came precisely from the ambitious hands of Luiz Severiano Ribeiro, who would start exploring Cine Diogo as of September 7, 1940.

Naturally, Fortaleza’s second skyscraper, imposing from the top of its nine

floors, stole the local scene, and it was all over the news. It had even surpassed the Excelsior Hotel, a seven-story “giant” inaugurated in great style on the last day of December 1931. With a capacity for 995 people, Cine Diogo, located at Barão do Rio Branco Street, very close to where São Luiz was expected to be, did not take long to become the leader of the Ribeiro circuit and leaving Moderno and Majestic into the background.

Because Cine Diogo was so celebrated, researcher Ary Leite attempts to imagine that there would be no reason for the same company to build another cinema hall of the same size at the expense of such a high investment soon after, which is why, he believes, the construction of São Luiz would have remained still even longer. On his book “A Tela Prateada” (The Silver Screen) Ary Leite says: “Imposing hall, waiting rooms in Carrara marble, beautifully decorated lounge with large balcony, modern lighting system, stage with curtain that opened to the sound of melodious gongs and mutation of colored lights, comfortable armchairs, exceptional quality of projection ... a beautiful cinema that also offered a refined receptionist service, all with maximum quality refinement”.

Such an investment was enough to silence the local press, which would immediately surrender to what it called “dynamism” of the “hard-working kinsman” Luiz Severiano Ribeiro, boasting “the most luxurious cinema exhibition house in Northern Brazil”. The opening ceremony was attended not only by the already considered “king” of cinema in the country, but also by authorities and renowned guests.

From then on, it took two more decades for the epic to come to an end: it was March 26, 1958 when the long-awaited Cine São Luiz would finally be in the

news, glued to the emotional opening speech of the business owner, who solemnly asked the people from Ceará to make that enterprise their cinema. Flawless and unprecedented, in fact Cine São Luiz would live up to the size of Luiz Severiano Ribeiro’s promise and dream, he who shouted from the rooftops which hailed his determination to build in his hometown the best and most beautiful cinema in Brazil.

So, it was done. The 2,653 square meter auditorium was a work of art from the ground up, astonishing the society, obligatorily driven to wear a jacket and to wear long dresses to enter the sumptuous place, in addition to paying tickets that could cost between 12 and 20 cruzeiros, when a newspaper at that time costed no more than three. In Art Deco style, the interior design of the hall was signed by Osório Ferreira and Marcelino Guido Budini, as well as the Egyptian-inspired wall painting, rich in gilding from Schaffer & Harvath company, shone in different shades as the lights gradually went out until total darkness was established to open the curtains.

The waiting rooms on two levels and the room temperature controlled by two air conditioning machines of the Carrier brand with a capacity of 60hp, a real novelty for the time, since the others operated on the basis of air-cooling, at most, were really impressive. Ary Leite recalls in detail: “stage with resources for theater, access through the imposing hall and stairs to the balcony, highlighted by the floor and covering in Carrara marble, Czech crystal chandeliers and fancy carpets. The projection quality was the result of the exceptional 14-meter screen, two American projectors with projection in cinemascope and flat lenses, with Xenon lamps and four-band stereophonic sound system, totaling 30 speakers”.

Chapter apart, no wonder the opening ritual of Cine São Luiz was surrounded by pomp and circumstance, with Luiz Severiano Ribeiro and his son, Ribeiro Júnior, having both disembarked at Pinto Martins airport in Fortaleza, taking center stage at a reception entourage and under the flashes of cameras and journalists everywhere. A memorable night for select guests dressed up in their finest attire and aboard the most luxurious cars of the time. Such recollection that had never left the memory of those who had to keep their distance, apart from the armed cordon in order to contain the frisson of the low-level people squeezed in front of the cinema and around Praça do Ferreira.

At 9:30 pm, the audience of renowned residents and visitors filled up the comfortable lounge with red armchairs to watch the film *Anastasia*, the *Forgotten Princess*, an American production directed by Anatole Litvak, with Ingrid Bergman in the title role, who had been already awarded with the Oscar for best actress in 1956. Two days before the official opening, the press was also invited by Severiano Ribeiro Group to watch the equally awarded *Love Is A Many Splendored Thing*, a musical directed by Henry King. This was such a successful strategy to showcase, in advance, the refinement of one of the most beautiful cinemas in Brazil.

Ary Leite states: the day after the inauguration, on March 27, 1958, São Luiz would open its doors to the public. In a festive mood, he exhibited, day after day, a package of no less than 28 films, including the classics *The Man Who Knew Too Much* and *To Catch a Thief*, both by Alfred Hitchcock; *The Robe*, by Henry Koster, first film in the history of cinema made with Cinemascope and stereophonic sound; *Rebel Without a Cause*, with James Dean; *Love me*

Tender, with Elvis Presley; *Limelight*, by Charles Chaplin; *Demetrius and the Gladiators*, with Victor Mature and Susan Hayward, as well as *Anastasia*, the *Forgotten Princess*. It was the beginning of a cycle of disputed exhibitions and kilometer lines around the one that would have relegated the other cinemas to the second or third category.

Events lived closely and faithfully by Mr. Natal, the old projectionist who talked greatly about his job. In more than four decades of dedication to the proudest enterprise of the Severiano Ribeiro Group, he had no complaints to make. He had contact with the “old” Ribeiro for “at least five times”, always being well received. Equally cordial was the relationship with Ribeiro Jr., the son, who used to come to Fortaleza every year to, in the silence of the night, inspect each of the family’s cinemas.

Loose and sharp, the affective memory of Mr. Natal was to pinpoint the day when the boss ended up being stopped by the new doorman. At a time when there was no roulette wheel, but only the chain and the box to place the ticket, the distinction of the well-dressed man with the appearance of a tourist who arrived presenting himself as Luiz Severiano Ribeiro was not enough to convince the employee to let him in. He chose to call the manager Samuel Tabosa, another contrite and dedicated employee who, when he came down the stairs and ran into the owner of the business, found no words to apologize.

Equally tense, Mr. Natal witnessed the end of the story. And he saw when the boss, already properly introduced to the doorman, praised the seriousness and competence shown by his employee who had barred his entrance, in fact, for not knowing him. Backed by the experience, Mr. Natal did not forget the rigor of his employers, but he also recognized in them the empathy necessary

for the establishment of a mutual trust reverted to efficiency. Between embarrassed and ironic feeling, he also did not forget the day when everyone in the cinema failed to notice the clandestine entrance of a live chicken in the room, probably it came inside some jacket, and the fact became a folktale.

In their accounts, there were six policemen guarding São Luiz in the afternoon and six more at night, given the mass attendance of loyal spectators. On display, a Roman film. And soon the queue was formed around the block and passing Guilherme Rocha Street. As usual, Mr. Natal went up to the cabin. Samuel Tabosa, the manager, advised that the session could begin. After 30 minutes, he called Mr. Natal, demanding an immediate interruption of the projection. Lights on. Police in the hall. Which was it? What happened? ... An excited buzz ran around a chicken that had been thrown from the upper floor, ending up in front of the screen. The culprit was never identified, and the manager demanded that the hen had to be placed in a box, it took a group of at least 20 cinema ushers. The next day, everyone was ready. Urgent meeting to find out the facts. And, contrary to what most had imagined, the collective sermon ended up with the tasting of the best free-range chicken that Mr. Natal said he had ever tried.

The chicken episode at São Luiz poetically crossed the timeline recovered by Mr. Natal. He who, in his early childhood, almost always in vain, asked his mother, a seamstress, for money to go to the outdoor cinema in the *Aerolândia* neighborhood. The “no” was followed by a single alternative: going to the chicken coop in the backyard to try to sell the eggs and earn some money. So did the boy, overcoming shyness to guarantee entry and still

carry a sliver of rapadura – a kind of raw sugar sweet, in his pocket. In the dark of the cinema, the sweet life of Mr. Natal was to be accompanied by the adventures and misadventures of Oscarito and Grande Otelo – Brazilian popular actors in that time.

As an adult - and already as a projectionist of the main and longest-lived street cinema in Fortaleza - he laid his hands on the tape of the Brazilian film *Aviso aos Navegantes*, in whose cast his first two idols starred. It was like watching the film of his life, and in tears he comforted himself with such sentimental sugary script: it was in São Luiz that Mr. Natal met the beautiful bombonnière girl, Liduína, who not resisting his charms, in spite of the conduct code of the respectable work environment, that at the time prohibited dating between employees. Among candies and hidden encounters at the end of the work shift, Mr. natal and Liduína had three children and lived happily ever after.

CHRONOLOGY

1902 - Arrival of Circus Pery in Fortaleza, which presented the American Biograph device to the public, used for the projection of silent films; an opportunity in which Luiz Severiano Ribeiro first came into contact with the cinematographic spectacle, arousing his interest in that new technology.

1907 - Luiz Severiano Ribeiro signs a commercial agreement with his brother-in-law Antônio da Justa Menescal, owner of Casa Menescal, a sophisticated variety emporium, which was then managed by the company Menescal & Ribeiro.

1910 - Luiz Severiano Ribeiro marries Alba Morais.

1911 - Decides to start his own business and registers his first company: Casa Ribeiro, considered the best variety store in the capital of Ceará.

1913 - In partnership with Alfredo Salgado, with whom he established the Ribeiro & Cia company that same year, installs Hotel Central in a spacious townhouse on Guilherme Rocha Street, at the corner of Praça do Ferreira. On the ground floor, Café Riche was opened.

1915 - Decides to diversify commercial activities and buys his first cinema: Cine Riche, where Cine Di Maio was located, on the opposite corner from Café Riche; business managed by Ribeiro & Cia.

1916 - Acquires the existing Polytheama Movie Theater, which was located at Praça do Ferreira, in Fortaleza, and it was reopened by Ribeiro & Cia in 1922.

1917 - In partnership with Alfredo Salgado, Luiz Severiano Ribeiro invests in the construction of the most luxurious exhibition hall at the time, Majestic Palace Movie Theater, also located in Praça do Ferreira.

1921 - Inauguration of Moderno Cinema, in Fortaleza, under the exclusive management of Luiz Severiano Ribeiro’s company.

1925 - Purchase of Cine-Teatro Centenário, in Rio de Janeiro, by the company Severiano Ribeiro.

1926 - The Severiano Ribeiro Group wins a partnership with the exhibitors Ponce, Pontes & Cia and Noriz & Frota, having exclusive representation.

1937 - Opening of São Luiz cinema, in Largo do Machado, Rio de Janeiro.

1938 - The construction of São Luiz Movie Theater, in Fortaleza, by the company Severiano Ribeiro, is announced, in the same place where Polytheama Cinema was located, which had been closed.

1940 - Diogo Cinema begins to be managed by Luiz Severiano Ribeiro’s company.

1950 - Jangada Cinema, in the Center of Fortaleza, is acquired by Grupo Severiano Ribeiro.

1958 - Inauguration of São Luiz Cinema in Fortaleza.

1968 - Press reports the closing of Familiar Cinema, a competing facility with the exhibition halls managed by the Severiano Ribeiro group in Fortaleza.

1974 - Death of Luiz Severiano Ribeiro, on December 1st. The family is in charge of Severiano Ribeiro’s undertakings.

1986 - I Fortaleza Brazilian Film Festival, held between 20 and 26 October.

1991 - The São Luiz Movie Theater building is listed as a historical and cultural heritage by the Government of the State of Ceará.

1995 - Premiere of the Cine Ceará Festival.

1997 - Diogo Cinema has its activities interrupted in the capital of Ceará.

2005 - 2010 - Period when São Luiz Cinema is acquired and managed by Fecomércio / Sesc.

2011 - Final acquisition of São Luiz Cinema by the State of Ceará Government.

2013 - Beginning of restoration works at São Luiz Cinema.

2014 - Reopening as São Luiz Movie Theater.

2015 - Reopening as São Luiz Movie Theater.

2018 - 60th anniversary of the grand opening of São Luiz Movie Theater.



THE GODFATHER OF CINEMAS

Silent cinema had barely learned to speak when the “Bench Society”, a fraternity founded in the early 20th century by habitués from the Center of Fortaleza, decided for itself that the benches of Praça do Ferreira would have their own identity. For this, each of them was given “name” and “personality”, according to the idiosyncrasies and characteristics of their frequent users. This way they were just not mere seats. Rather, they were meeting points at the service of conversation circles formed amid that popular open-air parliament. The extravagance paid off. And one bank would stand out among the others for gathering big figures from the time and spreading the news: The Bench of Public Opinion, or simply “The Bench”, was famous.

Well, it comes from “The Bench”, in the very late 1950s, the buzz capable of silencing even the most strident whistles around “Esquina do Pecado” – The Sin Corner, right at the intersection of Major Facundo and Guilherme Rocha streets, the favorite one of the voyeurs, thus named by the horde of naughty guys, on a daily basis, dedicated to peeking at the whirlwind that, at that

point, suspended the skirts of the most unsuspecting passers-by of Praça do Ferreira. It was if suddenly the flying skirts lost their importance for the stupefied vision of the extraordinary São Luiz, a huge cinema that was touting as the most beautiful in Brazil and planted right in the heart of the city, with the signature of a businessman loyal to his origins, from Baturité, CE, Luiz Severiano Ribeiro owned most of cinema rooms in Brazil at that time and was more than successful emissary of the Hollywood mystique.

Unparalleled Vedette, the image in motion, increasingly clear and stereophonic, crowned the modern atmosphere, shedding light on the collective feeling that better days would come. In Brazil, there was a climax. It was precisely in 1958, the opening year of Cine São Luiz, that the modernization process lavished charm and charisma. In Fortaleza, there was a visit by the then president of the Republic, Juscelino Kubitschek, who would continue the land trip to Russas just to check the drought and its devastating effects. At the time, JK stamped the pages of *Manchete* magazine as the visionary politician capable of making the construction of a new capital for Brazil a reality. He was received with frisson, and the photos of the colonnade of the Palácio da Alvorada and of Brasília under construction were jaw-dropping. In parallel, Oscar Niemeyer’s architecture would cause equal admiration and astonishment, here and elsewhere.

For the first time in its history, the country would positively project itself overseas, growing visibly not only because of an accelerated industrialization process but also in the wake of a cultural industry capable of producing pearls known worldwide as “Chega de Saudade”, the album by João Gilberto, founder of Bossa Nova, and “Rio Zona Norte”, the first film by Nelson Pereira

dos Santos, precursor of “Cinema Novo”. As if those were not enough, it was also in 1958 that Brazil became champion of the Soccer World Cup for the first time, in Sweden, massaging the national ego. The “golden years” broke through “cinematographic”, shaking and inviting, raising the morale of a developing nation, and rolling out the red carpet for the modern “spectacle” to pass.

In Fortaleza, the São Luiz cinema was synonym of modernity. And not knowing it was tantamount to a kind of public embarrassment, a regrettable sign of alienation in the face of news. Thus, wealthy friends would contribute with some money to the pot for jackets rental, right there in the Square, because these attires were required to attend the elegant and well-behaved cinema sessions until 1965. Among the students, it was also worth spending a week or more not riding a bus nor buying lunches in order to save money for admission tickets and clothing, as well as keeping an eye on matinees and rare nights of discounted exhibitions, such as the promotional period of birthday festivals.

And that the outbursts of a “rebel with a cause” youth had a limit. Beforehand, the polite and refined people had warned: the typical kids of Ceará would not be welcome at São Luiz, or tolerated by the initial team of three managers, 55 employees and 17 receptionists in different uniforms. That is why boos, screams, whistles, and jokes between one scene and another could even result in police reprimand, although these were common reactions in the less glamorous cinemas of the Severiano Ribeiro Group itself, such as Majestic and Moderno. All that to keep intact the sacred aura of a true cinematographic “temple”, originally conceived as a work of art and a radiating center of a whole ritualistic behavior common to that audiovisual enjoyment.

In addition to the rules, the status had to be maintained: a film released at Cine São Luiz would in no way be immediately on display on the neighbor cinemas, even though most of these rooms belonging to the Severiano Ribeiro Group itself. It was like the Midas touch of the cinema-launcher could not be trivialized, while showing there, the film itself would have an even greater cult value. An apparent exaggeration that would find all logic and support in the insatiable appetite of a heterogeneous public that, at that time, even without knowing in advance what they were going to see, easily filled both the small neighborhood cinemas and the large street halls scattered throughout Brazil.

On the crest of a wave, cinema reigned absolute, with no competing match. And São Luiz composed the local landscape with a palace tailored to the necessary celebration and immersion. So, sinking your shoes onto the plush rugs that padded the great hall, waiting for the gong to ring three times before turning off the lights, shivering with the booming roar of the Metro lion, and finally gluing your eyes to the 14-meter silver screen meant more than the price of admission. Praça do Ferreira was a thrilling extension outside that 1,315-seat concrete building where card-carrying fans faced double-block queues and fought for space on each available bench to display their, newly arrived by mail, photo-collection albums autographed by stars as trophies.

In the cinema and in super-colorful magazines, the fever of the moment was to see Marilyn Monroe or Marlene Dietrich showing youth and greenness in their debuts. Right after the session, the spectators circulated through the so-called “Quarteirão Sucesso” – the success block – in the city, looking at the imported-article-store windows among the streets Barão do Rio Bran-

co, Guilherme Rocha and Liberato Barroso, looking for the costumes and accessories splurged by Hollywood divas. Among men, happy were those who had some resemblance to the American star and heartthrob of the moment: Tyrone Power. Or the more astute ones, who used the suspense provoked by Alfred Hitchcock’s first films to touch for the first time the icy hand of an alleged girlfriend taken by shyness and distress.

In the 1950s, the cinema that became a habit also fell in the taste of traditional local families. Every Holy Week, the best Sunday clothes were dressed and the mass attendance was certain to see or religiously watch again *The Robe*, a symbolic film about the Crucifixion of Jesus, shown annually and simultaneously in the rooms of the city center and also over 50 small rooms spread through the neighborhoods of Fortaleza. Equally mandatory, the children’s evening session was a must-see on weekends such as cowboy movies or *The Adventures of Rin Tin Tin* and *Rex the Wonder Horse*. For infants, the exception to the rule was valid and everything was allowed: from paper airplanes launched from the top of the friezes to boos and screams when the film roll ended up breaking, interrupting the unfolding of the plots.

From the audience to the backstage. Popular and charming like no other artistic genre, the immeasurable contagion power of cinema in its golden age did not attract just a legion of rapturous spectators. Understanding it from the inside, making it possible in its minutiae and operating its gears directly also became the bean and the dream of a working class that saw the seventh art establish itself as a profitable industry that generated jobs and income. So did it happen with Samuel Guedes Tabosa (1914-2014), the most faithful and legendary of the managers of Cine São Luiz in Fortaleza, who joined the staff

of the Severiano Ribeiro Company as a sign painter in October 1929. It was his, therefore, the function of drawing the most famous faces of Hollywood with maximum fidelity, provoking the desire and admiration of potential viewers.

Combining talent with fervent dedication, the newly hired man hurried to show service: he sweated his shirt as a messenger; he was the fastest program distributor; he worked overtime in front of the typing machines he learned to handle in the office; he attached each check sent to pay the film companies that were based in Recife; he personally removed the Group’s daily correspondence in the post office box and also used to say “good night” to the avid cinema-goers as ticket clerk and auxiliary doorman. Versatile and tireless, Samuel Tabosa did not even care when they jokingly dubbed him “sibite” – a Brazilian bird. That was before he started hearing a lot of “yes, sir” when he won the maximum respectability of the inspection manager of the Group’s three cinemas, and then embraced the noble and coveted responsibility of a film programmer.

In 1958, when the stunning São Luiz opened its doors, he already had almost 30 years of toil, dominated all the functions of the exhibiting company and knew in the palm of his hand most of the local cinemas that depended on the Severiano Ribeiro Group to rent and show films, given the exclusivity contract signed with the main international film companies and the procedural monopoly of the distribution activity. Following in the footsteps of the rapidly expanding and overwhelming business, Samuel Tabosa was also compelled to accumulate the role of programmer in Recife, Belém, Maceió, Mossoró and Areia Branca. Thus, he was the one in charge to visit the countryside towns of the state with a magnifying glass in hand to check the technical condi-

tions of the second-hand projectors that started showing defect frustrating a captive public that were always behind the capital releases.

From Crato to Barbalha, from Iguatu to Quixeramobim, from Senador Pompeu to Missão Velha, from Camocim to Aracati, Samuel Tabosa was a living witness to the time when Fortaleza and much of the countryside of Ceará saw cinema rooms pop up between distant neighborhoods and villages. All thanks to the successive bites of the Severiano Ribeiro Group on the cake of the exhibition market, which spared no effort to buy the pass and annul any competitor capable of threatening the already established empire. This was the case with Empresa Cinematográfica do Ceará Inc. - CINEMAR, an independent undertaking carried out by Amadeu Barros Leal throughout the 1950s and only possible thanks to the reinsertion of European cinema in the Brazilian market, through distributors that were not “tied up” to the Severiano Ribeiro Group, such as França Films and Art-Films.

Acquired by the Severiano Ribeiro Group after 12 years of alternative existence, the five cinemas of CINEMAR (Jangada, Arançaça, Atapu, Samburá and Toaçú) also became the responsibility of the faithful squire of the “godfather” of the cinemas. Versatile, Samuel Tabosa would rise even further, becoming the company’s managing director and then CEO. An exemplary employee and, consequently, a highly trusted man of Luiz Severiano Ribeiro, he inherited from the “King of Cinema” not only authority and power of command or decision, but also a rare and surprising tribute for a lifetime of hard work: he was one of the 28 veterans of the house who received life pensions delegated in will by the “old” Ribeiro, who passed away in 1974.

Shortly before he died, a nonagenarian and long-retired, Samuel Tabosa could be seen almost every evening at the “Senior’s Bench”, at Praça do Ferreira, in front of the gallery beside São Luiz. There, in the same benches that have been having their name and identity changed since the “Bench Society” gave due importance to the conversation thrown away in that democratic and memorable square, their favorite subject had always been the same: cinema, cinema and cinema.

DAVI AND GOLIAT

In the beginning it was silence. A pianist or a record player to fill the minutes of music needed to change the celluloid rolls with a gasp faced by the first and modest cinema rooms, which depended on a single projector for hours of exhibitions. In Fortaleza, in the most remote suburbs, where improvised cinema rooms or “neighborhood cinemas” popped up as an alternative to the luxurious and elitist “cinematographic temples” of the city center, the adventure to project images in motion went further: The seats were improvised with stools where the general public was accommodated, they were dressed humbly and counting the pennies; on more chairs more comfortable seats sat those who could spend a little more and pay the already popular ticket price, 50% cheaper than the one at the glossy-floored and air-conditioned cinemas. Beyond the socioeconomic status differences, there was the gender separation: women on one side of the aisle, men on the other, these were the dictated rules of conduct of the first decades of the twentieth century.

Among the small cinemas that proliferated in greater number precisely in the 1950s, when the majestic São Luiz took shape and stole the scene, another ritual stood out: when entering the projec-

tion room to start the film, the operator was solemnly applauded by the audience, enveloped by the “magical” and enchanting aura of the job. The octogenarian carpenter and electrician-technician Raimundo Carneiro de Sousa, Mr. Vavá, felt the taste of fame on his skin when he was still a boy. From 1949 to 1968, he was the projectionist of the extinct Cine Familiar, founded in 1935 by German friars of the Order of Friars Minor gathered around the Church of Nossa Senhora das Dores. At Otávio Bonfim Square, in a building attached to the convent, the religious initiated the enterprise that originally aimed at faithful to be preached rather than entertain themselves.

After testing a sharp and precocious ability to fix the advertising signs for the films, Mr. Vavá started cleaning the hall. Then, he was in charge of picking up and taking the heavy 35mm rolls to the office of the Severiano Ribeiro Group, the only existing local distributor to neighborhood cinema exhibitors which used to rent movies, in a blatant relationship of dependency. In every detail, the giant São Luiz left no doubt about its superiority in relation to the others. Mr. Vavá remembers it well: A Cine São Luiz’s projectionist did not attend any other cinema and if the simplest employee of the house, who opened and closed curtains at the beginning and end of film sessions, lost the timing of his function, he would be immediately fired.

Against such rigidity and professionalism, anyone who ventured to work in neighborhood cinemas would learn to deal with improvisation, alien to the protocols. That was what Mr. Vavá had learned. When he became an operator’s assistant, it was his responsibility to see each film before the public projection, paying attention to inappropriate scenes that could harm Christian moral and

good customs of the time. Paper and pen in hand, it was in São Luiz that he watched everything beforehand, writing down each part that should, by virtue of the prevailing morals, be removed. Strictly speaking, it was up to him to cut, literally, but not without pity, that scene of the kiss or of the woman in indecent clothes, improvising with his own hands a new set up of the plot.

Lash-ups that did not always go unnoticed. The spectators who had already seen the same tape in the releases of the City Center cinemas and opted to see it again weeks later in the neighborhoods did not hesitate to claim the “cut” at the top of their lungs, generating uproar and buzz among the audience. For the services rendered, the competent “censor” did not take long to assume the place of honor as a projectionist. Visionaries, the German friars invested even more in the employee’s disposition and charisma, paying for technical courses in the areas of mechanics and electronics to improve himself over time. In 1952, being able to set up a booth, sound and lighting, Mr. Vavá started to accumulate the role of manager of Cine Familiar, investing in an exquisite renovation of the hall and a whole new and modern equipment purchased in São Paulo.

Carefully managed, the Cine Familiar had become an exception to the rule in relation to the rudimentary dust-cine rooms. It was the only one among them to have air conditioning even inside the projection booth, in addition there were four amplifiers, its own light engine and two projectors faced to an imported Cinemascope screen, which eliminated the risk of interrupting sessions for lack of energy or technical problems. Thus, the projection of the Cine Familiar was of an unquestionable quality, without owing anything to the sumptuous and well-equipped cinemas on the central perimeter.

For being so well assembled and managed, Familiar became competitive. A disturbing fact to the powerful Severiano Ribeiro Group, owner of the main and best equipped movie theaters at the time in Fortaleza. That was when “Goliath”, in his own way, tried to shoot down “Davi”, sometimes making it difficult for friars to rent movies, they have even denied the most coveted tapes of the time. Mr. Vavá saw shortcuts to break the halter, and he went to the distribution center in Recife, managing to raise awareness among suppliers who, despite being hostages to the powerful Severiano Ribeiro Group, negotiated out-of-print films with him. Such an accurate strategy. When replayed after years, Metro’s successes had practically the same impact as when they were launched in the cinemas downtown. Everyone wanted to see the films again or see for the first time those which had not even entered the Ribeiro company program.

So, thanks to the manager’s stubbornness, the Cine Familiar cash register never stopped clinking. And, if necessary, it was with his own hands that he made the show worthwhile. Due to the time of use, most of the films already arrived at Cine Familiar with damages, requiring last minute repairing. With unique skills and unquestioned passion, Mr. Vavá did not hesitate to “coordinate” the tapes, editing disfigured scenes with a manual machine invented by himself for this single purpose. Given the success of the audience, the competition finally bowed: it was with great surprise, but also with pride, that Mr. Vavá watched the powerful Grupo Severiano Ribeiro offer him his catalog of films for simultaneous reproduction with Cine Diogo, one of the main and biggest cinemas of the company.

The offer was accepted, and the straitjacket became a little looser. In São Pau-

lo, Fama Filmes, an exhibiting and distributing company founded by Italians had just opened. It was already attracting a large part of independent cinemas in Brazil, as well as aiming to reach the Northeast market. That is why Mr. Vavá did not think twice about breaking up with the Severiano Ribeiro Group to negotiate with Fama. It worked: there were three releases a week, Italian, American and national films, in addition the European *Jornal da Tela*. It was 1967 and the small Familiar reigned absolute as a cinema launcher for Fama Filmes company in Fortaleza.

Double-block lines were formed outside to check out the classics of Italian cinema such as “Dio como ti amo” and “Citizen Kane”, the number one in world cinematography at the time. The press joined in, trumpeting the originality of the Cine Familiar program. And the magic flip was completed with the stage of art cinema that ran in parallel. There were two evening sessions on Mondays, organized by publicist Tarcísio Tavares and the then owner of *Distrivídeo*, Maurílio Arraes. But not without a hitch. In order to exhibit “Os Cafajestes”, by Rui Guerra, the duo had to promote a private session beforehand, only for the friars, who discussed, analyzed and, finally, allowed the exhibition, even if bothered by a certain “spicy” scene on the Beach.

In 1968, an ungrateful surprise: the press reported the closing of Cine Familiar. The official reason announced by the friars was that maintaining it would generate financial losses. Such version is discarded with no hesitation by Mr. Vavá, given that the cinema was at its peak and always crowded. For him, the Church was no longer able to censor as before and had surrendered to higher pressure. As he left the most exciting job of his life, with a very good money compensation for years of service in his pocket, the manager of Cine Familiar,

who once made São Luiz leave its place of comfort, did not have to think much about what he would do with that money: he would open his own cinema.

From projectionist to owner, Mr. Vavá ventured to buy a cinema in 1970. In the São Gerardo neighborhood, formerly Alagadiço, he found the ideal aura and space: there, between 1945 and 1958, the Cine Nazaré had already operated, under the administration of the legendary José Marcelino, a butcher who had his name linked to the management of more than one dust-cine in Fortaleza. As a tribute, the name of the cinema remained the same, no changes to it. Cine Nazaré, now under new direction, was reborn with its 250 seats, divided between the general and the cushioned seats in the first row. Over the years, the stone in the shoe was no longer the powerful Severiano Ribeiro Group and its distributing monopoly, but the Brazilian military dictatorship and its censors on duty at the door of the cinemas. Despite them, Vavá resisted until 1974, while also setting up, in parallel, a chain of cinemas in the countryside of the state and even in other capitals of the country.

The rematch came from the interrupted dream. In February 2008, Mr. Vavá wiped off the dust from the 35 and 16mm projectors, as well as the cans of films, DVDs and furniture stored in the same building in the São Gerardo neighborhood, and even dared to redesign the old Cine Nazaré which was back to business thanks to the passion and inventiveness of a single man. With 75 comfortable red armchairs inherited from the extinct Cine Fortaleza, floor and walls covered with carpet, central air conditioning, floor lighting and modern screen inherited from São Luiz, Mr. Vavá’s Cine Nazaré reinvented itself in the middle of the twenty-first century as a redoubt of old films projected with quality and care.

It is the only neighborhood cinema in Fortaleza, all assembled in every detail by the owner himself. Impetuous, Mr. Vavá still keeps in stock 250 more seats purchased from the São Luiz cinema when it closed its doors for restoration in 2013. Obstinate, he does not give up running all that gear at full speed. Thus, his romantic stubbornness remains on display, right there, in the small Cine Nazaré, which resists discreet, unique, and charming on 65 Padre Graça St. There is no ticket, but a spontaneous contribution is welcome. Mr. Vavá is the ticket clerk at the door waiting for the audience, the owner who watches the films in the cadence of his cushioned rocking chair at the back of the room.

MR. FIREFLY

It was an uproar. And the entire city of Fortaleza wanted to see it up close. After the newspaper *A República* had circulated in the capital of Ceará, in different editions of that end of June and beginning of July 1902, spreading the news that the world renowned Circus Pery had arrived in town, with his funambulists, acrobats, jockeys, jugglers, magicians, gymnasts and clowns, a particular item brought in the luggage caught the attention of readers: the so-called American Biograph projector, a novelty among the gadgets then invented for the projection of silent films. Thus, whoever did not run to the amphitheater mounted outdoors, in the city center, would miss the rare chance to check the evolutions of what was already considered the most intriguing modern era inventions: the cinema.

Luiz Severiano Ribeiro Filho was in the audience. It is what insists the researcher Ary Leite in his book *Memory of Cinema: the street vendors in Brazil*. Born in Baturité - Ceará, and recently

arrived in Fortaleza, the future “King of cinema” was 18 years old and had just abandoned the religious formation so dreamed by his parents at the Prainha Seminar. Already with the cinematic image embedded in the retina, he left Fortaleza to Rio de Janeiro that same year, challenged to continue with his studies to become a doctor, like his father. But the premature death of the mother, a victim of cancer, brought her only son back to the capital of Ceará, giving him, even amid misfortune, the possibility of reviewing his professional choice more freely.

Willingness to work was never lacking. His first job as manager of the modest Hotel da Estação led him to buy groceries into the old iron market and to win the whole day, determined to offer the best he could to his guests. From then on, the business acumen only grew with the fervent dedication to everything he took on professionally. And there were many investments: first, he became a partner of his brother-in-law Antônio da Justa Menescal, taking over with him, in 1907, Casa Menescal, which functioned in the place of the old residence of his father Major João Severiano Ribeiro. In 1911, with his own resources, he managed to found the Bookstore Ribeiro, also announced as Casa Ribeiro, for selling, in addition to books and stationery, various imported articles; later, he continues to rent several establishments in Fortaleza, such as hotels, cafés (Riche was one that remained in his memory, for opening the doors, between 1913 to 1926, to Ceará literature) and even an ice factory and a barber shop, in addition to a billiard room.

A dedicated entrepreneur, he married Alba Moraes at the age of 26 in 1910, and it was useless to hear from the mother of his five children and his 58-year companion the persistent plea for him not to work to exhaus-

tion. Looking to the future, Luiz Severiano Ribeiro regarded what was still beginning to be a “fever” in Brazil and took on the feat of plowing land that was still timidly explored locally: the exhibition and distribution of films produced by the main film companies in the world. In Fortaleza, in the first decade of the 20th century, only three small, fixed cinemas opened their doors in the city center: Cinematographo Art-Nouveau or Cinema Di Maio, Cinema Cassino Cearense or Júlio Pinto and Cinema Rio Branco.

Determined to diversify his business, Severiano Ribeiro entered the race in 1915, when, in association with capital investor Alfredo Salgado, he bought his first cinema, Cine Riche, which opened on December 23. In the following year, he took another one: the Cine-Theatro Polytheama, which had existed since 1911, but under the control of the Rola & Irmão Company. At the same time, the Midas touch came from him to start the monopoly of the exhibitor market in Fortaleza, replicated over the years in several capitals of the country: the cinematographic trust was nothing more than a sealed agreement between businessmen in the same industry to close the doors of some cinemas, instead of competing with each other for attracting a still fragmented public, so that they could concentrate the gains for a certain period of time. On the other hand, the active cinemas would allocate a percentage of what was determined as compensation to competitors who were temporarily removed from the scene. The association and relay strategy of the “União Cinematográfica” (“Cinematographic Union”) gave the already voracious entrepreneur the time necessary to let the market flow and make it effectively profitable.

Finally, in 1917, Luiz Severiano Ribeiro, again in partnership with Alfre-

do Salgado, bet on the construction of the most luxurious hall of the time in the middle of Praça do Ferreira (Ferreira Square), in the city center, the Cine-Theatro Majestic Palace. With just over a thousand seats, it didn’t take long for the Majestic to become the darling of Fortaleza, to the point of rivaling the public’s preference even after the opening of Cine Moderno, the Ribeiro Group’s fourth cinema, built in 1921 as the first in their solo ventures. Tailored to an originally select audience willing to pay more for admission in the name of greater refinement, Moderno was the one which made cinema speak, in June 1930, when it inaugurated the Vitaphone system, which through gramophone and huge records, fulfilled the function of synchronizing sound effects and projected images. It was such an event, no doubt. But, since it was so welcomed and made popular, the inaugural presentation session of Movietone took place at Majestic, in May 1932, presenting the people of Fortaleza first-hand the sound system resource in the film itself.

With no return, the escalation towards the domination of the cinematographic exhibition market continued solid, going beyond the borders of the state and reaching, still in the 1920s, the region that goes from Rio Branco, in Acre, to Recife, in Pernambuco. Again, the “trust” as a strategy enabled the Ribeiro Company to explore most of the cinemas in each location where it landed, so that, in 1925, it finally reached Rio de Janeiro, where it rented the giant Cine-Teatro Centenário, with its 1,600 seats installed at Praça Onze. From there to Cine Guanabara, on Botafogo beach, and, as a shareholder in Metro, with whom he associates to acquire part of the profits of 12 cinemas already integrated into his network, he is led to

transfer the business headquarters to the capital of Rio de Janeiro.

One bite at a time: Metro-Goldwyn, First National, Paramount. In 1926, he appears as one of the founders of the exhibitors’ cooperative society while also signing an agreement with exhibitors Ponce, Pontes & Cia and Noriz & Frota, gaining exclusive representation within the circuit belonging to them. Undoubtedly, Luiz Severiano Ribeiro’s ability to negotiate gave him the control of more and more screening rooms in Rio de Janeiro: Atlantic, Ideal, America, Maracanã, Lido, Plaza, Floriano. Incorporating small and old cinemas, while investing in new halls, he tiled an empire: from 1933 to 1935, he had already owned 30 cinemas only in Rio de Janeiro. And to close the 1930s with a grace note, on December 22, 1937, in Largo do Machado, the best and most sumptuous cinema in Brazil was inaugurated: São Luiz, another namesake that became a landmark and trademark of the then largest business group of cinematographic exhibition in the country.

Rio de Janeiro’s audience had honored: Palace, Odeon, Roxy, Copacabana, Carioca, Tijuca, Leblon, Commodore, Miramar, Imperator, Rex, Barra. Fortaleza had also followed the trail left by Luiz Severiano Ribeiro, like in other Brazilian capitals, opened theaters at the same time that he acquired third-party cinemas in the city center and in adjacent neighborhoods: Diogo (1940) and Jangada (1950) they are landmarks in local memory. In the city where he chose to live, the owner of the business also made his son Luiz Severiano Ribeiro Júnior his direct successor, watching from the box the contagious power of his entrepreneurial streak: from 1947, the heir started to even take control of the Atlântida Cinematográfica SA, venturing into the parallel exploration of film production.

In 1971, Luiz Severiano Ribeiro officially transferred his fruitful legacy to his family, at the age of 86. On December 1, 1974, the lights went out when he died of a heart attack in Rio de Janeiro. Thus, he did not see the cinemas leaving the neighborhoods and plazas to arrive mostly at shopping centers. He also did not see the arrival of digital cinema or the network communication provided by the internet. Finally, he still failed to testify how his grandson, Luiz Severiano Ribeiro Neto, who currently controls the group, along with other family members, foresaw and faced, with the tenacity that was peculiar to him, the twists and restrictions that the cinema market would suffer with globalization and the emergence of new media. But the original script remains on the rise. Just look at the glued eyes of the Brazilian audiences that he helped to form throughout the 20th century, blinking with renewed brilliance and astonished before the screen, like fireflies in a dark room. Here is the light that comes from him, Mr. Firefly. And it can no longer be faded out.



THEY DO NOT WEAR BLACK TIE

Women in charge. Smart Luiz Severiano Ribeiro and his closest descendants did not take long to realize that the female dedication to work was something special, singular, and worth noting. Al-

ways attentive to the minutiae of their responsibilities and irreproachable in terms of organization and honesty, those women managed the Severiano Ribeiro Group office with the same care given to their homes. And so, they had it as a second home, a place of affective bonds like those of the families themselves. The outstanding employees Maria de Lourdes Cavalcanti Vieira and Eva Maria Paiva Lino are classic examples of the affective relationship that breaks the time barrier when the list of the oldest employees who have passed through Cineteatro São Luiz is recovered and updated.

Back to 1961. Maria de Lourdes was 19 years old when she applied and took the vacancy as an office assistant at the Severiano Ribeiro Group. Quite a feat for a girl struggling with her first job and who, as a teenager, needed to save money for weeks in order to pay the ticket that would give her access to the most luxurious cinema in the city – Cine São Luiz. All for the unique pleasure of having at her fingertips, with total brightness and clarity, the seductive beauty of James Dean in *Rebel With a Cause* or, even more, the unparalleled charm of Rock Hudson, Hollywood movie star of *Giant*. She dreamed of the day when she would be able to afford a trip to the United States in the hope of, who knows, pleading the heart of the coveted idol.

Such a Youthful utopia that the wind from Praça do Ferreira tried to take away. Such a devoted employee, Maria de Lourdes arrived at the manager position and was a surrogate of the all-powerful Severiano Ribeiro Group right there, in the office building next to the street, without ever leaving that office and totally accomplished with the only job of her life, through which she retired after 43 years of work, laughing at the dreams that were left behind and the emotions lived behind

the scenes in cinemas such as São Luiz. In her opinion, undoubtedly, the most beautiful cinema in Brazil and, so superior to the others, that even the money bills received at its box office seemed incomparable. “They were brand new banknotes, dry and in perfect condition. Those that came from Majestic and the other smaller cinemas, Moderno, Diogo, were greasy, dirty, do you know? Sweaty, crumpled, different bills. I don’t know, maybe because the public there was lower class-people ...”, she remembers while laughing.

An eyewitness to the consolidation of the exhibiting empire of Luiz Severiano Ribeiro who pushed forward from Ceará to almost all Brazilian capitals, she vividly remembers when the entrepreneur businessman still lived in Fortaleza, very close to the administrative building on whose ground the Cineteatro São Luiz is. To join one building to another, he himself chose to build an elevated walkway on which he passed daily to access the main office without having to go downstairs and go out into the streets. Main office because the “King of Cinema” owned several other businesses in the city center: “Most shops on Major Facundo St. belonged to him: a cafe, a tobacco shop, a bookstore ... And some buildings like the Polytheama, where São Luiz is, besides the cinemas Modern, Diogo, Jangada”, as the proud employee enumerates.

It was only in 1984, as Lourdes recalls, that the Ribeiro family, already living in Rio de Janeiro, decided to sell the property to make way for Marisa store. As the manager and his surrogate, she was in charge of selling or donating the austere furniture, such as crystal closets and the classic wall clocks with crystal glass which chiming could be heard in the distance, to the point of being confused with those coming from the Cathedral. All this and one more curious

item passed on: the showy wooden corridor with huge open wings that adorned the top of the beautiful mansion. “But Mr. Ribeiro told me to stay with whatever I wanted. He was kind like that with the most loyal employees. Every time he came to Fortaleza, he brought me gifts or rewards and asked me what I needed. But I was so embarrassed to answer. One day I took courage and asked if he could afford the protection bars in my apartment, because my daughter was a child, and I was afraid she would fall. He did not even hesitate. He paid on the spot”, she recovers.

Beyond managing the cinemas and taking care of the group’s local heritage, Maria de Lourdes was also the favorite when it came to supporting the family on vacation, who usually arrived in Fortaleza by ship, eager to shop at the Central Market and at “Emcetur” – local art craft market. She also had the distinction of receiving the invited artists who would pass by the beautiful São Luiz Cinema. She kept some artists deep in her affective memory like Renato Aragão, Mussum, Dedé and Zacarias, the most famous comic quartet of Brazilian television whose success was repeated with each film of *Os Trapalhões* released annually.

For them - and for them only, dear friends of the Severiano Ribeiro family -, that the access to the cinema was pointed out behind the stage, revealing a kind of secret passage that would avoid the harassment of the expected crowd of parents and children around the cinema; on the menu, local seasonal fruit; and among the mandatory stops that included the hearty shrimp meal at Osmar, a restaurant by the beach, all to satisfy the simple and familiar desire of the biggest fan of the delicacy, Mr. Ribeiro’s kinsman Renato Aragão. Moreover, not forgetting to provide the whiskey of the always thirsty and fun Mussum.

“Trapalhões were always truly kind to us, every year they came to launch films and Mr. Ribeiro himself said that when he met his friend Renato Aragão in Rio de Janeiro he talked about the VIP treatment they had here. I remember that on one of those visits, when I was pregnant, around 32 weeks, Mussum touched my belly and made a joke: “my boss - he had a funny way of speaking – You ate great beans, didn’t you?”, she happily remembers. It was also saved in her memory the night in which she was assigned to accompany the Brazilian actress Vera Fischer at a dinner in Fortaleza, who at the height of her youth enjoyed the title of Miss Brasil without any competition. But the real frisson, at least among the employees of São Luiz, was when the International Film Festival extended its red carpet at Praça do Ferreira and the Indian actors, considered by them to be the most beautiful in the world, waved and cuddled at them. before entering the cinema.

It was a time when, from the office room located right behind the screen, it was not uncommon to feel the cinema tremble at the reverberating sound of action-and-fighting-sold-out movies. Such as *Cobra* and *Titanic*, huge public successes that Eva, an employee still on active duty, does not forget. To her, who was admitted to work in the warehouse of the Severiano Ribeiro Group’s office in 1985, the biggest novelty also came in the form of cardboard 3D glasses, the blue and red lenses that changes the perception of the gapy audience and making all the bloody fury of the terror tapes jump into their eyes. Eva was natural and newcomer from Quixeramobim, countryside of Ceará, and her special skill was knowing how to use the typewriter, but she had never entered a cinema before. And so, her first job also became a highlight, crossed by the enchanting power of cinema.

Eva was in charge of organizing the material necessary for the maintenance of the cinemas, at the height of the excitement she was much more willing: she acted as a telephone operator, caretaker, ticket agent, doorkeeper and even a popcorn seller at the bonbonniere before learning accounting and reach her highest position of trust: surrogate and manager of the North Shopping movie theater. Among new functions she had to face, the strangest one was answering nine telephones without a PBX phone system. They were all playing at the same time and the order was to inform, with her own voice, the program of cinemas in the city center led by the Severiano Ribeiro Group. But when she heard on the other end of the line a male voice interested in knowing the names of the pornographic films playing in the legendary Jangada, a cinema that started to centralize this type of demand, her voice inevitably weakened while she flushed.

“The names of porn movies were all indecent. And many Jangada customers called just to hear a woman say that: “40 centimeters of I don’t know ...”. Oh, that cinema was horrible ... thankfully they decided to close it,” said the manager, laughing at herself. Eva, one of the more than 100 employees at the time, only left the downtown office to take over cinemas at North Shopping when she saw, as if in a drama, the Severiano Ribeiro Group cinemas closing their doors, one by one - Fortaleza, Diogo, Jangada -, remaining only the São Luiz in the center of the city.

Economically infeasible at the end of the 2000s, the cinemas downtown faced a significant downturn of the public who preferred the convenience of the shopping centers, thus São Luiz ended up leased in 2005 to Fecomércio / Sesc. And it was Eva’s duty to empty the drawers and proceed with the

entire transition process with the new administrators. Therefore, the new administration explored the cinema until 2010 and opened the way for the definitive acquisition by the Government of the State of Ceará, in 2011. While taking care of the change, in the midst of the dust from the long-forgotten archives and files, she found and gave sentimental relics the right destination, such as the booklet that helped Luiz Severiano Ribeiro Júnior learn to write. The safe box, levered and screwed to the floor, time resistant, but she still misses when all the money from the box office was transported in buckets so that the bills could be straightened before going to the bank.

Like Maria de Lourdes, Eva arrived at the Severiano Ribeiro Group when she was 19 years old. Three decades later, she keeps the writing exam requested in the selection process, she was required to write about her own life, in a few lines. “I was such a yokel, my God, I didn’t know anything, and I had almost nothing to tell. But today I think that my story would not be so beautiful and victorious if I had not worked for a lifetime in a cinema. It is the place of dream, adventure, beauty, right? And so, I was able to proudly bring my daughter to know her mother’s work. When she a child, at about the age of 4, even slept on the arms of one of the Trapalhões, while I was busy working from side to side in the cinema”, Eva remembered.

For the already retired and septuagenarian Maria de Lourdes, the sieve to get the job was the same: a handwritten letter, but those that say about the candidate’s intention in relation to the job. She froze. She was not prepared for that for she had not had the time to memorize a template model. At the time, she remembers well, those who did not have a knack for writing

and did not even dream about the internet used any model letter. And so, the chances of getting a formal job increased. When she handed over the blank sheet, she told the truth about the template trick that she would not use, eliciting laughter from “Mr. Jaime”, an employee assigned to the selection. She was approved and hired immediately simply because of a virtue that, like an image, at least for the Severiano Ribeiro Group, was worth more than a thousand words: frankness.



HIGHLANDER: THE IMMORTAL WARRIOR

When looking into the eyes of time, the sixty-year-old and very elegant São Luiz Cinema incorporates the power of a Highlander, the immortal warrior, or get dressed in the clothes of the only and last of the “Mohawks” to survive, infallible like Bruce Lee, in the shoes of one of the rare Brazilian street cinemas. This is a point outside the curve, a fierce exception to the rule in view of the absolute predominance of cinemas in shopping malls, which multiplied rapidly throughout Fortaleza and Brazil from the second half of the 1990s; more precisely since that the “mallification” of the cinema has become a market trend, both because it reduces costs for the maintenance of exhibition spaces that watched the gradual decrease of its audience, and because it uses an en-

tire infrastructure strategically armed to make it comfortable and to stimulate the consumption.

With the new behavioral phase, going to the movies is not much different than buying jeans or appeasing hunger at a restaurant. And the shopping environment itself, coupled with the high ticket prices due to the costs of aggregate services, ended up leaving out a large majority of spectators with low purchasing power, thus causing a flagrant process of making the cinema an elitist entertainment. Sign of the times. Irrevocably reached in its essence of massive and popular entertainment, the cinematographic ritual capable of moving people thus began to undergo transformations. Between losses and gains, São Luiz remained standing, watching the disappearance of old “companions”: Between 1996 and 1997, the Severiano Ribeiro Group closed two of its main street cinemas in the center of the city, first Jangada and, less than a year later, Diogo.

A decade earlier, at least as far as Cine São Luiz was concerned, nothing would point to this “fall”. In 1985, a soiree dedicated especially to the press announced with great fuss the arrival of Dolby Surround stereo sound system in the cinema. And on July 20th of that year, at the nine o'clock session, the film *The Killing Fields*, directed by Roland Joffé, would test the new and appreciated acoustics. The “I Festival de Fortaleza do Cinema Brasileiro” (First Brazilian Cinema Festival of Fortaleza), held from October 20th to 26th, 1986, was immediately benefited and paved the way for the many other festivals that would choose Cine São Luiz as a showcase: among them, the Ceará version of FestRio - Rio de Janeiro International Festival and the resistant Cine Ceará, which debuted in 1995 as the National Film and Video Festival and, from 2008, transmuted into the Iberoamerican Film Festival.

The beginning of the 1990s also generated a political articulation between filmmakers and cinema lovers which led the state to officially declare Cine São Luiz as a listed historical landmark, through Decree 21.309, of March 13th, 1991, signed during the Tasso Jereissati administration. Properly protected as a historical-cultural heritage and including the ground floor and the first four floors of its headquarters building in the process of preservation, São Luiz broke the 2000s armored and encouraged to renew its breath. But the increasingly scarce public, added to the controversial erasure of the cultural vocation of the city center, led the Severiano Ribeiro Group to consider and plan the closure of activities or even the sale of the most expensive enterprise of Luiz Severiano Ribeiro, who had died in 1974, but not before recommending to his children the care and maintenance of their “best cinema”.

The Group held on to the legacy as long as it could: they denied the first buying offer by Centro Cultural Banco do Nordeste, in 2003, and only in 2005, already in the midst of the announcement of the closing of the cinema that was considered “commercially unfeasible” due to the regrettable “public evasion”, it ended up sealing a lease agreement with Fecomércio - Commerce Federation of the State of Ceará and SESC - Social System of Commerce. A 10-year lease agreement, according to Luiz Gastão Bittencourt, then president of Fecomércio. Thus began the brief life of the Centro Cultural SESC Luiz Severiano Ribeiro, a multipurpose space that had not lost its cinema function and, using partnerships, had the merit of keeping the giant awake until 2010, when the Severiano Ribeiro Group started the negotiation phase for the sale of Cine São Luiz to the State Government.

In the meantime, under the manage-

ment of Fecomércio, a memorable chapter enriches the chronicle around São Luiz Cinema. It took place in June 2006, when national soccer team fans, all ardently dressed in green and yellow, filled the cinema audience to watch the games of the Germany World Cup, glazing their eyes on the huge screen that, for many of the children there, was the biggest “television” they had ever seen. A scene so far improbable for the ancient and silent hall suddenly transformed into a noisy and feverish bleacher. The ticket cost: a kilo of non-perishable food. But outside, in Praça do Ferreira, not even that. There was a big tent with a huge screen showing the game, and lots of fun going on with giant dolls on hand-held stilts. The inside and outside crowd together would make a movie.

BACK TO THE FUTURE

And the gong sounded again, as if a repeated session of film noir, laden with suspense, was about to restart. In the second morning that the city woke up with the news of the closing of São Luiz Cinema, in August 2010, the press immediately demanded explanations from tenant Fecomércio. The official version stated: “closed to give freedom to negotiations and purchase of cinema by the State Government”. So, it was no longer necessary for the artistic class and cultural activists to rush and give a new and symbolic embrace around the concrete building of the city's most beloved cinema, as it happened shortly before SESC started to manage it, soon after its first announced “ending”.

When Lúcio Alcântara, then governor of the state, still in 2005, authorized the beginning of the process of expropriation of the equipment for public interest it brought some mitigation to the process. Such condition would precede the transfer of the property to the state domain. Another auspicious fact was that,

in 2008, the State Government had acquired the upper floors (from the 5th to the 13th) of its headquarters building for the subsequent installation of the State Culture Bureau of Ceará. There were rumors that the religious institution “Igreja Universal do Reino de Deus” (Universal Church of the Kingdom of God) was interested in buying São Luiz from the Severiano Ribeiro Group, but all these State actions made this gossip fall apart. The fact is that SESC itself, being aware of the wear and tear of the internal installations of the building, had already commissioned Fausto Nilo, a local architect, a restoration project of the cinema. The project never came to pass because, according to Luiz Gastão Bittencourt, then president of Fecomércio, it required a large and urgent financial contribution that would not be up to the entity to pay, since it did not own the building.

There could be no better outcome for the plot: in April 2011, after a round of negotiations involving successive governmental administrations and different culture managers, Cine São Luiz was purchased by the State Government. At the table, for the checkmate, representing the Ribeiro Company there were Luiz Henrique Severiano Ribeiro Bacz, the Group's superintendent of property, and the granddaughter of the Luiz Severiano Ribeiro, Beatriz Severiano Ribeiro Saules. Right next to them, then state secretary of culture, Auto Filho, signed the purchase made on the administration of Cid Gomes, then governor. Back to the future, the protagonist would, from then on, rise again.

PAN'S LABYRINTH

São Luiz Cinema was born pregnant with a theater. Who proved the twin gestation, having in hand the original architectural design of the building, retroactive to 1935, was the architect of the

Department of Architecture and Engineering of the State of Ceará (DAE), Robledo Duarte, who between 2013 and 2014 was in charge of the project restoration and coordinated the complementary projects necessary to recover the physical structure and reactivation of the DNA of the oldest and most sumptuous exhibition hall in Fortaleza. Such a great restoration at a cost of R\$ 15 million to the public purse.

“São Luiz took 20 years to be built. The work began in 1938 and ran until 1958. Therefore, at the time it was designed, this connection between theater and cinema was common. But, over the years, the power of cinema overlapped and thus we assumed that Luiz Severiano Ribeiro gave up the theater function with the work already in progress. At that point, the base was assembled and there was an entire structure for performing on stage. And it was in this renovation work that we found behind the cinema screen the original front stage of São Luiz, huge, able to receive the theater”, revealed the architect.

According to engineer Paulo Renato Cavalcante, from the Coordination of Historical-Cultural Heritage of the State Culture Bureau, even the cinema screen was already retractable, another indication that there should originally be an option to move it, so it could remain or not on stage, according to the nature of the shows. Once the missing link was identified, the order then became to fully equip for theater and cinema the poorly used stage space. Breathtaking work. To the point that it is estimated that, of the R\$ 15 million invested in the work by the State Government, almost half of the total was spent on the recovery of the stage and in the background installation of all the sound and light equipment needed to make the double function of the movie theater São Luiz worth it.

It was a cutting-edge renovation so when it was compared to other cinemas in the country it would be in the same quality. That was the goal of the architect André Grieser who signed the acoustic and scenic lighting project for the modernization and restoration work of the equipment, considering its condition of state historical-cultural heritage since 1991. “We also restored the acoustics from the original project, which were already good, but they had little power, and so we placed two sound systems: one for the theater function, covering the entire auditorium and with reinforcement at the balcony, so that everyone can hear from the same height, and another for the audiovisual, this one with several channels and boxes behind the screen, in addition to the reinforcement above, in sides and on the balcony. In this way, everyone will, at last, be immersed in the sound”, he said.

With high-resolution digital projectors, from São Luiz it is also possible to capture signals from the internet and project concerts or shows from anywhere in the country and around the world in real time. All of this on a brand new 12m x 8m screen and on a completely redone Italian type stage, the depth of which has become even greater than the one of the also imposing José de Alencar Theater. After being turned inside out, even the basement of the theater was reactivated. “The stage was supported by wooden pillars, a veritable toothpick forest that reduced usable space. By removing all this and supporting the stage structure on two metal beams, we were able to build the dressing rooms below it. Behind the screen, there are the rooms where all the technical and administrative personnel work, and that can be accessed by elevator. From the original project, we maintained the orchestra pit, for the shows with background music, and re-

activated a part of the stage that opens and is mobile, allowing the artist to move from one level to another”, said the engineer Paulo Renato.

Red curtains and armchairs, which were no longer the original ones, were also changed. “We opted for the articulated seating positioning, the so-called “fish-bone seats”. This arrangement allows better visibility because audience members does not face each other, thus opening more space and generating comfort. We also included accessible seats for wheelchair users and obese people, therefore seating a total of 1,050. Finally, we guarantee accessibility to the female and male cinema restrooms”, he added. According to Renato, only the original floor of São Luiz, once wooden, was recovered. “We left it as it was because since it is a heritage building, and also because it is simpler to maintain”, he said.

Out of pure delight, let your eyes admire slowly the clean entrance hall of São Luiz. There, the Carrara marble that extends to the staircases, with its unique shine, has never gone unnoticed, as well as the exquisite and rare crystal chandeliers of Czechoslovakia. There is also little attention to the geometric shapes in relief and the decorative painting of the auditorium. “We found that all this plaster scenic decoration also had a sound-diffusing function. They are plastic arrangements for perfect acoustics. Therefore, the side is completely chamfered, creating a diffusion effect. So, having this surface with volume, when the sound hits, it spreads and has no audio block. Thus, we have the power of the sound all the way up front and what is reflected is enough to enhance the original sound, but without competing with it”, explained Grieser.

A prospecting of the painting applied to the plaster on the walls and ceiling of São Luiz also revealed in the pres-

ent what was originally applied in the past. Working closely with graduates from the Thomaz Pompeu Sobrinho School of Arts and Crafts, another equipment managed by the State Government, Daniel and José Luiz Motta, restorers from Bahia, discovered that behind the brown of the auditorium columns there was an unusual and welcome golden painting. “It was the standard of the time and we decided to go back to it, but with the best and most modern, which is Italian gilding, the same used in the Sistine Chapel, for example”, said Daniel.

The neatness went further: no less than 23 colors ended up being produced manually during the restoration of the equipment, thanks to the team's undenied optical sensitivity. “It was a thorough process to find each tone and reproduce it in series. I think we used about a thousand liters of paint, all produced here, to be tested in place, with surgical precision. We had 32 people involved in what we could call a true alchemy. And finally, we arrived at the original and dazzling colors of the building, highlighted by yellow lights that gave a touch of brightness to the whole environment”, he celebrated.

Fiat lux! Or, in good English: “let there be light”! On December 22, 2014, to crown the reopening of the oldest and most charming cinema in Fortaleza, great in style, all the yellow lights, as well as the led lighting of the sign at the top of the facade, poured like a sponge over each recess of the cut “diamond”. The long-awaited night was for guests, strictly following the inauguration ritual on March 26, 1958, with the screening of the same film, Anastasia, and the parade of vintage cars around Praça do Ferreira. At the beginning of 2015, happy ending: São Luiz already belonged to everyone, showing its new program to the public.

Brand new, the cinema was given back to the city just one year after the beginning of the works, in December 2013. From then on, its main challenge - and nothing simple - has been to become popular and to open completely to the cultural diversity, contemplating all artistic languages and attracting residents and visitors. “São Luiz is not going to save the city center. But, it has a fundamental role for an urgent social inclusion policy to be thought and put into practice through a strong articulation between City Hall and the State governments, so the departments of economic and social development, security, education and, of course, culture act in parallel. The cinema should enhance a cultural corridor that includes José de Alencar Theater, Sobrado José Lourenço, Ceará Museum, Carlos Câmara Theater, Dragão do Mar Center and other cultural institutions ready to dialogue with each other and with the most diverse social segments”, defended journalist Paulo Mamede, in 2014, then state secretary of culture.

RESTORATION

“Plot, plan, calculate, postulate as much as you want. There will always be surprises ahead of you. Count on it!”

Henry Miller

For professionals who work with architectural restoration, surprise is an element that is always present, expected, kept by time in order to appear. Behind the layers of paint, walls and floors, we find traces so that we can complete the studies of architectural prospecting and that is the starting point so we can proceed with the restoration project, the main purpose of the entire process.

São Luiz Cinema is the greatest work of Severiano Ribeiro's dream to provide

Fortaleza with the most beautiful entertainment hall in the country. Listed by the the State of Ceará Culture Bureau, the building underwent restoration between 2013 and 2014, being coordinated, at the time, by the Department of Architecture and Engineering of the State of Ceará (DAE).

The project consisted of restoring the entire Carrara marble entrance lobby, the bronze railings and balustrades and, above all, the crystal pendant chandeliers, on the ceilings of the hall. In the auditorium sector, restore the art deco adornments (ceiling and walls) designed by artists Osório Pereira and Marcelino Guido Budini and the paintings made by the American company Schaffer & Harvath. The last part of the project was remodeling the stage, providing the space not only for cinema, but also for a scenic box with all the infrastructure for the manifestation of the most diverse artistic languages.

Our first surprise was when we found below the stage floor, in the quarter, several boxes with materials that were not used or were left over from the past construction, such as swirls in enamelled ceramics and floor and wall ceramics. However, the most significant finding was some molds in metallic structure, used in the art deco adornments of the auditorium walls, still with traces of the plaster used in the stock of the pieces. The encounter between the atmosphere of the 1950s and the present day of our city.

In the stratigraphy paint layers of the walls and ceiling, we were surprised to find that there were no others, the one that was present, the original layer, faded by time, but vigilant in maintaining the beauty and the unique aspect of the decorative elements, which in addition to adorning with subtle beauty, they serve to maintain the acoustic balance of the room.

On the brown-colored pilasters, another striking aspect, as it was the only layer of paint superimposed on the original. Behind it, there was, however oxidized, a golden coating, which in the black and white photos from the time of its inauguration in 1958, we saw a clear hue in the mentioned elements. Using contemporary paints and pigments, we have restored the original aspect of the ceiling and wall paintings, preserving all the original architectural ambience.

On the stage there was a spurious construction, a warehouse from when the building was rented to the central administration of Banco do Nordeste. When we demolished it, we came across the fantastic scenic box, perhaps it had been there for years, waiting to emerge consolidating its true purpose. Technically perfect in terms of volumetric dimensions, we only complemented it with all the mechanics necessary to support the spectacles seen today.

However, the most essential finding was the portico that would adorn the apron, which had never been used. A stucco frame, with drawings that follow the same aesthetic treatment as the other adornments in the building, with only one difference, without colours, only with the base painting to receive the final layer, which was hidden in time, a mystery that only, perhaps, the original design shows us the palette of primordial colours.

In the technical aspect, surprises were also found, such as the entire mechanism that moved the lamps and chandeliers, hidden in the plenum above the auditorium and the main lobby. Pulleys with steel cables with all the original fixing that still allow the maintenance and exchange of lamps, and polishing the bronze light fixtures.

The air conditioning system, at the time using powerful fans for insufflating cold

air, kept all the metal ducts in their integrity, which were immediately used to distribute the current air conditioning, without requiring any exchange.

The concrete structure of the cinema box, a material that was rarely used in the city, during the preparation of the project by Humberto da Justa Menescal, still remained without major traces of corrosion, and the parts that needed repair were treated in a localized manner.

Surprises may happen in any restoration work, whether they are simple or complex, dreams are also component of restoration projects, as Alice says in the book “Through the Looking Glass”: “He was part of my dream, of course ... but in this case I was part of his dream too.” Today, Cine São Luiz is part of the dream and reality of all people from Ceará.

Robledo Valente Duarte
Architect and Urbanist, responsible for the project and coordination of the restoration work for Cine São Luiz.

RESTORATION OF ORNAMENTAL ELEMENTS OF SÃO LUIZ CINEMA

RESTORATION

The plaster volumetric elements of São Luiz Cinema, originally elaborated and designed in addition to the palatial aesthetic, also has the delicate technical function of defining and standardizing the acoustics of the auditorium. These elements were thoroughly explored to identify their original colors and the real state of degradation of the plaster and subsequently they were restored and painted. During this process, a palette was defined between the ceiling and walls and it contained 21 different shades

of paint in the building's original colors and on its side and ceiling columns. Kept under a deep dark brown colour, there was a gleaming gilding in golden (oxidized) glitter that was promptly restored with modern and stable material, revealing a dazzling and gleaming gold from its inauguration.

TEAM

For the restoration of the ornamental elements of São Luiz Cinema, during the qualification process, experienced professionals were hired, with works performed in other monumental theaters in Brazil, among them, José de Alencar Theater, Amazonas Theater and São Paulo Municipal Theater. This technical staff also had the support of the team of restoration professionals trained by the Thomaz Pompeu School of Arts and Crafts, an essential contribution due to the short term available and the large volume of work; all professionals committed and dedicated to technical quality and the primary idea of rescuing the original atmosphere of the time of its creation.

Daniel Motta
Operational management of restoration of ornamental elements and gilding.

SÃO LUIZ CINEMA: ART. SENSITIVITY AND RESISTANCE

Like many people from Ceará, the memories of São Luiz go back to my childhood. I remember the huge lines in Praça do Ferreira and the incredible sensations I had in my first contacts, in the 1970's, with the movies in that immense, beautiful and crowded environment. I never thought that one day my life would be linked to São Luiz in a certain and deep way.

In April 2015, many years later and already working in cultural production, I was invited by the Ceará Culture Bureau to take over the management of the São Luiz Cinema, reopening its new cycle after restoration. At the time, there was a social expectation for the opening of the facility and the pressing need for some answers that revolved around its place in the cultural context of the state, the vocation of the facility and how to interact with Praça do Ferreira and its own dynamics.

Our attempt was on the construction of an “occupation policy” that took shape gradually, step by step, in a process of material, symbolic and shared construction. As a draft, the multiple identities of the then São Luiz Cinema were revealed. The first inspiration came from its own history: a place that served as a gateway to the arts, a stage for the cultural initiation of many generations of local people, a space for affection and memories. The second view of Praça do Ferreira in its territorial and metaphorical dimension: the sense of plurality, of the diversity of programming and audiences, of cultural democracy, of the joy and inventiveness of the people from Ceará.

From the link with the State Culture Bureau I see another important inspiration, the commitment to the public asset, the conviction that we are here to serve society as a whole and in alignment with cultural policies, responsibility in managing and dealing with public resources. From the love to art, a striking feature in the whole team: respect for artists, recognition of cultural agents, the honor and charm of being part of the daily life of a space with such architectural beauty and symbolic importance. All this makes São Luiz a temple!

We have managed to form a team that, in addition to professional competence, feel an integral part of this proj-

ect and has a great sense of mission and commitment to this public institution and to the cultural agents.

We have established a relationship of respect and affection with artists and audiences, with partners and with the city. The same respect that is present in the treatment with international and national artists, with demanding technicians, and permeates the relations with cultural agents, local artists and partner institutions; it extends to the residents, people that passers by the square and downtown workers; with unrestricted audiences of all ages, socioeconomic levels and neighborhoods.

In addition to the improvements and investments made, continuous and daily care are part of the management of São Luiz. The zeal in the maintenance translates the respect to this Ceará's cultural heritage, but the most important conquests are of another order, of symbolic, affective and sensitive nature, shared with those who lived and live with us the rich programming of the São Luiz. It is about recognizing the quality, power, quantity, and plurality of art made in Ceará.

In this new cycle, artists actively participate forming this place, they venture with us, and say yes to innovations and aesthetic experiences, occupy diverse spaces, conquer new audiences, and help build cultural policies. They make us think, cry, laugh and love and build this new São Luiz.

It is also beautiful to see São Luiz occupy its place as a cultural institution and to host events, festivals and gatherings proposed by society and by social and cultural movements. Providing debates and reflections, working for access to culture, supporting initiatives that promote the right to life! Empowering street artists and youth collectives from the outskirts, encouraging inclu-

sive and accessibility policies. Perceiving and positioning a cultural facility as a space for the concreteness of social and cultural policies.

In those years of (re) creation, there are so many lived beauties that, even in a short time, they can no longer be told. We thank here all those who are building with us this path, the entire team of the Secult (State Culture Bureau) and the São Luiz Movie Theater. Special gratitude to the Government of the State and the State Culture Bureau, through the secretaries Guilherme Sampaio and Fabiano dos Santos Piúba, who, besides giving us wings and flight conditions, bring sense and inspiration to this journey. We also offer thanks to the Dragão do Mar Institute, which was able to recognize the location and the need for such facility, ensuring the conditions of its operation.

In an atypical year, due to Covid quarantine, São Luiz reinvented itself again and found new ways to (re) exist and be present on the screen. It has presented to the public an expressive online program with the best artistic production from Ceará in the most diverse languages. The institution has innovated by creating a virtual magazine, entitled “Cena São Luiz”, and continues to dialogue with the public in this new space of encounters, knowledge, memory, and art.

We can now outline the first contours of a new São Luiz Cinema. Beyond a place of affection and artistic enjoyment, it plays an important role as a space of sensitivity, asseveration, and resistance. And yet, it is a cultural institution full of future possibilities.

It is moved by this spirit that we give society this book. So that this story is recognized and renewed every day. We hope that the São Luiz Movie Theater will grow and reinvent itself continuously as a space for art, for creation, for the

formation of artistic and cultural repertoires. As a place of affection, encounters, emotion, and joy. An every-day (and always) more necessary place to this city and to the people who live in it.

This house deserves all the applause and a long life.

May this show never end!

Rachel Gadelha

Director of São Luiz Theatre
from March 2015 to April 2021



GIANT (THUS, HUMANITY MOVES FORWARD)

Going to a cinema like Cine São Luiz in its first years of operation, in addition to the required jacket, it was worth giving equal attention to a good and shiny shoe, another item to stand out as a sign of distinction and etiquette. That is when a personage emerges from the margins of the history of the last street cinema in Fortaleza, the figure of the oldest shoeshine boy at Praça do Ferreira: Pirrita (1942-2019). He settled down under the trees of the street wearing short pants, in 1948, ten years before the very opening night of the fancy cinema. Between a shoe polish and another, he accompanied the building's construction from its foundations between the hoarding gaps and at every opening of a side gate through which all the raw material that was imported during post-war period.

On the dampness of the night, looking at distance, he was also an eyewitness to the opening night of the largest and most anticipated cinema hall in Fortaleza. It was the time of the “mirreís” – referring to Brazilian old currency, Pirrita recalled how the simple people calculated their gains. For a decade he dreamed of seeing the expected and portentous cinema up close, but his math was different: he had to shine four pairs of shoes to get enough money to access the lobby and put his tired eyes on that magic screen. And so, among borrowed jackets, he did not miss a bang-bang movie, his favorite genre.

It was a time “good for shoe polish”, I would like to emphasize. That is because almost all wealthy men or of higher-class used to shine their shoes. And there was, for him, the day of glory: the day he shined, right there, in Praça do Ferreira, the shoes of Mr. Luiz Severiano Ribeiro himself, the owner of the cinema. He recalls the kindness of the client - “he was not one of those proud rich people”. Mr. Ribeiro was very well dressed up, although without a suit or tie - “but his shoes were nice, very refined, the type you couldn't see around here”. During the conversation with the businessman, Pirrita dared to mention the first film he saw at São Luiz: Zorro. Nor did he miss the opportunity to find out the reason for the first of the two fires at the Majestic cinema in 1957.

Downtown was such a democratic place of gathering and coexistence among equal and different people. So familiar to Pirrita that he did not hesitate in specifying the exact location of each of the Severiano Ribeiro Group's four cinemas that, in that first half of the 20th century, still remained active and with loyal audiences - Majestic, Moderno, Diogo, São Luiz - , composing the local Cineland. “The fun was

all here, both for the resident and for those who came from outside,” he said, drawing an invisible map in the air where celebrities and important politicians could be found in nearby hotels, such as Excelsior and Savannah. “An opportunity we had to give a tour guide around the square and also earn a few more coins”, laughed the septuagenarian shoeshine boy who until his death, in October 2019, at the age of 77, slept under marquees of the shops in the surroundings of Praça do Ferreira because he was not accepted in any boarding house accompanied by his inseparable “offspring”: cats, dogs and pigeons with whom he shared water, food and warmth ever since he decided to improvise the first shoe box as a way of life.

A CHINESE TALE

Undivided image: next to every street cinema there will always be a popcorn seller. Francisco Laurindo Monteiro, Mr. Chinês, sells popcorn at Praça do Ferreira, next to São Luiz cinema, for over half a century. The nickname came just at the time when karate films were popping up in movie theaters in Brazil like the fever of the moment. It was a joke from the people who claimed to be fan of the martial arts cinema and only spoke of an infallible Bruce Lee at each interval of the sessions around that popcorn wooden cart that had recently won its version in aluminum and glass. And out of that wisecrack, one more frequent spectator of São Luiz would be born out of that jest: the popcorn seller, who being so popular, won a free pass to the movies whenever he wanted.

Mr. Chinês has lost track of how many films he saw at São Luiz. But he can testify the quality of the effects of cinema not only on him but also on his children, who from an early age also

enjoyed the privilege of experimenting and vibrating with the best entertainment : “as I could not study because I had to start working at a very young age, cinema happened to be my school. The place where I learned to speak well with literate people and to make it a way of life, forming a clientele that now passes from generation to generation”. Each bag of popcorn sold helped him with his living expenses and it was worth it, assured Mr. Chinês. It was working hard that he acquired his own house and car, kept all his children in private school until high school completion and he has been fulfilling his goal of traveling annually to his hometown, Parnaíba, in Piauí, to see his relatives.

Three of his children followed their father's profession, by choice. Spread throughout downtown, they also sell popcorn, chocolate bars, and cigarettes. In addition, together they own a small metallurgy workshop, where they are ready to manufacture new popcorn carts for those who want to enter this business. The father accepts proudly his sons following his example. But if he could start all over again, he swears he really wanted to study drama to feel what it would be like being a movie star loved by the public.

For now, he is happy to have met some artists up close, handing them his nearest bags of popcorn. Renato Aragão, Didi, from Os Trapalhões, is one of them. “Every year he came to release his films he gathered with us and the kids at São Luiz. That was the time when I sold more popcorn, with no doubt”, recalls Mr. Chinês. Other blockbuster films that also made the popcorn seller's financial life better were Jaws, Ghost, and Titanic. “Since then, there hardly been good movies to help me sell so much popcorn”, evaluates, in his own way, the street vendor who has even

won a medal in the Legislative Assembly of the State of Ceará for services of symbolic value rendered to the dream factory powered by popcorn.



ALADDIN AND THE MAGIC LAMP

Jhoseffi Macena, known as Dedé, current projectionist and cinema technician at Cine São Luiz, had not even been born when Didi “closed the street” and “stopped traffic” in the center of Fortaleza, attracting a crowd of children and adults to the surroundings of Ferreira Square, such event was headlines in local newspapers. It was 1973 and the hilarious character created by comedian Renato Aragão (1935) would steal the show in that incredibly special preview of the film “Aladim e a Lâmpada Maravilhosa”- Aladdin and the Magic Lamp. Right there, at Severiano Ribeiro Group's so loved cinema, where the adorable “trapalhão”, at 23, entered for the first time, somewhat awkwardly, in a jacket, just to be up to the opening night of the exquisite equipment. Long before he had dreamed of seeing Brazil laughing at him with his catchphrases, wits and quips, Didi did not miss a single film of his first and eternal idol, Oscarito. He was an astonished teenager in the audience of Cine Majestic.

And then, in 2018, it happened again: a crowded São Luiz, as it had not been seen since the 1970s and 1980s, on the

glory days of the comic quartet formed by Didi, Dedé, Mussum and Zacarias. A new proof, live and in color, of how much the most famous media clown in the country is still able to hypnotize veterans and new generations with the simple announcement of his presence in the city. The tribute to the octogenarian Renato Aragão, entitled to an emotional speech by this native from Sobral, in Ceará, who left the sketches of TV Ceará, in the early 1960s, to gain national recognition, came together with the beginning of the highly celebrated Os Trapalhões Retrospective Exhibition. It was the highlight of the special program alluding to the 60-year anniversary of São Luiz cinema. And the literal headline printed on the local newspapers could have been: “Didi suspended time. And wept”.

Dedé, the young projectionist and cinema technician from Cineteatro São Luiz, was there, watching everything from above, almost invisible in the tiny projection booth now fully automated, and where a mega potent infallible and of very high resolution American projector reigns absolute, at exactly 24 degrees. As if looking with a certain disdain for the past, on the wall behind it, the manual panels for controlling power and light were retired and replaced by computerized towers that can be programmed remotely. The commander of the hi-tech ship and key man capable of maintaining and operating precise commands for that “Ferrari” to function perfectly was also directly responsible for the recovery and digitization of the entire set of Os Trapalhões films shown during a month in São Luiz for audiences of all ages, social classes and backgrounds. A “treasure” handed over by the management of the house to the honoree.

“The gathered copies, most of them DVDs, that arrived to compose the Exhibition were not of good quality. That

was when I was challenged to restore and digitize this collection. I could not help it. I was such a fan of the reruns of Os Trapalhões on Rede Globo – Brazilian TV network. When I saw their first film I was still in school, on a 20-inch-tube TV: Os Trapalhões e o Mágico de Oz. I got the nickname Dedé like my namesake Trapalhão precisely because I was such a loser in games. But I spent my life wanting to be Didi, the smartest, the best, the most intelligent”, recalls laughing, the technician who revolving his own trajectory, is already proud to say that the apex of a projectionist's career is to work in a cinema like São Luiz, a “palace” with 1050 seats.

The apparently precocious conquest and which surprises those who still hope to find in the projection booth of the sixty-year-old cinematographer a very old gentleman in suspenders and a beret on the head, is the result of other adversities he overcame: at 16, Dedé had already become the youngest projectionist and technician of cinema in the state of Ceará. Since 2015, through a competitive selection bid open to the whole country, he joined the São Luiz technical team, after demonstrating knowledge and proven experience in the technological, mechanical, electrical, and electronic areas. It looks like a movie. Becoming part of the cast of backstage personnel that turns all the gear to keep the magical aura of São Luiz tense, the most beloved cinema in the city, is a feat that Dedé had never imagined to perform, except in his best dreams of becoming Didi.

How daring! Because the life of someone who was not born with a silver spoon in the mouth is not easy. Dedé's routine in his childhood was study and work, either assisting his lathe operator godfather, learning about the machinery of the soap factory where his

father worked or acquiring notions of projection and assembly of wooden furniture in the neighbor's workshop. He did not play much in the streets of the Jacarecanga neighborhood with the kids around. At most, he would go to the beach. And the first and only time he went to the cinema, he was a kid, at the age of 7 in the company of his friend Johnny's father who cleverly bargained at the ticket booth and bought just one admission ticket for the two boys. And so it was.

“There was a fuss about it, yet they gave way. But my friend and I had to share the same sit, like sardines in the tin, to see Ninja Turtle. I remember standing to look up, wondering where the film came from, just like do today children from public schools who come to São Luiz for free because of the “Escola no Cinema” Project. But how could I have imagined that it would be me, one day, the “uncle” on this side that would tell them to look at the screen instead of looking at the house or at the top of the projection booth?”, said Dedé, the former spectator-child who would only return to São Luiz to sit in the audience as an adult, when he worked as a projectionist at the extinct Unibanco cinema, at Centro Dragão do Mar.

He was transferred to São Luiz from Dragão do Mar Institute to provide technical services and correct a malfunction in the projector that was supposed to show a special screening of the film O Menino e o Mundo to invited authorities. He accepted the challenge, and arrived there early, but when he entered the booth, he came across the projectionist of a local cinema that had already made a first and vain attempt of repairing it. He then excused himself and asked to examine the machine. And with a screwdriver, pliers, a two-colored rubber, a brush and all the know-how accumulated since childhood, he did

the repair. Before finishing the work, he watched the film, from the beginning to the end, sitting right in one of the chairs in the sixth row that, as a boy, he had to share with his friend Jhonny. “There, I cried, of course, without anyone seeing. Because a personal and non-transferable film played in my head, in retrospect”, he admitted.

A flashback that includes different takes, such as the day he started working as a cleaning assistant in a local cinema, and then he moved on to the bonbonnière, to the ticket office and, finally, moved by curiosity and willingness, to reach the maximum position of projectionist. Or, during the empirical learning, but still as a beginner, he faced the fire test of assembling a 35mm film for the first time to be shown in a special session. “The first one I did was Elefante, a very crazy film, with scenes in which the character appeared upside down and you had to adjust and correct the negatives correctly ... Because at the time of pellicle it was like this: the film used to come in five parts, and we would make the splicing with a kind of Scotch tape. And then I had to watch it previously to check if the sequence was correct and if there was no risk of breaking the splicing,” he said, recalling the mechanical, slow and manual work that today would be unimaginable for new generations of technicians or even spectators.

Unimaginable yes, but liable to be partially revisited, at least inside the cabin of São Luiz Cinema, where two 35mm projectors in mint condition rest quietly and waiting for the time to start working again. The gifts, donated by the Severiano Ribeiro Group precisely in the list of celebrations of the 60-year anniversary of the “jewel” sold to the State Government in 2011, promise to bring back the nostalgia session in which a misty texture and a certain

hissing will go around, respectively, as landscape and music to the ears of experienced and passionate film lovers.

Everything is in the most perfect display condition, with absolute quality and no wear. That is what guarantees the cinema projectionist and technician, who, like Aladdin, cannot wait to lay hands on the “magic lamps” capable of producing geniuses like Didi and making amazing leaps in time, breaking frontiers among the past, present and future.

SÃO LUIZ THEATRE. AN EMOTION THAT FULFILLS THE SOUL

When the bell rings three times, minutes before the show begins, many hearts are ardently wishing for the encounter and the charm that art provides. At this moment, the house is ready to become vivid and to be lived to the full. Feed the eager audience that fills the room through the gift of those who go up and color the stages.

Cinema is the primordial blood that pulsates in the veins of this house and always evokes sensations of unimaginable flights. São Luiz brings this vital energy with it, but it expands its power every day. Since its reopening, it has experienced multiple ways of doing, creating, involving and moving. Today, in addition to a Theatre, it brings the story of a renaissance.

What we have been doing daily since then, is nothing more than executing the many inspirations that have always emanated from the great theatre on 500 Major Facundo Street. Providing transcendence to all audiences, arts and artists.

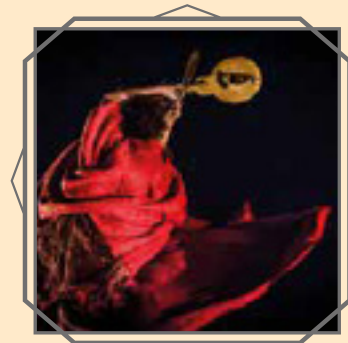
Its imposing architecture dazzles visitors and the curious audience when

entering its castle foyer. Giant mirrors, marbles that shine and lights that sparkle to the hypnotized eyes set the tone the size of the emotion that paralyzes, but does not imprison the viewer, as it is a witness to a number of magic, which liberates and expands it.

It is plural. It is cinema, it is of all arts. São Luiz is the show itself. It is beyond the time of history and memory, of stories and affections. It covers the boundary of borders, diffuses, propagates and welcomes, renews and reinvents itself. It is contemporary and traditional. A temple of the arts, democratic and accessible, where the masters, the young and the not so young ones, all of them that pulsate life tread.

José Alves Netto

Director of the São Luiz Theatre



THE FABULOUS DESTINY OF SÃO LUIZ CINEMA

Convinced that it is not advisable to remain motionless in time, like an old postcard, São Luiz rejuvenates itself in the present and projects itself in continuous time, denying the fatalistic warning of the fortune teller that one day supposedly approached Luiz Severiano Ribeiro to predict death if the newly started works of the biggest and best street cinema in Fortaleza were completed. Two cards out of the deck: creator and creature

not only triumphed, they would also fulfill a fabulous destiny: the one that gave São Luiz, over the years and the changes, a place of honor in the memory of the city.

Inaugurated in 1958 under the ruins of the Cine Polytheama, the last silent cinema in Fortaleza, São Luiz Movie Theater of the 21st century began to speak in and with the present, communicating through different languages. As a symbol of distinction in the urban landscape, its sixteenth century signature resists oozing charm, setting high on a sign illuminated by 98 lamps that make your eyes pop, in a red acrylic structure, everything that goes on inside: on display, it can be a film, a musical show, a dance spectacle, a play, a circus act, a comedy sketch, a manifestation of traditional popular culture, a show-class, a hybrid or multimedia performance.

It has been like this since the end of 2014, the year in which the super cinema became able to embrace not only the films, but all forms of art, so that permanence can welcome innovations and, even soaked by a wave of memories, the look of those who enter São Luiz be taken through multiple marks and temporalities. Emblematic path and full of subjectivities that meets classic icons. As a kind of sheet musical in which no notes should be modified, there are, at the entrance of the theater, the gigantic chandeliers weighing over 100 kilos manufactured in Czechoslovakia, a majestic trio that, since the inauguration, have covered the atmosphere of the lobby with gold, reflecting the combined brightness of its 44 thousand crystals.

Looking at the Carrara marble floor that covers the entire hall and goes along the stairs of São Luiz is also facing back a time gone by. But the new one is reality in the audience, materi-

alized in 1050 red seats, with 12 spaces for wheelchair users and ten special places for obese people, in compliance with the normative policy of accessibility. Demands that, in that room steeped in multiple generations' memories and affections, admit poetic licenses, such as turning a blind eye, whenever possible, to couples of lovers of all ages who insist on sitting close together and holding each other tightly in the double seats that refer to the old “loveseats”.

From the forestage to the inside, it is in the open aisles and balconies on the sides of the stage that the immemorial courtship between art and technique stretches for 14 meters in height, between niches that hide both manual stage poles and a machined pulley system, steel cables and ropes that, lifting weights and counterweights, lend movement to the scenery and make happen the opening and closing ballet of elegant red curtains that are 24 meters long by 8 meters high.

At the limit of the visible, novelties and survivals leave other footprints: around the lower audience, sconces and crown moldings, when lit, highlight the original design of the arabesques sculpted and painted on the internal walls of the auditorium 40 meters long by 16 meters wide. At the height of the ceiling, already close to the wooden Italian-style stage, manual and electric light poles are also lined up, all of them surrounded by the ultramodern family of more than 200 projectors with LED lamps.

The inside of São Luiz Cinema can also reveal, with nostalgia, what it was: once hollow, the pit where orchestras played on a level below the audience, without being seen, was then brought up, allowing artists and spectators to be closer in shows moved to the front of the stage and, therefore, marked

by an intimate atmosphere. Vedette of all times, an appearance among all continues to steal the scene: when the big projection screen 12 meters long by 8 meters high automatically rises and falls, always in tune with the platforms on which the sound system slips imperceptibly, the magic of cinema spreads through the environment, attracting all viewers.

High-tech and handcrafted at the same time, the ritual of the inner workings of São Luiz is peculiar because it obeys the whims and care necessary to keep a historic and cultural heritage intact and alive, which in 1991 was listed by the State Government. Thus, the detailed project of restoration and renovation of its architecture could not fail to come together with the instrumental re-equipment and the conceptual readjustment of actions that, in addition to aesthetics, established a new ethics there: contradicting the beginning of its own history, when more expensive tickets and refined costumes were marks of distinction, the São Luiz of the 21st century tried to dialogue with all audiences, opening up in 2015 to a mostly free program and choosing to fit in a public and democratic outfit.

Embedded in it, a policy of intersection between “inside” and “outside” calls for moving, reaching residents of the most diverse neighborhoods, local artists and guests, traders, workers and even homeless people who have looked back at the City Center city as a possible - and powerful - place for the exercise of coexistence and invention. Undisputed, but permanently challenging, the vitality that makes the eyes of those who see São Luiz shine bright is collective construction: it comes from the affirmation of a dialogical management proposal and trusting on a model of

plural and participatory curation, capable of printing quality to the programming tracks while embracing demands from the artistic class itself as well as the audience.

Run by the Ceará State Culture Bureau (Secult-Ce) and through the Dragão do Mar Institute, the cinema also aligned itself with public cultural policies, incorporating socio-educational actions, affirming production and cultural diffusion in the state and dialoguing with others government institutions and agencies. Having 85% of all its programming free and part of it at affordable prices, each activity held at the São Luiz Theater reverberates away, reaching hundreds of neighborhoods in Fortaleza and thousands of spectators since its reopening.

GROUNDHOG DAY

After all, what makes São Luiz the public cinema room with the highest average audience per session in Brazil, according to criteria adopted by the National Film Agency (Ancine). Who are these people? What attracts them to the city center even on a rainy Sunday morning, when the unusual invitation is to listen to a classical orchestra live and then watch an opera on the cinema screen? Research indicates: many people there in the audience had never had access to a cinema; so many others would not even have returned downtown had it not been for the existence and robustness of the programming of a public institution that having the cinema as helmsman, knew how to advance into the sea, emerging as a show house in different areas.

Those who come from distant neighborhoods, often bringing different generations together in the same group, arrive on foot, get off the bus or park nearby, and believe that a build-

ing so exuberant and multiple in its offerings of entertainment, art and culture can accommodate for free or at nominal fees, equally heterogeneous audiences that, in that auditorium of 1050 seats, become one, an indivisible whole. “Is it really free? For adults too?”, They ask repeatedly. The São Luiz movie theater itself is a response, reestablishing the meaning of what is public and mobilizing a sense of community belonging.

In the urban landscape, it appears as a kind of sociocultural anchorage, a space of citizenship where the drive for life comes from culture, but also from education, particularly through projects like Escola no Cinema (there has been almost 100 thousand public school students who came to the cinema since the beginning of the project, in 2015), promoting much more than artistic enjoyment. In addition to summoning history, memory and sensitivity, São Luiz is a generator of thinking, debates, formation of repertoires, contributing to the requalification of urban space and the primacy of social interaction. Cinematographic, therefore, is its reappropriation by local habitants, a movement that is also political, since it affirms culture as a right and condition for access to knowledge and to the necessary social transformations.

In unison, the invitation was accepted. And it reverberates in the imperative: see the film, listen to the music, go to the theater, vibrate with the dance, laugh with the circus, recognize deep Brazil through traditional and popular arts. When, from 2015, all these calls started to run through the veins of São Luiz Cinema, it was necessary to invest time and sensitive thinking around the idea of a curator as diverse as porous and complementary, capable of even making the interface between

all artistic languages and cultural policy in progress, in order to attract audiences with diverse interests and from different origins.

All because, very close to its 60th anniversary, São Luiz would finally be used as public facility - and no longer private -, since, still in 2014, the Government of the State of Ceará had acquired and invested heavily in the recovery and restoration of that cultural space run by the Severiano Ribeiro Group, but which had been listed as a historical and cultural heritage in Ceará since 1991. Brand new again and re-equipped with what is most modern in technical terms, the cinema needed, however, to leap into the eyes and be approved by a good part of the local people that, gradually, had been abandoning the healthy habit of going to the city center, mainly due to the flagrant weakening of public and private investments to keep the cultural and artistic vocation of that central part of Fortaleza active.

Having the challenge of attracting back movie buffs, habitués of cultural programs and, above all, a massive audience of children, youth and adults who had never experienced or had little opportunities to have the pleasure of entering a cinema or even a theater, the curatorial strategy to make the “parts” interact in the composition of a “whole” took shape first from the transformation of São Luiz into a “Repertory Cinema”.

Aware that, historically, the exhibiting market demands continuity and predictability, that is, it is based on the already assimilated habit of going to the cinema on any day or time of the week, since there is a grid of films continuously showing in different shifts, São Luiz’s curatorship dared to break what seemed immutable: it was when the option for specific and fixed programming tracks, but not necessarily daily,

opened space for a mix of different artistic languages, making multiple occupation worthwhile.

On alternate days, the spectator audience of São Luiz, thus began to take delight in a range of offers ready to satisfy diverse demands. For the cinema fans, the “Cinema Genres Show” was created, which presents films of the same cinematographic genre over a month; the “Cinema Profile Show”, covering the trajectory of filmmakers, and aesthetic or historical relevance movie stars; the “Classics of Cinema”, favoring films that marked an era; the “São Luiz 3D”, a window for films in third dimension; o “Vacation at São Luiz”, aimed at children and younger audience in their school-break months; the “Sons of Ceará”, which bets on the projection of video clips before the films being shown; and the “Marathons” of films and series, with sequenced sessions of the same franchise or theme, darlings of fan clubs.

A flagship in the formation of audiences, the programming track “School at the Cinema”, in which award-winning Brazilian short films are shown free of charge to students and teachers from public and private schools, emerged as a highlight in successive satisfaction surveys. Merit of an eclectic and bold curatorship, whose effectiveness is also reflected in happy connections of languages, such as the programming track “Sound Session”, in which a film precedes a tribute concert of the same theme.

In the name of diversity, at least once a month, spectators are also invited to check the programs: “Curta Mais Teatro” and “Curta Mais Dança”. Particularly contemplated, each one of these languages can go up to the main stage or be in the center of attention of the programming track “Curta São Luiz”, which happens every Friday, in the cin-

ema lobby, attracting passers-by from the city center who come across with the front iron gates fully open.

Eyes at the city’s cultural calendar. Dates or events such as Culture Day, Brazilian Cinema Day, Mother’s Day, June Festivals, Children’s Day, Black Awareness Day, National Day of Gypsy People and so many others offer combined programs, all in fine tune with the democratic heartbeat of the facility. In music curation, different styles, among veteran artists and new talents, take place on the main stage, which hosts both national and international super productions and pocket shows.

In symbiosis with São Luiz, Praça do Ferreira has also been a stage, embracing memorable performances that attracted a much larger audience to the city center than the equipment’s capacity. Like a kaleidoscope, São Luiz rotates daily in perspective: if the day started with “aboios” or “cirandas” – folkloric manifestations, it can end with a musical show; if the comedians arrived with the sun, the night may be for rappers; if the clowns or the storytelling dolls made the kids happy at the end of the afternoon, the art and youth collectives from the outskirts can give their sweeping political message in the evening.

Ceará International Dance Biennial. Cine Ceará. For Rainbow Festival. Concrete Festival. Jazz and Blues Festival. International Circus Festival, among others. With an eclectic program, the cinema contemplates the village while looking at the neighborhood or overseas, valuing local artists and guests with the same importance. In addition to the spectacular, it also opens space for the exercise of citizenship. Projects like Residence on the Streets have passed through it: health, culture and art; the Street Population Forum; the State Homicide Prevention Week; The

Freedom Cinema: I Ceará Festival of Art and Culture of the Social and Educational System of the State; the National Meeting of Monument Theaters; the Access Culture Seminar: Art and Accessibility and many other social, cultural and scientific initiatives.

For these and other reasons, it is not by chance that São Luiz’s agenda became an obsession among the artistic class and also among professionals in culture and education, managers and audiences who celebrate the power of space and recognize themselves as active agents in the multifaceted reinvention of the place. Powerful, the Groundhog Day fell on the sexagenarian movie theater as a promise of longevity and reaffirmation of the poetics of space.

Poetics that, in October 1987, in another warm afternoon in the center of Fortaleza, it was able to attract a young couple directly from the registry office to the cinema. He who was about to reach adulthood, still needed the formal authorization of his parents to marry. Having little money in his pocket, the groom had no idea of how to celebrate the civil union after the timid, bureaucratic, beige event, behind closed doors and with very few witnesses. That was when the romantic thrill of inviting the bride to the cinema came. Not just anyone. The most beautiful one. The most beloved in the city and loved by the couple since the beginning of their relationship.

He is Fabiano dos Santos Piúba, Secretary of Culture of the State of Ceará, who has been married to Maria Braga for over 30 years, the chosen one to enjoy, in the dark of the cinema, every frame of the preambles of a honeymoon initiated in the midst of the dazzling and romantic São Luiz Cinema. A writer and a lover of films that make anyone cry, Fabiano is also the author of a song-poem dedicated to melodra-

mas: “I believe that those who cry in the cinema cry for a story of their own that was awakened through that film. It is like the ones who laugh at a movie session. People laugh or cry when they see an archetype there and are faced with the collective unconscious, largely due to a memory or feeling that touched them. And I am one of those, I have cried in the cinema since my whole my life”.

For my whole life sadness beckons to me
You will not believe

But I cry in the cinema

And those who cry in the cinema

through a scene that passed

Image was reminiscent that the film revealed

And it was so guarded that the cinema projected

A hunger for joy that time has kept

From my whole life

SÃO LUIZ MOVIE THEATER IN NUMBERS: NEW ERA

From May 2015 to March 2020

During this period, 4,040 face-to-face activities were carried out, 89% of which were offered free of charge. The artistic programs and institutional actions promoted brought together a total audience of 853,179 spectators, part of which was made up of people from 85.7% of the neighborhoods in Fortaleza (109 neighborhoods);

The shows (concerts, plays, dance, etc.) were performed, in percentage terms, by 75.2% artists from Ceará, in addition to 22.3% artists of national expression and 2.5% artists of international renown.

The School in Cinema project, created in October 2015 and focused on training audiences for the Brazilian produc-

tion of short and feature films, has already received 99,560 children and teenagers from more than 600 public and private education institutions, in addition to entities, various associations and organizations;

Since its reopening, São Luiz Movie Theater is, since 2016, the public cinema room with the highest average number of viewers per session in Brazil, according to data from the National Film Agency (Ancine).

TESTIMONIALS

“Anyway, it is beautiful, a very old structure, it looks like those things from Paris, modernity, but it is all wonderful in here, we feel good, it is sumptuous. It is superb to come here. It is a historic spot to bring children and learn more about our culture.”

Solene Ferreira, spectator.

The person comes here and feels the culture protected by the sky, the sides and the ground. It is like a maternal womb that is giving people culture. I am very excited for being here.

Tom Zé, singer and composer.

“For me, São Luiz is one of the most memorable spots in our capital. In it, dreams were and are possible to be realized. It fills my eyes every time I enter the room. As an artist I was fulfilled when I performed on the recording of singer Ednardo’s DVD. And as a spectator I was surprised, I was touched, I smiled and screamed”

Fabricio Santos, spectator.

Saluting the people of my hometown, I will feel recognized if my fellow countrymen make São Luiz their cinema.

Luiz Severiano Ribeiro.

“It was the first cinema where I had the privilege to go in and watch a movie. I think that this space represents a feeling of belonging for our city, a real return to our origins, to the responsibility that we have with our history.”

Silvero Pereira, actor.

“São Luiz Cinema occupies a very important space in my imagination. Even before living in Fortaleza, every time I came here I was very impressed with the beauty of this place. Now I have the satisfaction of doing a gig in which the audience, the musicians and I will be together on stage.”

Tiago Araripe, singer and composer.

“This movie theater breathes history. There is something amazing here. So there is the beauty of the theater, there is the team, because I think that the people who make the place are the people who run this place. So, I am too happy to have seen this place, to have played again and to have noticed this permanence now. It is a beautiful place!”

Lenine, singer and songwriter.

“We are very needy of theaters in Brazil and this is a beautiful space, with a beautiful auditorium and a very nice team. We are in a glamorous and chic space, where the public and artists feel respected. It was amazing being here.”

Débora Bloch, actress.

When São Luiz opens the door and facilitates our entrance, we understand that it is an arrival of the Cinema into the outskirts. With another look, a positive one.

Rafael Oliveira, musician and member of the Art and Culture Black Youth Movement of Fortaleza.

I lived the most magical moments of my life right here in São Luiz.

Raimundo Fagner, singer, composer and instrumentalist.

“The theater is beautiful and the staff is wonderful. And the best, it is a public theater.”

Gregório Duvivier, Brazilian actor, comedian, screenwriter and writer.

Today’s show is among the most pleasurable I have ever done and the most exciting one. I felt completely in to it. It is a pleasure to be here.

Antonio Nóbrega, artist and musician.

São Luiz Movie Theater is first of all a resistance. It is important as our pride in Fortaleza to take care of our public asset and keep it alive, not only in the sense of heritage, but of inner pulse.

Gero Camilo, actor.

“For the first time, I am arriving at São Luiz Movie Theater, which is a place that I did not know, and I am very impressed, not only by the beauty of the building, by the conservation of it because it is a facility that has been renovated, restored so that it

could be given back to the public in Ceará a theater and cinema of this quality, with this beauty. ”

Emílio de Mello, actor.

I remember participating in the hug given at São Luiz by the city's artists, a very emotional moment, when Cine São Luiz there were rumours of it being sold to the Universal Church and a crowd went to Praça do Ferreira, people were indignant, all of them hand in hand embracing São Luiz.

Ricardo Guilherme, actor.

“São Luiz Cinema initiative is great, excellent, congratulations! This is what we need, to keep this soul of culture, this wonderful culture thing that is having theater with cinema altogether. Then long live São Luiz, such a wonderful place! ”

Erasmó Carlos, singer and composer.

“It's amazing how something that was designed to be a cinema can have such strong characteristics of a concert hall. It is the first time I sing here, I have sung in several theaters in Fortaleza. (...) It's easy to sing when you have that quality. ”

Renato Braz, singer.

“This house should be a reference for other states in Brazil because, as São Luiz is a cinema that has been reinvigorated, restructured, there must be cinemas like this in Brazil, where this same work could be done, because, in addition to saving the heritage, it would add to Brazilian music. ”

Pepetu Gomes, singer, guitarist and composer.

“This is a space that belongs to people as their primary mission. It is a cultural facility that people need to occupy ... may they be sure that this place is here forever, and that it must never close its door. ”

Lucinha Rodrigues, cultural producer.

“This is, of course, a very interesting thing, allowing different accesses to audiences that, for various reasons like cultural habit, sometimes economic, location, distance from places, in short, they do not have the opportunity to access a variety of music, drama, dance, all cultural events. (...) I have the impression that today São Luiz must be one of the few, if it is not the only one in this category. ”

Gilberto Gil, singer and composer.

“I attended the premiere, in the opening ceremony of this cinema here (São Luiz) with a film called “Anastácia”. Everyone dressed up in suits and everything and I remember that I was 23 at the time. Then I started attending it all the time. (...) What am I feeling? I am floating to the point I am not touching the ground, that is the truth.”

Renato Aragão, comedian, actor and producer.

There is no one from the until-1950 generation who has no connection with this cinema hall. If you go through psychoanalysis, everyone has traumas and characteristics shaped by cinema. Cinema was the great laboratory for the sensitivity of these generations.

Ary Leite, researcher, memorialist and writer.

“São Luiz Cinema is a cultural facility that allows you to travel back in time and enjoy an innovative and quality program, several stages are formed in this space, echoes resonate in the square, connecting the community of Fortaleza to the artistic world. Long live São Luiz! ”

Rosa Liris, spectator.

The theater is beautiful and the acoustics are very good. We are feeling fulfilled to play in this space and hopefully we will come back more often.

Dadi Carvalho, bassist for A Cor do Som.

“I have no doubt, for me, it is a profound honor to be here at São Luiz Movie Theater, a place that has so much meaning to Fortaleza, Ceará and Brazil. When I see that so many of my friends and others who are no longer with us passed by here, I feel deeply honored to be in this theater, trying to offer some emotion, which is the mission of an artist.”

João Carlos Martins, conductor.

The acoustics of the space are very good, the crowd is super involved and lively. The public reception is super warm. I hope to return again and again.

Chico Brown, singer, composer and multi-instrumentalist.

“For me - I have already said that once - this is a temple for me, because it was where I saw a movie for the first time in my life, with cinemascope,

all that meant a lot to me, a boy that came from the countryside. So this place is sacred to me. ”

Fausto Nilo, poet, composer and architect.

“The preservation of São Luiz Cinema with a free program for a large number of people, schools, students and so on, is a highly significant thing because it is a recognition of the importance of cultue as an educational factor.”

Francisco Régis Frota Araújo, filmmaker, president of Ceará Movie Academy.

“I am from Recife. There we have São Luiz Cinema too, which is the older brother of São Luiz in Fortaleza, and these two movie theaters are exemplary today in Brazil in terms of occupation, an intelligent, democratic occupation, in the city center, on the street , and unfortunately there are few street cinemas in Brazil. I used to come to Fortaleza a lot in the 1990s and saw many films here, so São Luiz is also part of my affective memory, of going to the cinema, and I love this place. ”

Kléber Mendonça Filho, filmmaker.

“It was part of my childhood, adolescence and, now, adulthood; I want it to be part of my senior age too ... Glamorous, imperious, spectacular and charming. I am so proud to have the most beautiful cinema of Brazil in my city. Nothing can replace the magic of cinema. Long live São Luiz !!! ”

Daniel Fabrício, spectator.

O Cineteatro São Luiz é um espaço de relevante valor simbólico, patrimonial e afetivo para a população cearense. Inaugurado em 1958, restaurado em 2014 e reaberto em 2015 pelo Governo do Estado do Ceará, vem se consolidando na cena cultural brasileira como um equipamento público, democrático e plural.

Na espiral do tempo, o novo Cineteatro São Luiz destaca-se como importante catalizador das mais diversas experiências artísticas e estéticas, promovendo a criação, a formação e a fruição a diferentes plateias.



Produção

Patrocínio

Apoio Cultural

Apoio Institucional

Realização